

JOSUÉ CARNEIRO

**DA VIDA NO CAMPO Á VIDA NA CIDADE: TRANSFORMAÇÕES
SOCIOESPACIAIS NO MUNICÍPIO DE QUINTA DO SOL: 1970-1980-1990**

MARINGÁ, MARÇO/2010

JOSUÉ CARNEIRO

**DA VIDA NO CAMPO À VIDA NA CIDADE: TRANSFORMAÇÕES
SOCIOESPACIAIS NO MUNICÍPIO DE QUINTA DO SOL: 1970-1980-1990**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Geografia.

Orientadora: Prof.(a). Dra. Ângela Maria Endlich.

MARINGÁ, MARÇO/ 2010

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá – PR., Brasil)

C289d Carneiro, Josué
Da vida no campo à vida na cidade: transformações
socioespaciais no Município de Quinta do Sol: 1970-1980-
1990 / Josué Carneiro. -- Maringá, 2010.
142 f. : il. color.

Orientadora : Prof. Dr. Ângela Maria Endlich.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de
Maringá, Programa de Pós-graduação em Geografia, 2010.

1. Geografia - Ocupação territorial - Quinta do Sol, PR.
2. Geografia - Ocupação do solo - Quinta do Sol, PR 3.
Geografia - Exôdo rural - Quinta do Sol, PR. 4. Geografia -
Socioespacial - Quinta do Sol, PR. 5. Geografia - Quinta do
Sol, PR - Relações de trabalho. I. Universidade Estadual de
Maringá. Programa de Pós-graduação em Geografia. II.
Título.

JOSUÉ CARNEIRO

**DA VIDA NO CAMPO À VIDA NA CIDADE: TRANSFORMAÇÕES
SOCIOESPACIAIS NO MUNICÍPIO DE QUINTA DO SOL: 1970-1980-1990**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação e pesquisa em Geografia da
Universidade Estadual de Maringá, como requisito para obtenção do grau de Mestre em
Geografia.

BANCA EXAMINADORA

MARINGÁ, 2010

Dedico este trabalho

À Fátima, minha esposa, que não poupou esforço e dedicação nos momentos mais difíceis e jamais me deixou desistir de meus sonhos e objetivos.

A João e Luiza, meus amados pais, pelo carinho e educação que me fizeram tornar-se alguém do qual eles tem orgulho.

Aos meus irmãos, que sempre estiveram ao meu lado nos momentos mais difíceis da vida.

A todos que participaram junto comigo desse trabalho e sonham em um mundo mais justo e menos desigual.

À professora Doutora Ângela Maria Endlich, que foi meu suporte e minha estrutura nessa caminhada até a conclusão do nosso trabalho.

AGRADECIMENTOS

Desde o primeiro dia escolar no Ginásio Estadual de Quinta do Sol até este momento tão importante na minha vida, já se passaram trinta e cinco anos de muitos sonhos pessoais e profissionais. A partir dos conhecimentos que adquiri desde a primeira série do Ginásio, passando pelas etapas seguintes até chegar à conclusão deste trabalho aprendi e ensinei, descobri e participei de descobertas importantes, realizei e deixei de realizar algumas coisas, mas nunca deixei de lado o que acho mais importante no ser humano que é valorizar tudo e todos que fizeram e fazem parte da minha vida e, que de forma direta e indireta estiveram comigo nesta caminhada, os quais agradeço a seguir:

Ao senhor Jesus elevo meu agradecimento especial, pois além de amar a todos sem distinção, nos deixou uma mensagem de justiça, fraternidade, igualdade e que todos podem viver em união. Também pela minha vida, por ter colocado no meu caminho pessoas tão especiais como minha família, meus amigos e todos que compartilham bons objetivos.

Aos meus pais João Carneiro Filho (in-memorian) e Luiza Rabelo Carneiro, que sempre lutaram sem medir esforços para que me tornasse um homem capaz de entender que todos são iguais e merecem respeito, e que as oportunidades surgem para serem aproveitadas, mas sem nunca se apropriar ou passar por cima dos direitos dos outros para conseguir algo. Ensinarão-me a viver com dignidade.

A minha esposa Fátima pelo amor, carinho, compreensão e dedicação nas horas que mais precisei todo o meu carinho, amor e respeito.

Aos meus irmãos, que desde a infância, sempre juntos, construímos um caminho valorizando e respeitando o ser humano e suas diferenças. Ajudaram-me em tudo que precisei, ora de forma direta, ora de forma indireta, mas nunca me negaram em momento algum, uma palavra, um gesto, carinho e compreensão.

A todos os meus professores que fizeram e fazem parte da minha vida, desde os primeiros anos escolares até os dias de hoje. Com eles aprendi a me tornar um cidadão consciente de meus direitos e deveres e também a ser alguém que participa da construção e no desenvolvimento do meu país, meu estado, minha cidade natal e minhas raízes.

Ao professor João Bento Góes, orientador no meu primeiro trabalho de pesquisa e que ajudou muito, pois nunca podemos nos esquecer das pessoas que fazem parte da nossa vida acadêmica.

A professora Dra. Ângela Maria Endlich, que quando solicitada para ser minha orientadora, jamais deixou de me ajudar nas dúvidas e questões e sempre esteve presente no desenvolvimento e construção deste trabalho.

A Universidade Estadual de Maringá, uma instituição que alcança respeito nacional e internacional em educação superior e que abriu suas portas para meu trabalho, proporcionando todo o aparato necessário para a construção e desenvolvimento desta pesquisa.

Aos meus colegas da turma de Mestrado, que sem distinção nenhuma, desde o meu primeiro dia como aluno não-regular até a entrada no Programa de Mestrado e Pesquisa me ajudaram em tudo que precisei. Também agradeço pelo companheirismo e pelas experiências compartilhadas durante a realização das disciplinas.

Aos professores: Celene Tonela, Marcio Mendes Rocha e Maria Eugênia, meus primeiros professores no curso de Mestrado e que me ajudaram muito para a conclusão deste, desde o aparato científico, acadêmico, pessoal, até as horas que mais necessitei de suas orientações.

Aos funcionários administrativos e de todos os setores do programa de Pós-graduação e pesquisa em Geografia da Universidade Estadual de Maringá, que quando solicitei alguma informação, documentos ou orientação, sempre foram prestativos.

Aos órgãos do poder público de Quinta do Sol, pois, quando necessitei de informações, documentos, mapas, fotos, dados estatísticos ou qualquer tipo de aparato e suporte para a realização deste trabalho, jamais me negaram ajuda, fazendo de tudo para a conclusão do mesmo.

Ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE - de Campo Mourão, que todas as vezes que precisei de alguma informação, dados estatísticos ou qualquer que seja a natureza do pedido, nunca se negou a me ajudar.

Aos meus queridos alunos, que sempre me deram força e incentivo para continuar o meu trabalho de pesquisa, além de se sentirem felizes, quando eram citados como parte deste trabalho.

A todos os colegas professores, diretores, pedagogos, orientadores, administrativos, serviços gerais, em especial aos meus irmãos professores Lucinei, Laércio, Job, Joel, Jonas, Cleiriane, minha esposa professora Fátima.

Por último, meu agradecimento a você, que faz parte deste trabalho em especial, pois ao tentar citar todos os nomes, cometeria alguma injustiça nesta lista de agradecimentos.

*Nenhuma grande descoberta
Foi feita jamais sem um palpite ousado
Construímos muros demais e pontes de menos.
(Isaac Newton)*

RESUMO

A pesquisa teve como objetivo analisar a forma como ocorreu a ocupação e uso do solo no município de Quinta do Sol - PR -, a situação em que viviam as famílias, bem como os tipos de força e relações de trabalho. Uma grande parcela, não-proprietários de terras, trabalhava nas propriedades vendendo sua mão-de-obra e residindo na área rural desde a emancipação em 1963. Com a crise do café e a introdução de um novo modelo de cultura, juntamente com novos cultivos - soja, milho e trigo - acompanhado de dinâmicas próprio do que se conhece como agro-negócio nota-se então o que chamamos de êxodo rural, ou seja, várias famílias foram demitidas de suas funções no campo e vão se instalar na cidade, modificando todo um processo que envolve a tipologia desta força trabalhadora, provocando aumento populacional alterando as relações de trabalho, afetando diretamente os trabalhadores da zona rural e urbana. Com a introdução da mecanização no campo, várias comunidades do município de Quinta do Sol começaram a sofrer um processo de desintegração e extinção. Essas comunidades tinham uma cultura própria totalmente voltada para a vida rural, com suas festas religiosas, seus momentos de lazer na sede do município de Quinta do Sol, seus costumes no final da tarde e etc. Trata-se então não só de um processo de êxodo rural, mas um fato que alterou significativamente a vida dessas pessoas, levando-as a serem obrigadas a mudar totalmente seu ritmo, seus hábitos cotidianos, enfim algumas pessoas que atualmente vivem na zona urbana do município de Quinta do Sol ainda sentem e não consegue entender como foi tão rápida a mudança pela qual elas passaram. Cada família atingida por este fato, ainda tem na memória saudades dos tempos no campo, das conversas, da amizade, ou seja, guardam consigo resquícios do que para eles na época, ainda era a melhor forma de manter uma qualidade de vida baseada na vida no campo, próximo da natureza.

PALAVRAS-CHAVE

Uso e Ocupação do Solo, Êxodo Rural, Transformações Econômicas, Relações de Trabalho.

ABSTRACT

This research had the objective to analyze how the occupation and the land use in Quinta do Sol city, in the state of Paraná, occurred, the situation in which the families lived as the types of force and labor relations as well. A large portion of non-owners worked on the properties selling its labor force and living in rural areas since the emancipation in 1964. With the coffee crisis and the introduction of a new model of culture, with new crops - soy, corn and wheat - accompanied by dynamic aspects of what is known as agri-business. Then, we can observe what we call as rural exodus, that is, several families have been fired from his job in the country and will move to the city, changing all a process that involves the type of this labor force, causing a population growth by changing the labor relations affecting workers from rural and urban area directly. With the introduction of mechanization in the country, several communities in the city of Quinta do Sol began suffering a process of disintegration and extinction. These communities they had their own culture totally focused on rural life, with their religious parties, their leisure time in the central place of the farm, their customs at the end of the afternoon and so on. Then, it is not only a process of rural exodus, but a fact that changed the lives of these people significantly, leading them to be forced to change their rhythm of live completely as their daily habits as well. At last, some people who currently live in the urban area in Quinta do Sol city still feel for that and can not understand how this change which they lived was so fast. Each family affected by this fact has still got the memory of the country time, the conversations, the friendship, that is, they keep a memory from that time from what they think was still the best way to keep a quality of life at that time.

KEY-WORDS

Land Occupation and Use, Rural Exodus, Economical Transformations, Labor Relations.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Brasil -Taxa de Urbanização por Regiões (%), 1950-2000	47
Tabela 2 - Quinta do Sol - Área colhida, Produção, Rendimento Médio e Valor da Produção Agrícola (Área colhida), 2007.....	63
Tabela 3 - Quinta do Sol - Efetivo de Pecuária e Aves, 2007.....	64
Tabela 4 - Quinta do Sol - População Economicamente Ativa (PEA) por Zona e Sexo, 2000	65
Tabela 5 - Quinta do Sol - Número de Estabelecimentos e Empregos segundo as Atividades Econômicas, 2007.....	67
Tabela 6 - Quinta do Sol - Produto Interno Bruto (PIB) per capita e a Preços Correntes, 2006	68
Tabela 7 - Quinta do Sol - Estrutura Fundiária, 1997-2005	75
Tabela 8 - Quinta do Sol - Estrutura Fundiária, 1970-995	76
Tabela 9 - Quinta do Sol - População Total, Urbana e Rural, 1960-2007.....	79
Tabela 10 - Brasil e Regiões - População Rural e Urbana, 1940-2000 (%)	93
Tabela 11 - Quinta do Sol - Pioneiros - Origem, Saída e Cronologia da Chegada ..	111

|

LISTA DE SIGLAS

ABCD – (Santo André, São Bernardo, São Caetano e Diadema)

ANPEGE – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia

ANPUR – Associação Nacional de Planejamento Urbano Regional

COAMO – Cooperativa Agropecuária Mourãoense

CMNP – Companhia Melhoramentos Norte do Paraná

COMCAM – Comunidade dos Municípios da Região de campo Mourão

CTNP – Companhia de Terras Norte do Paraná

FECILCAM – Faculdade de Ciências e Letras de Campo Mourão

FIBGE – Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

FGV – Fundação Getúlio Vargas

IAP – Instituto Ambiental do Paraná

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

IPARDES – Instituto Paranaense de Desenvolvimento

PEA – População Economicamente Ativa

UEM – Universidade Estadual de Maringá

LISTA DE QUADROS MAPAS E GRÁFICOS

Quadro 1 - Noroeste do Paraná - Meso e Microrregiões.....	27
Quadro 2 - Brasil - Breve Histórico das migrações Internas.....	95
Gráfico 1- Quinta do Sol - População Total, Rural e Urbana, 1960-2007.....	71
Mapa 1 - Quinta do Sol - Estados de origem dos pioneiros	112

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Paraná. Expansão e Povoamento no Norte, 1850-1950	30
Figura 2 - Norte do Paraná - Ocupação e Povoamento, 1940-1950	32
Figura 3 - Visão gráfica em perspectiva panorâmica do sistema de repartição de terras executado pela CMNP	33
Figura 4 - Londrina - Propaganda para vendas de terras, 1941.....	35
Figura 5 - Quinta do Sol - Carta de doação de lote, 1951	37
Figura 6 - Brasil - A Marcha do Povoamento e a Urbanização, 1822	51
Figura 7 - Quinta do Sol - Localização e Limites municipais, 1992	54
Figura 8 - Quinta do Sol - Vista aérea, 2009	55
Figura 9 - Quinta do Sol - Genealogia do município	61
Figura 10 - Quinta do Sol - Planta da cidade, elaborada em 1970	80
Figura 11 - Quinta do Sol - Distribuição da população na zona urbana do município, 2009.....	82
Figura 12 - Quinta do Sol -Setor 5 - Distribuição da População na Zona Urbana1980.	86
Figura 13 - Conjuntos Habitacionais, 1983-2008	88

LISTA DE FOTOS

Foto 1 - Distrito de Quinta do Sol - Igreja, 1960.....	39
Foto 2 - Distrito de Quinta do Sol - Comercial São Jorge, 1960.....	39
Foto 3 - Quinta do Sol - 1º prefeito, 1967	60
Foto 4 - Quinta do Sol - 1ª Câmara de vereadores, 1965	60
Foto 5 - Quinta do Sol - Produção e transporte de hortelã, 1962	70
Foto 6 - Quinta do Sol. Transporte de carga de hortelã, 1965.....	70
Foto 7 - Quinta do Sol - Avenida Centauro, 2008	83
Foto 8 - Quinta do Sol - Bairro da Paineirinha, 2008	84
Foto 9 - Quinta do Sol - Vila dos Índios, 2008	85
Foto 10 - Quinta do Sol - Vila dos Índios, 2008.....	85
Foto 11 - Família do Sr. Otávio Miranda Pinto no Bairro Três Vendas, 1952.....	115
Foto 12 - Quinta do Sol - Procissão de Nossa Senhora de Fátima, 1954.....	116
Foto 13 - Quinta do Sol - Quermesse na paróquia São Judas Tadeu, 1958	116
Foto 14 - Quinta do Sol - Igreja São Judas Tadeu, 1960.....	117
Foto 15 - Quinta do Sol - Igreja São Judas Tadeu, 1972.....	118
Foto 16 - Quinta do Sol - Time de Futebol, 1968.....	120
Foto 17 - Quinta do Sol - Torneio, 1975.....	120
Foto 18 - Quinta do Sol - Moradores reunidos na Avenida Brasil, 1974.....	128

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
NORTE DO PARANÁ.....	26
1. LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA E CONTEXTO HISTÓRICO DE OCUPAÇÃO DAS TERRAS.....	27
O MUNICÍPIO DE QUINTA DO SOL	41
2. O QUE SE ENTENDE POR CIDADE.....	42
2.1. A URBANIZAÇÃO BRASILEIRA.....	47
2.2. APRESENTANDO O MUNICÍPIO DE QUINTA DO SOL	53
2.3. A ECONOMIA, A FORÇA E AS RELAÇÕES DE TRABALHO	68
2.4. O TRAÇADO URBANO E A DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO CONFORME A CONDIÇÃO SOCIOECONÔMICA	79
DA VIDA RURAL Á VIDA URBANA	90
3.1. MIGRAÇÕES E CONDIÇÕES DE VIDA	91
3.2. RURAL/URBANO	96
3.3 - O RURAL	99
3.4. O URBANO	103
3.5. A RELAÇÃO CIDADE/CAMPO	105
3.6. A HERANÇA CULTURAL, O LEGADO DE SAUDADES E OS PIONEIROS DE QUINTA DO SOL	110
3.7. A VIDA URBANA E A SOCIABILIDADE EM QUINTA DO SOL	122
CONSIDERAÇÕES FINAIS	135
REFERÊNCIAS	137
APÊNDICE	142

INTRODUÇÃO

Ao iniciar este trabalho torna-se necessário fazer uma apresentação das principais idéias que foram consideradas no transcorrer da sua elaboração. Destacamos a análise da transição da vida no campo à vida na cidade vivida por grande parcela da sociedade, em especial a população trabalhadora. É fundamental considerar que estas transformações foram geradas pelas mudanças econômicas na região, observadas nesta pesquisa de uma perspectiva socioespacial. Este foi o tema principal deste trabalho. Embora o referido processo de transformação tenha abrangido toda a região, cada município apresenta peculiaridades. Este estudo focalizou as implicações destas modificações em Quinta do Sol. As mudanças na agricultura levaram a toda uma transformação nos espaços que se revelam na ocupação do solo e também nos papéis das localidades. Este foi um dos aspectos desenvolvidos na pesquisa.

Como assinalamos antes, a questão principal abordada no trabalho nos levou a estudar a transição da vida no campo a vida na cidade. Este processo foi analisado, de forma paralela a história da ocupação do município, o desenvolvimento econômico e a mobilidade da população, além de outros processos sociais ocorridos. Observamos a situação em que viviam as famílias, bem como os tipos de força e relações de trabalho, a cultura originária e sua manutenção. Uma grande parcela da população, não-proprietários, trabalhava em estabelecimentos agrícolas vendendo sua mão-de-obra e residindo na área rural desde a década de 1960.

Como aconteceu com a maioria dos municípios no setentrião paranaense, os produtos inicialmente cultivados - no caso de Quinta do Sol: hortelã, café e algodão -, passaram por uma crise e houve a introdução de um novo modelo de cultura, com novos produtos - soja, milho e trigo -, acompanhados de uma série de transformações na técnica de produzir e de administrar a produção que caracterizam o agro-negócio. Nota-se, então, o processo conhecido como êxodo rural¹. Várias famílias foram demitidas de suas funções no campo e instalaram-se na cidade. Com isso, ocorreu um intenso processo de transformação que envolveu esta força trabalhadora e provocou o aumento populacional do núcleo urbano, alterando as relações de trabalho, envolvendo os

¹ Termo pelo qual se designa o abandono do campo por seus habitantes, que em busca de melhores condições de vida se transferem de regiões consideradas de menos condições de sustentabilidade a outras, podendo ocorrer das áreas rurais para os centros urbanos.

trabalhadores da zona rural e urbana. As transformações geradas pelas mudanças econômicas na região que acarretaram mudanças na vida no campo e na cidade vistas de uma perspectiva socioespacial é ponto fundamental deste trabalho.

Assim, os objetivos desta pesquisa consistiram em estudar as transformações na condição de vida da população que vivia no campo do município de Quinta do Sol em decorrência das mudanças econômicas ocorridas em âmbito regional, abrangendo a inversão no local de residência - campo para a cidade -, nas novas relações de trabalho estabelecidas bem como as alterações nos costumes e valores.

Abordarmos a situação em que viviam as famílias que trabalhavam na zona rural do município de Quinta do Sol, atentos a como se definiram as relações de trabalho e, quais foram às transformações ocorridas nesta força de trabalho conforme os ciclos sucessivos econômicos. Observamos a relação da economia com a forma de vida dos trabalhadores e, comparamos com a atual situação dessas famílias.

Tendo em vista objetivos mais específicos, procuramos: sistematizar as transformações ocorridas nas últimas décadas no município de Quinta do Sol devido às mudanças na agricultura - substituição de cultivos, tecnologia adotada, relações de trabalho predominantes e distribuição espacial da população e dinâmica demográfica como um todo -, mostrar de forma detalhada o que representou estas mudanças que alcançam à escala regional na perspectiva da condição social e política na história de vida de algumas famílias, discutir por meio do exemplo de Quinta do Sol e por meio de aspectos urbanísticos - bairros criados para abrigar a população procedente do campo -, como ocorreu a inserção dos novos cidadãos, especialmente em municípios com pequenas cidades, como Quinta do Sol.

Em toda a região Norte do Paraná ocorreram mudanças significativas nas últimas décadas. Elas alteraram não só o perfil econômico da região como afetaram de forma muito expressiva a vida social. Embora seja um processo que envolva toda a região, cada município apresenta peculiaridades. Este estudo focalizou as implicações destas modificações em Quinta do Sol.

Como já nos referimos na parte anterior, estabelecemos como recorte territorial para este trabalho o município de Quinta do Sol. Abordamos, contudo, este município no contexto da região em que ele está inserido. Com isso, não trataremos os processos ocorridos regionalmente como se fossem exclusivos deste município. Ao mesmo tempo, ressaltamos as peculiaridades deste município mediante os processos regionais.

No que diz respeito à metodologia para o desenvolvimento da pesquisa, com o foco nos moradores que ainda estão residindo no município de Quinta do Sol e, que são partes fundamentais para estruturar e fundamentar a pesquisa, por meio de relatos e informações colhidas e historicizadas, utilizamos como procedimentos: Levantamento teórico sobre as transformações urbanas no Brasil, o rural, o urbano e temas afins, uso de várias fontes sobre o município de Quinta do Sol: documentos históricos, fotos antigas e recentes, dados estatísticos, representações cartográficas etc., realização de entrevistas em forma de questionários e gravações.

O uso de fotos ajudou na observação e comparação de vários fatores como: identificação dos cultivos e a vegetação original, famílias pioneiras, festas, enfim aspectos da manifestação da cultura rural neste município.

As entrevistas serviram para compreender a condição atual e anterior das famílias para verificar a situação socioeconômica das mesmas e, qual o grau de satisfação ou insatisfação pessoal e profissional dessas famílias. Estas entrevistas ajudaram a entender como estão vivendo atualmente algumas famílias envolvidas na pesquisa, como: onde estão morando, como vivem, o tipo de relação de trabalho que vivenciam e o que esperam do futuro, levando em consideração todo o processo pelo qual passaram. Esperamos que ao utilizar como procedimento as entrevistas possamos reconstruir as trajetórias destas famílias e, assim, compreender em um foco bastante aproximado o que significou para elas deixar a vida no campo e passar a viver na cidade. Tivemos ainda a constatação de que com esse procedimento ocorreu o estabelecimento de um diálogo entre o entrevistado e o pesquisador, onde foi possível alcançar um ponto de intersecção em que ambos passaram compartilhar algo novo.

Outros procedimentos metodológicos foram utilizados na pesquisa, pois o seu desenvolvimento nos levou a necessidade de incluir elementos que não puderam ser previstos no momento de propor o trabalho, mas, puderam ser vislumbrados com a realização das entrevistas e do trabalho de campo. Portanto a metodologia obedeceu a seguinte ordem: a) Discussão teórica e conceitual sobre o rural e o urbano; b) O uso de documentos; c) O uso de fontes orais.

A História Oral de Vida como procedimento metodológico

A história oral desenvolveu-se inicialmente após a II Guerra Mundial, tendo como grande marco a criação do primeiro projeto formal de história oral, na

Universidade de Columbia, Nova York (GRELE 2001). Deve-se registrar que esse desenvolvimento deu-se através da combinação dos avanços tecnológicos, entre eles o gravador e a necessidade de se conhecer as experiências vividas por ex-combatentes, familiares e vítimas da guerra, através dos relatos orais. “De início a história oral combinou três funções complementares: registrar relatos, divulgar experiências relevantes e estabelecer vínculos com o imediato urbano, promovendo assim um incentivo à história local e imediata” (MEIHY, 1998, p. 22). Para Joutard (2001), a primeira geração de historiadores orais surgiu nos Estados Unidos nos anos de 1950, com o propósito de reunir material para historiadores futuros. Tendo ainda como característica privilegiar a Ciência Política e se ocupar da história dos “notáveis”. Entretanto, na Itália a pesquisa oral foi utilizada para reconstituir a cultura popular, e no México os arquivos orais registravam as memórias e recordações dos chefes da revolução mexicana, sendo estes considerados por Joutard (2001), como a segunda geração dos historiadores orais.

Esta segunda geração foi marcada por uma nova concepção da oralidade, se reportando aos relatos orais das minorias étnicas, dos iletrados, dos marginalizados entre outros. É uma história vista como alternativa a todas as construções historiográficas baseadas no escrito. Desenvolveu-se à margem da Academia, baseando-se implicitamente na idéia de que se chega à “verdade do povo” graças ao “testemunho oral” (JOUTARD, 2001, p. 201).

No Brasil em 25 de junho de 1973, foi criado o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC-FGV), que buscava através dos relatos orais “pensar e entender melhor o Brasil daquele período” (CAMARGO, 1999, p. 23). Cabe pontuar que a história oral no Brasil assim como no restante da América Latina, principalmente nos países que viveram governos ditatoriais, teve sua incorporação associada ao processo de redemocratização, o que diferencia o papel da história oral latino-americana da européia ou norte-americana. Outra diferença entre, a história oral brasileira e a “história oral primeiro - mundista” -, era o fato de não podermos utilizar os mesmos critérios analíticos usados pelos autores estrangeiros para estudar, por exemplo, a escravidão, a miscigenação, os grupos marginalizados e excluídos (MEIHY, 2000, p. 17).

História oral: método, disciplina ou técnica?

A história na própria essência da palavra nos remete a fatos, pessoas, realizações, invenções e muitos outros itens que foram produzidos e continuam em evolução pelo ser humano. Por isso é muito importante o debate e a análise da especificidade da história oral pelos estudiosos para ter clareza quanto ao seu uso nas pesquisas. No entanto, a História oral na sua prática quando colocada em uso, talvez carregue os caracteres como uma disciplina, pois seria impossível chegar aos resultados esperados sem passar pela história de vida de uma pessoa – no caso a História como disciplina -, mas também não poderíamos utilizá-la em qualquer que seja o objetivo sem determinarmos um método a ser seguido sistematicamente para atingir objetivos mais amplos e específicos – nesse caso caberia a história oral como método -; entretanto, no ato da abordagem pelos estudiosos, pesquisadores, escritores e outros diretamente no objeto de estudo ou pesquisa é necessário criar e desenvolver técnicas eficazes de aproximação, pois, não há como extrair hipóteses, experiências, relatos, de pessoas sem um contato direto com a mesma, nesse caso poderíamos enfatizar a importância da técnica adotada para isso – caberia a História oral com uma técnica, como salienta Alberti (1989) quando se refere a esse debate:

Consiste, então, de um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica,...) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, etc... (ALBERTI, 1989,p.52.).

No entanto, as idéias, opiniões, tendências, contradições continuaram a ser desenvolvidas para um entendimento mais preciso do uso da História oral como “disciplina”, “método” ou “técnica” denominada História oral, como descreve alguns estudiosos como Ferreira e Amado (2001):

Em nosso entender, a história oral, como todas as metodologias, apenas estabelecem e ordenam procedimentos de trabalho - tais como os diversos tipos de entrevistas e as implicações de cada um deles para a pesquisa, as várias possibilidades de transcrição de depoimentos, suas vantagens e desvantagens, as diferentes maneiras de o historiador relacionar-se com seus entrevistados e as influências disso sobre seu trabalho - funcionando como ponte entre teoria e prática”. (FERREIRA; AMADO, 2001, p. 16).

Para Ferreira e Amado (2001, p. 31), a divergência entre os que postulam a história oral como disciplina e não metodologia está no fato destes “reconhecerem na história oral uma área de estudos com objeto próprio e capacidade - como fazem todas as disciplinas - de gerar no seu interior soluções teóricas para as questões surgidas na prática...”. Os que defendem que a história oral seja uma técnica, geralmente, são pessoas envolvidas na constituição e preservação de acervos orais. Estes pesquisadores utilizam as fontes orais de forma esporádica, como fontes de informação complementar, o que teoricamente justificaria essa postura (FERREIRA; AMADO, 2001). Entretanto, que a história oral atingiu sua maioria é consensual, pois cada vez mais encontramos pessoas interessadas no tema.

Vidas que compõem histórias

Na pesquisa em desenvolvimento *DA VIDA NO CAMPO À VIDA NA CIDADE: TRANSFORMAÇÕES SOCIOESPACIAIS NO MUNICÍPIO DE QUINTA DO SOL*, as transformações econômicas atingiram e provocaram muitas mudanças para uma grande parcela dos habitantes nas décadas de 1970, 1980 e 1990. Assim, a história oral foi de grande utilidade como instrumento de ligação entre o que aconteceu e o que está posto na atualidade, pois os moradores através de seus relatos orais tiveram a oportunidade de vivenciar através de uma viagem saudosista todas as fases e conseqüências desses acontecimentos que marcaram suas vidas. É claro que não só de momentos positivos a história de vida de uma pessoa foi construída, nesse caso, o relato de uma experiência negativa também poderá fazer com que o entrevistado traga a tona algumas lembranças não muito boas, mas que faz parte desse processo de reestruturação dos acontecimentos.

De acordo com os objetivos da pesquisa, estes relatos contribuíram para que pudéssemos compreender, desde um foco mais aproximado, o que significou o processo de urbanização na perspectiva da condição de vida para a sociedade envolvida neste processo de intensas modificações. Para Alberti (1989, p. 41), “sua especificidade está no próprio fato de se prestar a diversas abordagens, de se mover num terreno pluridisciplinar”. Esta dificuldade está relacionada ao fato da história oral não pertencer a um campo estrito do conhecimento. A própria autora quando se propõe a conceituar a história oral, usa a palavra “arriscando”, quando o faz. Segundo Meihy (1998) “Talvez, em virtude dessa abrangência a história oral comporta três tipos de abordagens, a saber: história oral de vida, temática e tradição oral”.

A história oral de vida particularmente pode garantir a riqueza que a técnica que a história oral por si mesma não possuía nada mais consistente do que uma longa vida que se decifra, com a chancela de um gravador. Segundo Debert (1988), a história oral de vida tem aumentado seu âmbito de atuação, sendo enfaticamente reivindicada por várias disciplinas - História, Antropologia e Sociologia -. A participação do entrevistador nesse caso se tornou muito importante, pois quando veio à tona nas entrevistas algumas particularidades que não dizem respeito ao objeto da pesquisa, o caminho mais propício e interessante foi deixar que a pessoa falasse sem interrupções, pois ela tem uma carga de fatos e experiências que às vezes precisam ser faladas e discutidas com outras pessoas e, que no caso de grande parte dos envolvidos na pesquisa não tem essa chance de contar aos mais novos, os jovens de “hoje”² segundo os entrevistados, as suas trajetórias na vida até chegar a Quinta do Sol e se estabelecerem. No caso de Quinta do Sol, alguns dos entrevistados agiram como se tivessem voltado no tempo, contando fatos e histórias muito interessantes vivenciados por eles. Nada em uma entrevista oral que conta a trajetória de vida de uma pessoa podem ser descartadas, por isso, as ferramentas mais importantes utilizadas foram um gravador e uma agenda de anotações, pois, o que não foi escrito, está gravado. É nesse sentido de preocupação que entrevistador sempre deve estar atento em todos os momentos da entrevista não hesitando em nenhum instante em deixar o entrevistado a vontade para se expressar e, relatar todos os acontecimentos que recordar no ato da entrevista. Para finalizar, este trabalho possui uma característica singular, pois houve ao longo da pesquisa, trocas de informações entre os saberes popular e o saber acadêmico, solidariedade e construção coletiva de saberes que não termina nesta pesquisa, mas, abre discussões e debates para outras pesquisas referentes aos temas propostos e trabalhados no município de Quinta do Sol.

A dissertação, resultante desta pesquisa, foi estruturada em três capítulos apresentados a seguir:

No primeiro capítulo, abordarmos a região Norte do Paraná, isto é, o contexto histórico da ocupação das terras do Norte do Estado através de políticas governamentais instituídas na época e, também de ocupação espontânea realizadas por algumas frentes. Também abordarmos quais os interesses contidos na colonização do Norte do Paraná e

² Segundo os entrevistados os jovens de “hoje” não se interessam em saber como foi a sua história de vida, portanto, eles se sentem esquecidos até pela própria família que não se interessam em saber como era a vida deles.

suas conseqüências. Este capítulo se desdobrou nos seguintes temas: Norte do Paraná – Localização Geográfica e Contexto Histórico da Ocupação das Terras.

No segundo capítulo, abordamos a história da ocupação da região de Quinta do Sol e origem, bem como suas particularidades como o cultivo da hortelã (origem) e rami e as transformações técnicas e sucessivas substituição de ciclos econômicos. Também identificamos e fundamentamos a formação do município (emancipação), além da economia e as relações de trabalho no município periodicamente e as transformações na estrutura fundiária. Apresentamos a cidade de Quinta do Sol através de documentos que remontam a sua história com dados estatísticos e fotos da época. Tratamos da chegada dos novos cidadãos e como tomaram seu lugar ao “Sol”. Analisamos a cidade de Quinta do Sol, incluindo sua morfologia urbana, com o seu traçado que se desenvolveu e constitui-se na forma de organizar a cidade de Quinta do Sol, bem como se convencionou a distribuição da população dentro dessa morfologia e traçado conforme a condição socioeconômica da população. Este capítulo desdobrou-se nos seguintes temas: Apresentação do Município de Quinta do Sol; A economia. A força e as relações de trabalho; Morfologia e traçado urbano e Distribuição e análise da população na cidade.

No terceiro capítulo, procuramos referenciar a urbanização brasileira, pois é a partir da gênese desse fato histórico que o Brasil e, no caso, o Estado do Paraná iniciará toda uma transformação na estrutura rural e urbana dando origem a uma série de conseqüências que afetou principalmente uma grande parcela da população rural do norte paranaense. Neste capítulo, também abordamos as migrações que ocorreram, desde 1950, de nordestinos para o interior de São Paulo e sucessivamente para o Norte do Paraná. Nesse caso, partes desses migrantes chegam à região específica da pesquisa em desenvolvimento, se fixam e iniciam todo um processo de sobrevivência na nova terra, modificando em parte sua cultura, sua força de trabalho, mas mantendo valores dos seus espaços de origem. Nesta parte enfatizamos o rural e o urbano na perspectiva atual. Utilizamos alguns parâmetros teóricos da Geografia tentando relacionar os diversos significados e importâncias do que é rural e urbano. Para finalizar, abordamos o que é uma pequena cidade, tanto na aceitação internacional, como na divisão nacional, regional e local. Procuramos ressaltar a importância da pequena cidade para a população local, e de suas especificidades, tanto na ordem econômica, como na ordem cultural e social. Neste capítulo sistematizamos, ainda, a parte mais próxima, de contato mais

direto com as pessoas que fazem parte da história e da pesquisa sobre o município de Quinta do Sol, baseada na história oral de vida desses cidadãos.

A história oral contada pelos próprios moradores que tiveram a experiência de passar por todos os fatos e transformações ocorridas descritas na pesquisa enriqueceu com esses testemunhos vivos da história. Também enfatizamos a mudança que essa parcela de cidadãos sofreu durante os acontecimentos e, através dos seus relatos formatamos os motivos pelos quais tentam manter ainda uma ligação, mesmo que distante, de sua terra natal e a cultura, cultura pela qual tentam manter através de algumas práticas tradicionais mantidas de geração para geração. Parte da história local está profundamente vinculada a estas histórias individuais. Ela mostra a chegada dos novos cidadãos e como tomaram seu lugar ao “Sol”.

Para finalizar enfatizaremos a condição de vida e a cultura – rural e urbano – da população citadina. Este capítulo desdobrou-se nos seguintes temas: A origem das cidades: apontamentos históricos; A urbanização brasileira; Rural/Urbano; A Herança Cultural e o Legado de Saudades. Em suma a dissertação se compôs por esse conteúdo, salientado que o que se apresentou nesta introdução não tem como objetivo corresponder necessariamente a títulos e subtítulos descritos, mas das idéias que orientaram a redação definitiva do trabalho e que se encontram melhor desenvolvidas oportunamente em cada parte.

A abordagem dos entrevistados

Para a realização das entrevistas com os pioneiros de Quinta do Sol em primeiro plano elaboramos um roteiro de questionamentos que estivesse muito próximo do foco principal da pesquisa, portanto privilegiamos toda a história de vida dos entrevistados, desde a sua terra natal, modo de vida, força de trabalho, motivo da saída, chegada, dificuldades, realizações, alegrias, tristezas, família, saudades, religião, trabalho na nova terra, a produção da hortelã, as transformações ocorridas com a o auge e a crise do café, a nova realidade pós-crise do café, enfim todos os caracteres que fizeram e fazem parte da vida desses cidadãos.

Quanto ao momento da entrevista, os entrevistados ficaram a vontade para contar a sua história, em nenhum momento foram coagidos ou pressionados a participarem da pesquisa. Em comum acordo, resolvemos realizar a entrevista com dois recursos metodológicos: a) anotações de todos os relatos em uma agenda; b) pelo

sistema de gravação, para não perder nenhum dado ou fato importante relatado pelos entrevistados.

Outra importante ação que fez parte desse roteiro de trabalho de campo foi no sentido de entender a necessidade de fazer pausas, pois estamos lidando com pessoas que tem em média 75 a 90 anos de idade. Portanto, algumas entrevistas iniciadas, em alguns momentos paralisaram e continuaram em outra data, dependendo da disposição e saúde do entrevistado. Um fato que achamos muito importante no ato da entrevista foi a vontade que essas pessoas demonstraram de contar para alguém a sua história de vida, em alguns momentos, falaram que se sentiam contentes e felizes por estarem participando da pesquisa.

Todos os pioneiros contatados concordaram espontaneamente em participar da pesquisa se propuseram a contar tudo que sabiam e lembravam e, concordaram em ceder fotos, documentos e objetos para utilização se necessário no trabalho. Esse momento da pesquisa foi talvez o mais interessante, não querendo afirmar que todas as outras fases não tenham sido, mas, no momento em que as pessoas te convidam para sentar em suas casas e se dispõem a ficar talvez três, quatro, cinco horas ou mais, relatando toda uma história de vida construída através de muito esforço e dedicação, com muita saudade da terra natal - alguns deles estão a três mil quilômetros distantes -, nos mostra o quão é importante cultivar as relações pessoais nos dias de hoje. Por esse motivo e outros que surgiram durante as entrevistas entendemos o porquê das pessoas, principalmente as mais idosas, que carregam consigo toda uma enciclopédia cultural, sentirem a necessidade de dividirem a sua experiência adquirida ano após anos.

Desta forma, esses relatos e as fontes históricas foram de muita valia para o desenvolvimento e a fundamentação da pesquisa, pois, quando tratamos de assuntos que nos levam a voltar ao passado cronologicamente e de forma sistematizada, mas, também valorizando a história de vida de cidadãos que tiveram toda a sua vida transformada a partir de 1950 tivemos que ter muito cuidado para não deixar se perder nada nas entrevistas realizadas, por isso adotamos nesta fase da pesquisa a História Oral como método principal.

Como podemos observar neste roteiro inicial de entrevistas, os quatro pioneiros Raimundo da Silva, Paulo Martins Netto, Adelino Alves Cordeiro e Otávio Miranda Pinto se dispuseram espontaneamente a responder os questionamentos, notamos que eles têm uma memória muito boa, apesar de terem em média mais de 70 anos conseguiram esclarecer com detalhes acontecimentos importantes que marcaram sua

vida e a de muita gente que junto com eles vieram em busca de melhores condições sociais. A escolha desses pioneiros seguiu um planejamento previamente organizado onde de comum acordo procuramos contemplar moradores de todas as áreas da cidade com o intuito de melhor explicitar as transformações ocorridas durante a época em questão e como essas famílias sofreram as consequências desses acontecimentos.

É importante ressaltar que muitos dos entrevistados não conseguiram atingir o seu objetivo inicial quando vieram para o Norte do Paraná, especificamente para Quinta do Sol, mas não quiseram retornar à terra natal entendendo que mesmo com todas as dificuldades encontradas e que ainda iriam encontrar, seria melhor ficarem, pois construíram laços de amizade e de respeito com diversas famílias, além de constituírem valores humanos que para eles são muito valiosos.

NORTE DO PARANÁ

1. LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA E CONTEXTO HISTÓRICO DA OCUPAÇÃO DAS TERRAS

O Norte do Paraná é dividido em três áreas geográficas quando abordamos a sua colonização: Norte Pioneiro (Norte Velho) que vai da divisa do Nordeste de São Paulo até o rio Tibagi; O Norte Novo delimitado pelos rios Tibagi, Ivaí e Paranapanema; O Norte Novíssimo que vai do rio Ivaí até o Paraná e ao Piquiri¹. Conforme a divisão do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a grande região Norte do Paraná é dividida em três mesorregiões, a qual é subdividida em treze microrregiões, conforme podemos observar no quadro a seguir:

Mesorregiões	Microrregiões
- Noroeste	- Paranaíba, Umuarama e Cianorte.
- Centro Ocidental	- Goioerê e Campo Mourão.
- Norte Central Paranaense	- Astorga, Porecatu, Floraí, Maringá, Apucarana, Londrina, Faxinal e Ivaiporã.

Quadro 1 - Noroeste do Paraná - Meso e Microrregiões

Fonte - IBGE

A divisão do Norte do Paraná em Meso e Microrregiões obedecem a critérios estabelecidos pelo IBGE do ponto de vista político-administrativo e também pelo critério da formação desses municípios com histórico semelhante. Mas, sabemos que mesmo havendo muitas semelhanças entre estes municípios, as particularidades entre os mesmos são inevitáveis. Portanto, é nesse universo de vários municípios com formação histórica semelhante, mas com particularidades específicas únicas que fizemos o recorte geográfico para o desenvolvimento da pesquisa - o município de Quinta do Sol -, o qual está detalhado em uma parte específica deste trabalho.

Quando abordamos a ocupação das terras do norte do Estado torna-se necessário entendermos como aconteceu a ocupação e a colonização desta região, pois muitos elementos e fatores fizeram com que esta parte do estado do Paraná viesse a ser alvo de interesses diversos, tanto governamentais como de empresas particulares interessadas em capitalizar seus investimentos. Também não podemos nos esquecer das frentes pioneiras que vieram de outros estados do Brasil e contribuíram de forma decisiva para

¹ France. 1980, p. 17.

a colonização do Norte do Paraná. Ainda no século XVI esta região foi disputada por portugueses e espanhóis, e a partir dessa disputa territorial foram criados vários caminhos alternativos para incursões através de picadas, vias fluviais e vias primitivas, todos formados com objetivos diversos. Um dos caminhos mais conhecido na região Norte do Paraná é o Caminho do Peabiru (para os jesuítas se chamava São Tomé), sobre esse assunto manifesta Endlich (2006) quando trata da ocupação das terras pertencentes ao atual Norte do Paraná segundo sua origem, diz:

Esta região foi parte do processo de disputa entre hispânicos e portugueses no século XVI. Registraram-se várias incursões pelo interior, por caminhos fluviais, picadas e vias primitivas, como o conhecido Caminho do Peabiru (São Tomé para os jesuítas), por onde transitaram diversas personalidades (Cabeza de Vaca, Hans Staden, entre outros), cujos nomes contam da história oficial. (ENDLICH, 2006, p. 55).

Ainda nesse sentido, quando tratamos do surgimento das primeiras povoações criadas no Norte do estado pelos diversos exploradores da época, Endlich (2006) aponta sobre a atuação dos espanhóis na região, principalmente na fundação de povoados e na criação das reduções²:

Os espanhóis estabeleceram, na segunda metade do século XVI, as povoações de Ciudad Real del Guayrá (anteriormente Ontiveros) e Vila Rica del Espíritu Santo. As dificuldades em submeter os indígenas originaram as reduções jesuítas, a maioria localizada às margens dos rios (Paranapanema, Pirapó, Ivaí, Piquiri e Iguaçu, entre outros) [...]. (ENDLICH, 2006, p. 55).

No século XIX, a partir de 1840, quando ocorreu a ocupação mais efetiva no Norte do estado, duas iniciativas concomitantes e independentes deram início à ocupação do território³: a) a necessidade estratégica de ligar o litoral brasileiro à longínqua Província de Mato Grosso; b) a passagem de tropeiros e/ou latifundiários mineiros pelo registro do Itararé. O desejo de apossar-se de terras novas e férteis levou-os a iniciar a organização de posses de terras na região.

Em 1850, por iniciativa particular do Barão de Antonina, na margem direita do rio Tibagi, começaram os estudos preliminares para a instalação de um novo povoado.

² Wachowicz, 1988, p. 25-36.

³ WACHOWICZ, Ruy Christovam. História do Paraná. 10. Ed. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2002. (p.241).

Oficialmente a Colônia Militar de Jataí⁴ criada por ordem do governo imperial tem sua fundação em 1855. Logo em seguida surgiram às colônias militar de São Pedro de Alcântara e de São Jerônimo, com a finalidade de fiscalizar o trânsito de tropas e mercadorias para o Mato Grosso e Paraguai⁵. Com a presença de um povoado na região Norte Pioneiro do Paraná algumas expedições passaram a utilizar esse trajeto para chegar ao Mato Grosso, estando cientes da segurança e da não presença de índios hostis por esse caminho. Este acontecimento fez com que em 1850 inúmeras expedições utilizassem esse trajeto para chegar ao estado de Mato Grosso. Esta foi uma das primeiras formas de ocupação no Norte do Paraná, ainda que dirigida por empreendimentos particulares e interesses militares.

Já no final do século XIX e início do século XX o Norte do Paraná passou pelo processo do avanço das frentes pioneiras⁶ mais efetivas, promovendo uma integração econômica mais articulada, contando com um mercado consumidor e um sistema de transporte que facilitava o escoamento dos produtos, principalmente a criação de suínos⁷.

No início do século XX, na segunda década -1924 -, a convite do Presidente da República Arthur Bernardes, chegava uma missão inglesa para estudar a situação financeira e comercial do país. A missão tinha como objetivo realizar estudos com o intuito de reformular o sistema de arrecadação de impostos federais. Esse grupo de economistas ficou conhecido como “Missão Montagu”. A presença de Lord Lovat, um dos integrantes da missão, se limitou a estudar as terras da região, sua fertilidade e a possível condição de produzir algodão para suprir as necessidades da indústria de tecelagem na Inglaterra. De São Paulo, Lovat foi atraído por fazendeiros paulistas para conhecer o Norte do Paraná e ficou impressionado com a fertilidade das terras roxas da região.

Diante desse cenário os ingleses resolveram adquirir terras em São Paulo e no Norte do Paraná a fim de produzir algodão, fundando assim a “Companhia de Terras Norte do Paraná” - CTNP -, que seria uma subsidiária da “Brazil Plantations Syndicate”

⁴ Decreto Imperial nº 751 de 2 de Janeiro de 1851.

⁵ ENDLICH, 2006, p. 56

⁶ Martins, 1982. Quando defende que frente pioneira define-se como um movimento com forma empresarial e capitalista de ocupação do território.

⁷ Wachowicz, p. 175-178. Explica como funcionava esse sistema de criação de suínos denominados “Safrá” e do produtor “safrista” e também esclarece sobre a articulação entre o mercado consumidor, o sistema de transporte, bem como da derrubada e queimada da mata para produção de milho para consumo dos próprios suínos.

para atuar no Brasil e, especificamente no Norte do Paraná, como podemos observar na figura sobre a expansão e povoamento no Norte do Paraná:

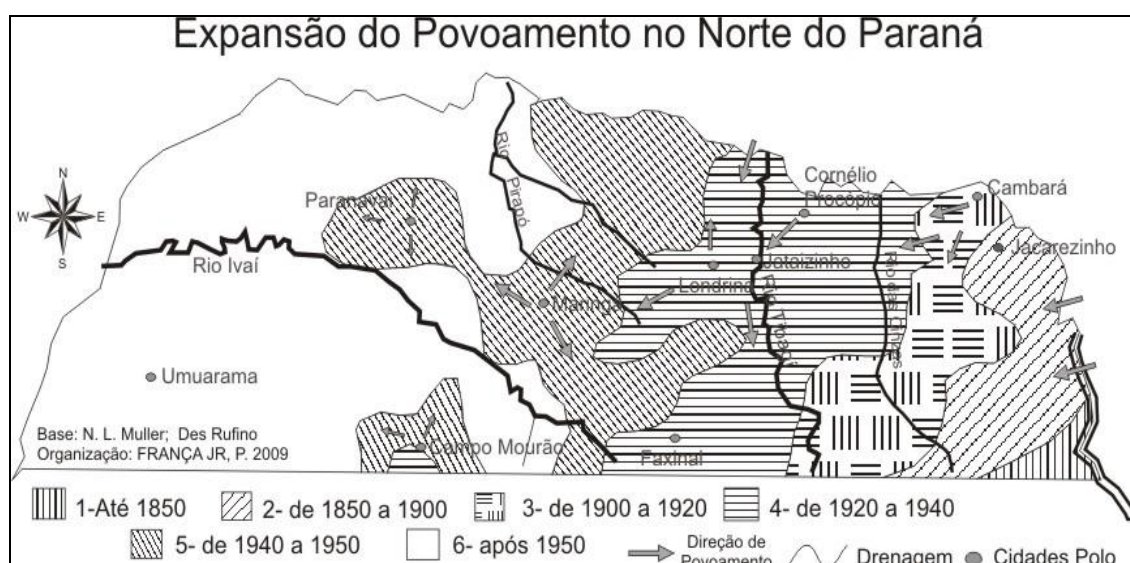


Figura 1 - Paraná. Expansão e Povoamento no Norte (1850-1950):

Extraído de - Wachowicz, 1988, p. 256.

Elaborado por - FRANÇA JR. P. (2009).

Organizado por - CARNEIRO, J. (2009).

A partir da compra de glebas para os ingleses pela Companhia de Terras Norte do Paraná - CTNP -, entre os rios Tibagi, Ivaí e Paranapanema, inicia-se o modelo de ocupação a partir do Norte Pioneiro ou Norte Velho em direção ao interior do Norte do Estado. O Norte do estado do Paraná presenciou nas últimas décadas do século XX, especialmente no Norte Novo e Norte Novíssimo, muitas mudanças na estrutura do uso do solo e na estrutura fundiária, ocasionando movimentos de população de grande envergadura no âmbito municipal e regional.

No caso da ocupação da região Norte do Paraná, somente quando novas estruturas começavam a se formar, é que outras regiões do Paraná seriam efetivamente ocupadas e partilhadas pelos proprietários privados, pois antes disso havia somente interesse em ocupar as terras do litoral e do Oeste paranaense. Nesse contexto deu-se início a frente pioneira constituída por fazendeiros, grandes proprietários isolados, que com suas famílias e empregados, espontaneamente, procuravam terras no Norte do Paraná para plantar café e, em menor escala, para a criação de gado.

Contudo a penetração em território paranaense somente ganharia expressão como onda povoadora, no início do século XX, quando a conjuntura nacional tornaria

preferida para o cultivo de café, as terras férteis da região. Sobre a formação do complexo cafeeiro capitalista Endlich (2006) explica:

A formação do complexo cafeeiro capitalista foi possível devido a uma série de fatores, dentre os quais se destaca a disponibilidade de terras férteis, como as do setentrão paranaense, consideradas como fronteiras para o avanço do café. A manutenção da produção brasileira de café esteve atrelada à possibilidade de sua expansão geográfica para terras novas e férteis que asseguravam altos índices de produtividade. Deste modo, as modificações na estrutura de produção podem ser apreendidas no percurso de sua trilha geográfica e lidas por meio do espaço produzido. (ENDLICH, 2006, p. 66).

Nota-se então segundo a autora, que um dos fatores que propiciou a formação de um complexo cafeeiro pronto para ser desenvolvido no Norte do Paraná era a presença em grande escala numérica de terras férteis, principalmente a terra roxa na região. O Paraná, por não haver ainda ultrapassado as suas quotas de produção, estava fora do alcance das leis restritivas ao plantio de café, advindas das crises de superprodução, não incidindo com seus cafeeiros as taxas que já gravavam aqueles do Estado de São Paulo.

A colonização dirigida, no entanto, quer por empresas privadas, quer pela iniciativa oficial, seria, sobretudo, realizada entre a margem esquerda do rio Tibagi e nas barrancas do rio Paraná. Também os povoadores viriam através do rio Paranapanema, trazidos pela ação das companhias colonizadoras que revelavam a exuberância e a fertilidade das terras do Norte do Paraná, que também organizava o fluxo migratório e a efetiva ocupação da terra, conforme podemos observar na figura 2 que destaca a ocupação efetiva realizada no Norte do Paraná nas décadas de 1940 e 1950:

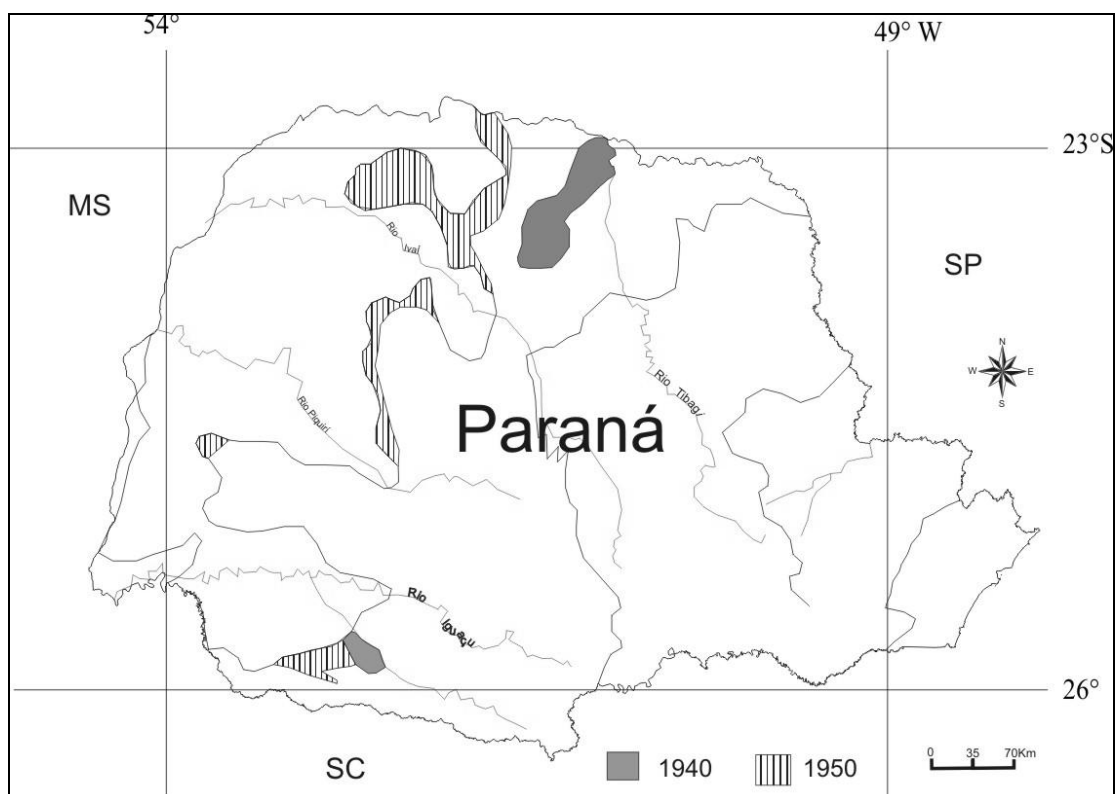


Figura 2 - Norte do Paraná - Ocupação e Povoamento, 1940-1950:
 Fonte - Extraída de Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP).
 Elaborado por - FRANÇA, JR. P. (2009).
 Organizado por - CARNEIRO, J. (2009).

A Companhia de Terras Norte do Paraná contando com técnica superior às outras companhias, organizou em moldes modernos, a colonização da imensa área que alcançaria 515 mil alqueires⁸, dividindo-se em zonas, que após os serviços de medição e demarcação, abertura de picadas e estradas, eram sucessivamente colocadas a venda. Tibagi e Pirapó foram as primeiras zonas colonizadas, pois estavam situadas próximas ao escritório central da companhia, localizado na área de Londrina. Depois foram as zonas de Rio Bom, Primitiva e Paranhos, finalmente a zona do Ivaí. Estas zonas foram divididas em glebas e as áreas reservadas à localização de patrimônios e cidades, e em lotes coloniais, cujo tamanho médio, nas terras da companhia, era de 15 alqueires em média. Podemos observar na figura 3 que os lotes foram organizados em faixas alongadas e planejados com frente para a estrada que passava no alto do espigão com aguadas nos fundos, nos vales:

⁸ Havia muitos outros grupos estrangeiros de investimento atuando no Brasil além dos ingleses, mas, o maior número era de grupos ingleses entre eles a CTNP.

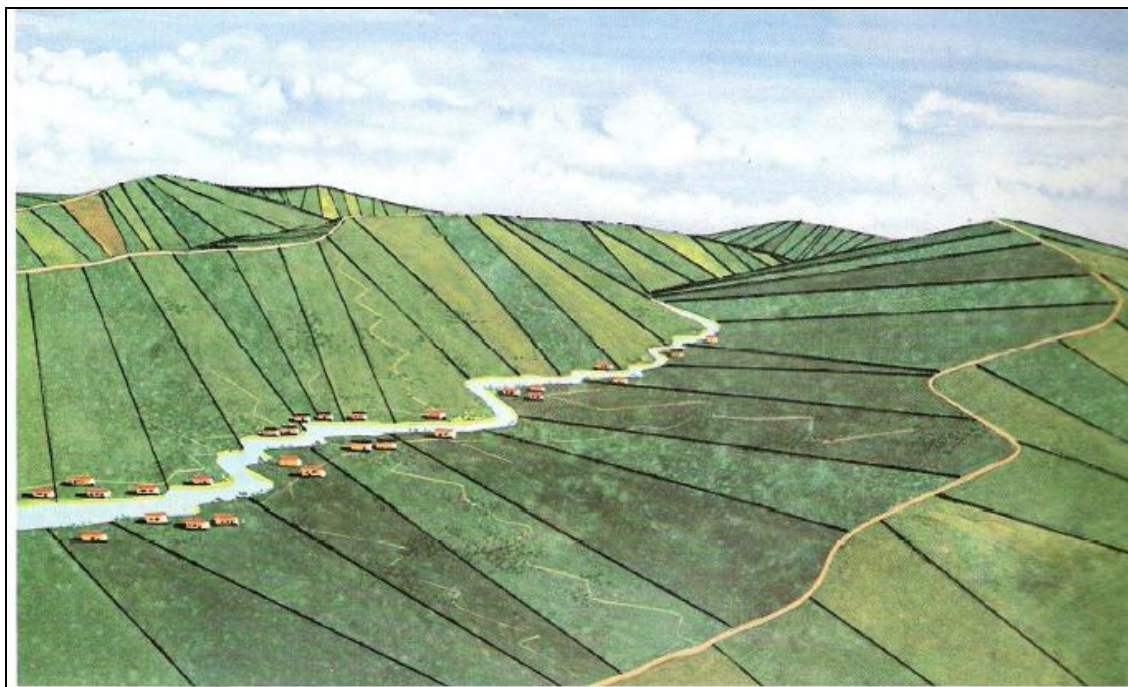


Figura 3 - Visão gráfica em perspectiva panorâmica do sistema de repartição de terras executado pela CMNP.

Fonte: (CMNP, 1975, p. 122)

Nesse período já havia ocorrido a transição do trabalho escravo para o trabalho livre no Brasil. Portanto, não havia propriedades escravagistas. Intensa propaganda acerca do Norte do Paraná e das condições da colonização foi realizada pela Companhia, sobretudo através de jornais de grande circulação, principalmente em São Paulo, com o objetivo de atrair colonos nacionais. A aquisição de lotes rurais era facilitada em prestações, até quatro anos, com juros de 8% ao ano, e a dos lotes urbanos (datas), com prazo de pagamento de até dois anos. Ao comprador era exigida a reserva de 10% na propriedade de área florestal. A Companhia prestava ainda, transporte e assistência para a instalação inicial dos colonos.

O jornal era o instrumento mais utilizado pela Cia. de Terras Norte do Paraná para atrair compradores para o progresso e modernidade, nele destacava-se ainda a chance de ganhar muito capital com terras de ótima qualidade. Desse modo, a CTNP utilizou por muitas décadas cartazes, panfletos e ilustrações para atrair investidores e a divulgação do novo Eldorado. Durante anos a CTNP esteve divulgando para todas as regiões do Brasil a chance de construir uma vida melhor no que se apresentava como sonho de riqueza no Norte do estado do Paraná, levando a todos os cantos do Brasil e do exterior a oportunidade de obtenção de lucro fácil.

O progresso apareceu nos relatos divulgados nos jornais lembrando de forma mais incisiva ao futuro comprador, que ao adquirir lotes das terras da CTNP, estaria presente a colonização moderna, riquezas e a civilização no sertão. Sobre este aspecto percebemos a preocupação em retirar esta região da denominação de “Sertão” através de folhetos que diferencia essa questão: “onde há três anos era sertão, hoje é progresso, trabalho, estradas admiráveis, terras intensamente cultivadas e um novo município com seu aparelhamento judiciário e administrativo”.⁹

É neste cenário de oportunidades de enriquecimento fácil e probabilidades de se tornar dono de grandes lotes de terras que o Norte do Paraná se apresentava ao “público alvo” referenciado pela CTNP. Nesse contexto, a procura por terras rentáveis tornou-se um bom negócio aos investidores na região. Surgiram então, novas ondas migratórias, principalmente de nordestinos, contratados pelos novos fazendeiros no Norte do estado, para abrir as matas e preparar o terreno para a cultura do café. Antes do plantio quando a terra estava preparada, cultivavam a hortelã, que servia para amaciamento do solo antes do plantio dos pés de café.

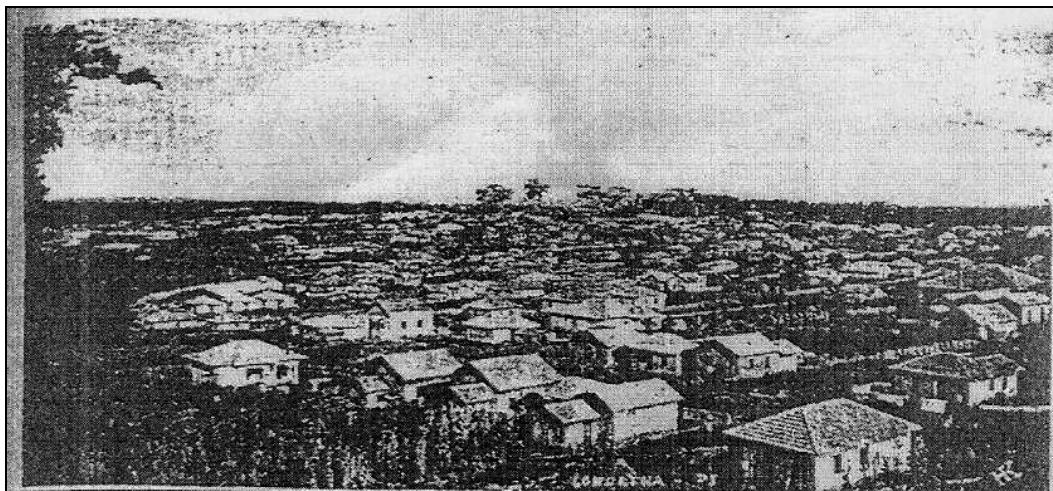
Podemos observar na figura 4, - p. 33 -, utilizada pela CTNP que a propaganda veiculada no Jornal Norte do Paraná para atrair compradores e incentivar investimentos na região, utiliza uma técnica de valorização do lote a ser comprado, mostrando toda uma infra-estrutura montada para atender ao novo proprietário, além de garantir o bom rendimento do investimento, usando testemunhos de pessoas que compraram e se deram bem no Norte do Paraná. Também utiliza a fertilidade do solo para atrair compradores e investidores e, os recursos naturais como a água.

Até o ano de 1943, a Companhia de Terras Norte do Paraná - CTNP - vendeu cerca de 117 mil alqueires de suas terras. Dez anos depois, em 1953, haviam sido vendidos cerca de 400 mil alqueires, divididos em 26 mil lotes agrícolas em média, cuja área não excedia a 15 alqueires. Nesse mesmo ano, em média, quatro famílias estavam localizadas em cada lote, ou seja, 100 mil famílias aproximadamente estavam na área rural colonizada pela Companhia¹⁰.

O cartaz a seguir representa o mecanismo que a Companhia de Terras Norte do Paraná - CTNP - utilizava para divulgar seus investimentos para a população, o jornal:

⁹ Paraná Norte, Londrina 7 de Abril de 1935.

¹⁰ WACHOWICZ, Ruy Christovam. História do Paraná. p. 259.



Vista parcial da cidade de LONDRINA

SINTA A ALEGRIA DE VIVER E PROSPERE NO NORTE DO PARANÁ

PARA que se possa bem ajuizar das possibilidades incomensuráveis do Norte do Paraná, à presente data (Agosto, 1941) é preciso "ver para crer" ou, então, ter conhecido outras terras e confronta-las. Na realidade terras tão produtivas, dificilmente se encontram. Daí o êxito da Companhia de Terras Norte do Paraná, a maior empresa colonizadora de América do Sul, cujas vendas, atingiram 76.000 alqueires! Proprietária de uma área de 500.000 alqueires (1.200.000 hectares) de terras fertilíssimas, adequadas para qualquer cultura, situadas nas bacias dos rios Paranapanema, Tibagi, Pirapó e Ivai, no Norte do Estado do Paraná, judicialmente divididas e todas adquiridas diretamente do Estado do Paraná, a Companhia de Terras Norte do Paraná oferece, por todas as razões, as melhores vantagens, tais como:

- 1.º TÍTULOS DE DOMÍNIO ABSOLUTAMENTE SEGUROS;
- 2.º FERTILIDADE E SALUBRIDADE;
- 3.º ESTRADA DE FERRO E BOAS ESTRADAS DE RODAGEM;
- 4.º ÁGUA DE UMA PUREZA INVULGAR.

O testemunho insuspeito e entusiasta dos ditos compradores de nossas terras, constituem a comprovação incontestável das nossas afirmações.

Cia. de Terras Norte do Paraná

Sociedade Anônima, com sede em LONDRINA, Estado do Paraná, Brasil.
Capital realizado Rs. 18.500.000\$000.

Solicitem informações no seu escritório em São Paulo à
RUA SÃO BENTO N.º 329 — 8.º andar — Caixa Postal 2771.

Nota—Nenhum agente de vendas está autorizado a receber dinheiro em nome da Cia.

Fonte: O Norte do Paraná. Companhia de Terras Norte do Paraná. Panfleto Publicitário. Londrina: [194-]

Figura 4 - Londrina. Propaganda para vendas de terras, 1941.

Fonte: Tomazi (1987).

A iniciativa da Companhia de Terras Norte do Paraná e de outras companhias colonizadoras particulares fez povoar densamente a região. Os povoadores recém chegados eram, sobretudo, paulistas, mineiros e nordestinos. Colonos estrangeiros de variadas origens e procedência, também se estabeleceram no Norte do Paraná, muitos espontaneamente, outros dirigidos por companhias colonizadoras. "Com a Segunda Guerra mundial em franco desenvolvimento e por motivo de segurança nacional o

governo brasileiro proibiu a posse de propriedade estrangeira de terras brasileiras” (PADIS, 1981, p. 91).

Os ingleses, com as imposições do governo brasileiro, resolveram então vender a CTNP em 1944 para um grupo de empresários brasileiros interessados em explorar melhor o negócio de vendas de lotes rurais, porém, desta vez, com o intuito de abrir ramos de negócios no Norte do Estado para a agricultura, a pecuária e o desenvolvimento industrial. Assim nascia a Companhia Melhoramentos Norte do Paraná - CMNP -, com sede na cidade de Londrina e com objetivos já propostos para o desenvolvimento da região a partir da fundação de várias cidades núcleos que serviriam de suporte para esse novo tipo de investimento. Endlich (2006) ao tratar da atuação desta companhia quanto ao planejamento e a organização da estrutura necessária para atender o novo modelo produtivo para exportação, ressalta:

Esta companhia diferenciou-se das demais colonizadoras porque não restringiu a criar cidades isoladas, mas planejou um conjunto de cidades, bem como as devidas articulações entre os diversos núcleos urbanos e estabelecimentos rurais, por isso, considera-se que a região decorre de um planejamento. (Endlich, 2006, p. 77).

A ação do Estado foi relevante quanto à regulamentação da transmissão das terras. Destaca-se, ainda, o papel do mesmo como intermediário na definição de preços e políticas em relação à cafeicultura. As políticas de racionalização deste cultivo - café - decorreram especificamente da ação do estado para o setor¹¹. Surgiram então cidades como: Londrina (1930), Rolândia (1943), Apucarana (1943), Cambé (1947), Arapongas (1947), Mandaguari (1947), Maringá (1947), Jandaia do Sul (1951), Cianorte (1953), Umuarama (1955), etc. Cada cidade núcleo fundada ficaria a uma distância de aproximadamente 100 quilômetros uma da outra. Entre essas cidades foram fundados centros urbanos comerciais de menor importância, em média de 15 a 15 quilômetros uns dos outros. Todas as cidades de maior porte com distância de 100 a 100 quilômetros foram planejadas antecipadamente, com aspectos de cidade moderna, bem traçadas geometricamente e de aparência agradável¹².

Com a fundação dessas cidades núcleos modelo, criadas pela CMNP responsáveis pelo suporte técnico para o desenvolvimento do Norte do estado, também

¹¹ ENDLICH e MORO, 2003, p. 13.

¹² Ver Whachowicz, Rui Christovam que trata da fundação desses núcleos fundados e de sua morfologia para receber e atender a demanda imobiliária e comercial no Norte do Paraná. p 259.

ocorreu a partir de 1943, o surgimento de vários núcleos povoadores entre essas cidades, que sem planejamento deu origem a um imenso número de pequenas cidades, localizadas entre a delimitação planejada pela CMNP. Um exemplo disso é o surgimento do município de Quinta do Sol em 1951, com a demarcação do lote cedido pelo Senhor José Lupion Junior, irmão do então governador do Paraná, Moisés Lupion e proprietário de grande parte de lotes rurais localizados na região, o qual só o fez para investimento imobiliário conforme a figura 5, que mostra a carta de doação da gleba para a criação do município:

H A V E R Á finalmente, para completar o seu pagamento, os lotes de terreno urbano que constituem a sede da cidade de Quinta do Sol, d'este Estado, sem benfeitorias, demarcados dentro de maior área do lote rural nº 42, gleba 8 da Colônia Mourão, inscritos em 30/11/19 Livro 8, sob n. 5, às fls. 99, do registro imobiliário da Comarca de Campo Mourão, com as seguintes características, a saber: Quadra 46, lote (20); Quadra 47, lotes (19) e (20); Quadra 48, lotes (14) e (17); Quadra 50, lote (20); Quadra 51, lotes (19) e (20); Quadra 52, lote (20); Quadra 53, lotes (10), (13) e (18); Quadra 54, lotes (3), (2) e (1); Quadra 55, lote (17); Quadra 56, lotes (10) e (12); Quadra 57, lote (18); Quadra 58, lotes (13), (15), (16) e (17); Quadra 59, lotes (17), (19) e (20); Quadra 60, lotes (15), (16) e (17); Quadra 62, lotes (19) e (20); Quadra 64, lote (12); Quadra 65, lote (12); Quadra 66, lotes (17) e (20); Quadra 67, lotes (12), (13) e (14); Quadra 68, lote (20); Quadra 70, lotes (14) e (15); Quadra 75, lote (13); Quadra 78, lotes (13) e (19); Quadra 88, lotes (10) e (11); Quadra 94, lote (15); Quadra 96, lote (13); Quadra 105, lotes (3), (4) e (5); Quadra 109, lotes (1), (3) e (5); Quadra 110, lote (14); Quadra 111, lote (18); Quadra 112, lotes (12) e (3); Quadra 114, lotes (3) e (5); Quadra 115, lotes (16) e (17); Quadra 117, lote (13); Quadra 118, lotes (16), (18), (19) e (20); Quadra 119, lotes (12), (13), (14) e (15); Quadra 1-A, lote (4); Quadra 1, lotes (16) e (18); Quadra 2, lote (17); Quadra 3, lote (6); Quadra 4, lote (15); Quadra 7, lotes (2) e (9); Quadra 9, lote (17); Quadra 10, lote (1); Quadra 11, lote (8); Quadra 12, lote (11); Quadra 15, lotes (13), (14) e (16); Quadra 16, lotes (15), (16) e (17); Quadra 19, lotes (2), (4) e (10); Quadra 20, lote (9); Quadra 21, lotes (9) e (10); Quadra 22, lote (6); Quadra 25, lote (10); Quadra 26, lotes (9) e (10); Quadra 27, lotes (9) e (10); Quadra 29, lote (10); Quadra 30, lotes (9) e (10); Quadra 31, lotes (5) e (6); Quadra 32, lotes (7) e (9); Quadra 33, lotes (1) e (2); Quadra 34, lotes (6) e (7); Quadra 35, lotes (13) e (14); Quadra 36, lotes (13) e (14); Quadra 37, lotes (1), (3) e (4); Quadra 39, lote (14); Quadra 40, lote (14); Quadra 43, lotes (12), (13) e (14); estimados em Cr\$ 50.400,00 (cinquenta mil e quatrocentos cruzeiros), igual quantia.-----

PAGAMENTO. feito ao herdeiro JOSE LUPION JUNIOR, casado, de sua legítima no valor

Figura 5 - Quinta do Sol. Carta de doação de lote, 1951.

Fonte - Acervo particular do Sr. Raimundo Targino de Mello, localizado na Prefeitura Municipal.

O município de Quinta do Sol, ainda que não tenha sido parte desta ocupação inicial do Norte do Paraná, teve a sua ocupação também definida por esse impulso gerado pela cafeicultura e que resultou por toda a região em diversos empreendimentos colonizadores. Pois como já dissemos anteriormente, surgiram inúmeras pequenas cidades em torno das já previamente planejadas pela CMNP e, dentro desse cenário, tem-se a fundação de Quinta do Sol. Endlich (2006) discorre sobre o surgimento desses pequenos núcleos, na qual a autora cita como localidades na formação da rede urbana regional:

A estas localidades criadas por esta empresa, ou por terceiros em suas terras, somam-se muitas outras no setentrião paranaense. E a rede urbana regional possuía, além daquelas localidades que conseguiram se emancipar (cuja sede é considerada uma cidade para os parâmetros legais brasileiros), uma série de outros núcleos menores: os numerosos *patrimônios*¹³, que em geral contavam com capelas, escolas, estabelecimentos comerciais de secos e molhados – *as vendas*¹⁴. ENDLICH (2006, p. 79).

No caso da construção do espaço social citado pela autora, podemos dizer que as localidades que surgiram nesse contexto criavam e transformavam o espaço social conforme as necessidades básicas da época, pois essa estrutura já existia com a construção de igrejas, estabelecimentos comerciais de secos e molhados, escolas, etc. Essa estrutura assinalada pela autora já existia nessas localidades enquanto ainda eram distritos que faziam parte da rede já consolidada, conforme ressalta Endlich (2006, p. 79): “Na realidade municípios recentemente desmembrados já existiam enquanto distritos, compondo a rede de localidades existentes no âmbito intramunicipal”. Nesse caso, Quinta do Sol que contava com parte dessa infra-estrutura, mesmo que comedida, mas que atendia a população local, conforme podemos observar nas fotos 1 e 2:

¹³ Grifo da autora para diferenciar em sua tese as localidades fundadas e atualmente emancipadas das que além de emancipadas prosseguem com população inferior a 50 mil habitantes.

¹⁴ Nesse caso Endlich usou a palavra em itálico para referenciar o estudo feito Nas Águas de Lobato (Lupion, 2003) que trata especificamente dessas localidades, freqüentemente denominadas com nomes de rios e córregos locais e, sobre a construção do espaço social que representava essas localidades como as vendas ou empórios.



Foto 1 - Distrito de Quinta do Sol. Igreja 1960.
Fonte - Acervo particular da Sra. Maria José do Carmo.



Foto 2 - Distrito de Quinta do Sol. Comercial São Jorge, 1960.
Fonte - Ruben Lopes/Prefeitura Municipal.

Na sequência detalharemos um pouco mais como ocorreu a ocupação do território e a emancipação deste município. Como podemos observar a partir de 1943 a onda povoadora se expandiu pelo Norte do Paraná atraindo inúmeros trabalhadores e investidores para a região. É nesse cenário, que se iniciou a colonização e fundação do município de Quinta do Sol que, em sua maior parte, vai ser formado por migrantes nordestinos, paulistas, paranaenses e mineiros, grupos que fizeram parte desta história nesta pesquisa.

O MUNICÍPIO DE QUINTA DO SOL

2. O QUE SE ENTENDE POR CIDADE

Para entender o que é uma cidade e para que ela sirva não poderíamos nos deter a um conceito único, pois existem diversos estudos realizados que tentam explicitar a definição mais prática desse assunto, por isso tivemos que referenciar nossas preocupações para entender este “conceito”, ou “parâmetros”, dependendo da reflexão e da forma como ela foi sendo entendida durante séculos e, a partir daí podermos iniciar um entendimento, que não foi o único, mas que nos auxiliou neste trabalho.

Por isso resolvemos utilizar como referência nesta parte do trabalho quando nos referirmos as discussões teóricas os conceitos ou parâmetros já criados e, a partir desses conceitos ou parâmetros idealizados por diversos autores iniciamos uma discussão teórica do questionamento que desperta tantos estudos e debates no meio científico e acadêmico: O que é uma cidade? Como definir uma cidade? Quais as funções de uma cidade? Para que e para quem ela serve? Essa discussão torna-se necessário a partir do momento que delimitamos o município de Quinta do Sol como foco da pesquisa tendo dentro dos seus limites todos os caracteres e especificidades de uma “pequena cidade”, termo esse que Santos (1979) prefere não utilizar quando trata deste assunto: “[...] Outros falariam, preferentemente, de cidades pequenas, é sob esta denominação, aliás, que são conhecidas na literatura especializada. Escolhi o termo cidades locais por diversos motivos. [...]”. (SANTOS, 1979, p.69). Nessa ocasião segundo o autor, dependendo do termo utilizado quando se fala de cidades pequenas, poderia haver uma generalização muito perigosa:

Quando se fala de cidades pequenas, a noção de volume da população vem logo à mente. Aceitar um número mínimo, como o fizeram diversos países e também as Nações Unidas, para caracterizar diferentes tipos de cidades no mundo inteiro, é incorrer no perigo de uma generalização perigosa. O fenômeno urbano, abordado de um ponto de vista funcional, é antes de tudo, um fenômeno qualitativo e apresenta certos aspectos morfológicos próprios a cada civilização e admite expressão quantitativa, sendo isto outro problema. (SANTOS, 1979, p. 69 -70).

Segundo Auzelle (1971, apud SCARLATO, 2005) quando tenta definir o que é uma cidade, sua origem e funções ressalta:

Que é cidade? Cidade é um lugar de trocas. Trocas materiais antes de tudo: o lugar mais favorável à distribuição dos produtos da terra, à produção e distribuição dos produtos manufaturados e industriais e, enfim, ao consumo dos bens e serviços mais diversos. A essas trocas materiais ligam-se, de maneira inseparável, as trocas de espírito: a cidade é por excelência o lugar do poder administrativo, ele mesmo representativo do sistema econômico, social e político, e é, igualmente, o espaço privilegiado da função educadora e de um grande número de lazeres: espetáculos, representações que implicam a presença de um público bastante denso. (AUZELLE, 1971 apud SCARLATO, 2005 p. 398).

Ainda nesse sentido Spósito (2006, p. 17) analisa a cidade como um conjunto de diversas funções sociais, assinala: “Observa-se o termo cidade é concomitantemente um conceito descritivo, que permite apreender uma realidade material concreta, e um conceito interpretativo, pois evoca um conjunto de diversas funções sociais”.

Para Platão e Aristóteles, citados por Scarlato (2005): “a cidade já era um lugar de preocupações quando pensavam no destino do homem, pois segundos eles, qualquer desequilíbrio na estrutura da cidade poderia significar perigo para a unidade e organização da sociedade”. (SCARLATO, 2005, p. 398).

Para Santos (1987, p. 112): “na grande cidade, há cidadãos de diversas ordens ou classes, desde os que, farto de recursos pode utilizar a metrópole toda, até os que, por falta de meios, somente a utiliza parcialmente, como se fosse uma pequena cidade, uma cidade local”.

A história da existência de uma cidade pode ser semelhante à própria história da existência da humanidade, pois, através das construções de pedra ou materiais utilitários da época em que cada civilização se desenvolveu podemos entender o significado da existência dessas cidades. Também podemos associar a existência das cidades e sua evolução e crescimento segundo o número de habitantes de cada aglomeração ali fixada, porém, sabemos que cidades grandes, médias ou pequenas sempre existiram independentes da quantidade de população presente em cada uma delas.

Quando Scarlato (2005) discorre sobre a cidade utilizando-se das idéias de Ratzel, ressalta: “ela representa uma forma de aglomeração durável. Se quisermos abordar o conceito pelo viés estatístico, defrontamo-nos com outro problema; quantos habitantes serão necessários para se considerar um aglomerado como cidade”. (SCARLATO, 2005. p. 399)

Conforme Ratzel (apud SCARLATO, 2005) quando comenta sobre as funções de uma cidade:

Se incorporado este conceito às atividades desenvolvidas pelos habitantes, podemos definir cidade como um aglomerado permanente cujas atividades não se caracterizam como agrícolas. De forma muito genérica, pode-se dizer que, nestas condições, a aglomeração é importante por ser organizada para o trabalho coletivo em atividades não-agrícolas. (SCARLATO, 2005. p. 399).

Ainda sobre as funções de uma cidade Corrêa (2006) comenta:

A cidade é, por extensão, a rede urbana, por menor que seja, apresenta formas dotadas de grande fixidez e, por isso mesmo, apresentando uma relativamente grande capacidade de refuncionalização. Por meio desta e da continuidade do processo de criação de novas funções e suas correspondentes formas – próprias das formações espaciais capitalistas -, a cidade e a rede urbana reatualizam-se, possibilitando a coexistência de formas e funções novas e velhas. (CORRÊA, 2006, p. 280)

A cidade é o espaço edificado pelos seus habitantes que serve como moradia aos próprios que a ergueram, não só moradia, mas como espaço de sobrevivência, espaço esse que seus habitantes irão realizar suas ações sociais individuais e coletivas e determinar seus limites fronteiriços. Devido a sua organização ser realizada de diversas formas, a história da cidade se aproxima com a sua origem, pois, para sua criação foram tomados cuidados necessários e importantes para o desenvolvimento, expansão e crescimento principalmente na morfologia, a estrutura geológica, sistema de drenagem superficial e subterrânea, escoamento de águas pluviais, e o traçado urbano com ruas e avenidas, como ressalta Corrêa (2006) assinala:

[...] A cidade e a rede urbana, em razão da fixidez e da refuncionalização, tendem a exibir, muito mais que o mundo agrário, padrões de forma que contêm ao menos parcialmente fortes elementos gerados na formação espacial na qual surgiram. É por isso que as relações entre rede urbana e formação espacial são muito complexas: uma rede urbana pode exibir características associadas aos diversos momentos históricos em que está inscrita, ou das diversas formações espaciais a que esteve associada. (CORRÊA, 2006, p. 280).

Portanto, para entender a importância da cidade a discussão vai além de simples construções de pedras, com habitantes e suas diversas maneiras de obter a sobrevivência nesse espaço. No caso do surgimento e crescimento das cidades não podemos nos esquecer que, é muito importante levar em consideração a posição do sítio em relação aos espaços vizinhos, pois, o relevo e as facilidades ou dificuldades que este estabelece

para expansão das aglomerações humanas e dos meios de transporte podem interferir futuramente no crescimento. Também é importante ressaltar a relação entre a pobreza e a riqueza instalada em uma cidade, pois, dependendo do poder aquisitivo médio das aglomerações urbanas, pode-se definir a estrutura da mesma.

Nesse caso ao lado da produção econômica resultante em uma cidade, verifica-se o seu crescimento e, ao mesmo tempo, as condições de infra-estrutura aptas ou inaptas numa mesma aglomeração, dividindo um mesmo espaço urbano em locais de infra-estrutura adequada dependendo da condição socioeconômica de seus moradores e, por outro lado, a inadaptação das infra-estruturas, que tornam inadequadas as condições de moradia para uma grande parcela da população da cidade, como acúmulo de dejetos, lixo urbano, despejos de esgotos, exploração industrial com emissão de gases tóxicos e, a poluição sonora diária das indústrias e suas máquinas modernas, fábricas e automóveis. Todos esses fatores associado a outros leva uma parcela significativa da população das grandes cidades, cidades médias e pequenas a serem obrigadas a viverem nas partes menos nobres das cidades, afirma Santos (1987):

A rede urbana, o sistema de cidades, também tem significados diversos segundo a posição financeira do indivíduo. Há, num extremo, os que podem utilizar todos os recursos aí presentes, seja porque são atingidos pelos fluxos, em que, tornado a mercadoria, o trabalho dos outros se transforma, seja porque eles próprios, tornados fluxos, podem sair à busca daqueles bens e serviços que desejam adquirir. Na outra extremidade, há os que nem podem levar ao mercado os que produzem que desconhecem o destino de que vai ter o resultado do seu próprio trabalho, os que, pobres de recursos, são prisioneiros do lugar, isto é, dos preços e das carências locais. Para muitos, a rede urbana existente e a rede de serviços correspondente são apenas reais para os outros. Por isso são cidadãos diminuídos, incompletos. (SANTOS, 1987, p. 112).

Portanto, para entender o conceito de cidade a discussão é ampla e polêmica, pois, alguns organismos internacionais criaram mecanismos para avaliar até onde uma aglomeração de pessoas em um espaço organizado poderia ser considerada um espaço urbano. Contudo, por outro lado, saindo da lógica conceitual internacional, nacional, regional, a cidade tem suas características específicas conforme a cultura de cada nação que a ergueu e a fez crescer, desta forma não queremos aqui defender um conceito pronto e acabado do que é uma cidade, mas, sim, entender as várias correntes de pensamento de diversos autores para termos uma idéia da origem e o que se entende no

mundo, respeitando tanto os conceitos criados, as culturas diversas e suas maneiras de ver e entender o que é uma cidade.

No caso do Brasil podemos observar que a partir de 1950 a população brasileira deixou predominantemente de ser rural. Esse processo se desencadeou de forma acelerada e desordenada na década de 1930. Essa mudança de situação campo-cidade em curto espaço de tempo e sem planejamento adequado acarretou uma série de problemas urbanos sem deixar de falar no crescimento das desigualdades sociais que se aceleraram nos centros urbanos do país.

A grande maioria dos migrantes se dirigiu a um número reduzido de cidades, cidades estas que poderiam ser um ponto de apoio para tentativa de uma nova vida, acabaram se transformando em metrópoles com muitos problemas sociais e ambientais, nesse caso Corrêa (2006) comenta sobre a formação espacial complexa do território brasileiro:

Visando contribuir para o debate a respeito da complexa espacialidade do território brasileiro, apresenta-se aqui a tese de que no Brasil coexistiram, na virada do século XX para o XXI, mas com gênese muito anterior, três formações espaciais distintas, mas integradas entre si, constituindo no conjunto, uma “diversidade na unidade”: uma formação espacial fundada na grande propriedade, outra na pequena propriedade rural dos imigrantes europeus e, finalmente uma terceira, que é a formação espacial da fronteira. Fundamentais como são, estruturam os tipos básicos de rede urbana. (CORRÊA, 2006, p. 282).

Até o final do século XIX somente 10% da população brasileira era urbana e se concentrava em cinco cidades: Rio de Janeiro, Salvador, Recife, São Luís do Maranhão e São Paulo, segundo Caio Prado Junior (apud SCARLATO, 2005, p. 424). Segundo o autor no ano de 1872 aproximadamente 5,7% das demais aglomerações urbanas estavam localizadas em vilas. A partir deste fato, podemos entender o porquê de um número tão baixo de população urbana fixada nas cidades, sendo que a expansão econômica se reproduzia no interior da sociedade agroexportadora reproduzindo relações de trabalho fixando a população no campo, predominando o trabalho escravo e uma frágil industrialização de vilas e cidades que, não tinham atração populacional nenhuma para oferecer a massa trabalhadora. (SCARLATO, 2005, p. 424).

A valorização e importância das cidades têm dimensão relativa, ou seja, podem ser mais ou menos valorizadas dependendo da dinâmica socioeconômica que ali se instalou e se desenvolveu através de suas atividades internas e de sua articulação local,

regional e nacional, de suas relações externas situando-se como centro de exportações de diversos produtos conforme as potencialidades da cidade e região metropolitana. A vida e a importância de uma cidade estão na interação entre as funções exercidas pelas diferentes cidades - política, comercial, financeira, industrial. - onde se define as hierarquias no interior de uma rede urbana. Nesse sentido, estas se definem pela importância e desenvolvimento territorial urbano em primeira, segunda e terceira grandeza, ou seja, as cidades pequenas, médias e grandes. (SCARLATO, 2005, p. 424).

Portanto, a discussão e o debate em torno dos diversos significados, formas, funções, e definições do que é uma cidade se apresenta com grande interesse dentro do cenário científico e acadêmico sempre tendo como principal preocupação não desestimular pesquisas, pelo contrário, estimular ainda mais novos estudos específicos que tragam a tona descobertas, novos conceitos, novos parâmetros para a tentativa de entender o que significa uma cidade, de onde ela surgiu e qual o seu papel.

2.1. A URBANIZAÇÃO BRASILEIRA

Apesar de todos os problemas existentes e adquiridos no processo da saída de pessoas do campo para a cidade no Brasil, podemos afirmar hoje, que o Brasil é um país urbanizado, levando em conta as diferenças regionais existentes. Estes índices de aumento de população urbana em relação à população rural vêm ocorrendo sistematicamente ano a ano em todo o país, como podemos observar na tabela 1:

Tabela 1 - Brasil. Taxa de urbanização por Regiões (%).

Região	1950	1970	2000
Sudeste	44,5	72,7	90,5
Centro-Oeste	24,4	48,0	86,7
Sul	29,5	44,3	80,5
Norte	31,5	45,1	69,7
Nordeste	36,2	41,8	69,0
Brasil	36,2	55,9	81,2

FONTE - Anuário Estatístico do Brasil 1988. Rio de Janeiro: IBGE, 1999. v. 58./IBGE. Censo 2000.
Disponível em - www.ibge.gov.br. Acesso em 22 dez.2009.

Na tabela 1 - p. 47 - podemos notar que entre 1950 e 2000, a população brasileira deixou de ser rural. Esse processo ocorreu desordenadamente e de forma acelerada a partir da década de 1930. Por isso, apareceram muitos problemas urbanos nos grandes centros de atração para essas camadas populacionais, agravando ainda mais as desigualdades sociais no país. Um fato importante a ser citado nesse movimento populacional em direção as cidades foi que, um grande número de pessoas se dirigiu a um reduzido número de cidades, transformando-as em metrópoles com problemas ambientais e sociais.

Santos (1993) propõem que no lugar da velha distinção entre o rural e o urbano sejam utilizados os conceitos “população urbana e agrícola”. Atualmente, é considerável o número de pessoas que trabalham no campo e residem nas cidades - bóias-frias -. Segundo o autor, este grupo compõe a população agrícola. Embora vivendo em cidades estas pessoas continuam a trabalhar em atividades desenvolvidas no campo.

Em virtude da mecanização do campo e da concentração de terras historicamente presentes na história do Brasil, assistiu-se até metade da década de 1990 uma expulsão acelerada dos trabalhadores rurais, que se dirigiam para as cidades. Nesse contexto de expulsão dos trabalhadores do campo para a cidade temos por outro lado, as indústrias absorvendo cada vez menos mão-de-obra e se deslocando dos grandes centros para cidades médias. Ainda nesse sentindo temos o setor de serviços que apresenta um perfil moderno, que exige qualificação dos profissionais e outro marginal - que remunera mal e não garante estabilidade -, acarretando uma deterioração da qualidade da vida nas cidades e aumento das desigualdades sociais no país.

A partir de meados da década de 1990, a população rural se estabilizou. Isso se deve, em parte, aos programas sociais de reforma agrária, ao aumento da oferta de empregos rurais não-agrícolas em hotéis fazendas, pousadas, comércio no entorno de parques e reservas ecológicas, etc. Contudo, essas novas atividades ofertadas para trabalho no campo não mais se entende como mão-de-obra para produção direta na terra, no sol a sol, como dizem alguns ex-trabalhadores rurais que residem nas cidades, são atividades que tem origem devido às novas funções do uso do solo no campo, explorando as potencialidades de cada região, em suma, com o eco-turismo.

Mesmo com todos os programas desenvolvidos pelos governos federais, estaduais e municipais para conter o rápido esvaziamento do campo, atualmente o que podemos notar é que houve uma estabilização da população rural, mas em contrapartida, as cidades continuam recebendo cada vez mais, um grande número de pessoas em busca

de trabalho de várias regiões do país, inclusive as que mais recebem esse fluxo são as grandes e médias cidades, como São Paulo, Rio de Janeiro, Curitiba, Belo Horizonte, Manaus, Campo Grande, etc. Esse processo em ascensão torna as cidades brasileiras receptoras desse fluxo, porque não existe lei regulamentada dizendo que a cidade não pode recebê-los, mas ao mesmo tempo, criam-se problemas estruturais crônicos como, favelamento, trabalho informal, violência, aumento do número de desempregados, ocupação das encostas para construção de moradias, aumento do número de usuários de drogas, e muitos outros problemas que fazem parte do cotidiano de uma grande cidade.

Quando analisamos a urbanização brasileira atrelada à modernidade almejada por tal processo enquanto sociedade organizada, Spósito e Whitacker (2006, p. 2) assinalam: “quando se considera a dimensão social de nossa existência coletiva, enquanto formação socioespacial, o dado a ser contemplado nas análises é o de nossa modernidade incompleta”. Para estes autores, a urbanização brasileira não chegou ao seu final ainda, mas está em constante evolução e hierarquização, recebendo sua forma e suas especificidades, mas, diz que a modernidade brasileira é incompleta, pois não chegou a atingir todos os habitantes que vivem nos grandes centros, não os auxilia na infra-estrutura e nem os deixa consumir a cidade como é de direito de todo cidadão brasileiro, ou melhor, exclui uma grande parcela da sociedade desse consumo da cidade.

Partindo do processo de urbanização e suas origens no Brasil levando em conta as regiões geográficas, podemos notar que houve diferenças drásticas em relação à concentração de população, distribuição de riquezas, políticas afirmativas de industrialização pelos governos federais e estaduais e distribuição de incentivos fiscais, portanto, é de importância relevante entender como ocorreu a evolução e o desenvolvimento urbano por regiões geográficas, conforme assinala Scarlato (2005):

Na região Nordeste: surgiram novas cidades com a expansão do comércio de gado e a circulação constante entre o litoral e o sertão. No decorrer do século, surgiram alguns povoados com a expansão e criação de gado e algumas produções agrícolas em alguns pontos do sertão. Esses povoados foram elevados à categoria de cidade para ter maior apreciação e investimentos por parte do poder político vigente. Sendo assim, surgiram várias cidades importantes no Nordeste brasileiro, como Campina Grande, na Paraíba, que se tornou importante elo entre o agreste, o litoral e o sertão com a construção da BR-320. A cidade tornou-se um dos maiores centros comerciais no interior nordestino. Feira de Santana, na Bahia, em 1873, teve seu crescimento e desenvolvimento ligado ao comércio entre o litoral e o sertão. (SCARLATO, 2005, p. 422).

Nesse contexto podemos citar no Nordeste do país as cidades de Recife e Salvador que se tornaram importantes na urbanização do sertão nordestino devido a condição histórica de ocupação e expansão na criação de gado e da implantação das vilas que se multiplicaram durante esse período; na região Norte, Manaus foi elevada a capital da província e passou a ser um importante centro comercial de borracha, dando condições a um aparecimento de surtos de urbanização, mesmo que pequenos, mas importantes na região amazônica em virtude da baixa densidade demográfica daquela região; no Sul, o processo de aparecimento de cidades partindo do litoral em direção ao interior através da ocupação dos planaltos dando origem a criação de importantes centros comerciais e industriais, tanto em Santa Catarina com Lajes, fundada em 1800, Blumenau, em 1852, e Joinville, em 1872. Também no Rio Grande do Sul, com Caxias e Bento Gonçalves, em 1875, e São Bento do Sul, em 1884. (SCARLATO, 2005, p. 422).

Ainda segundo o auto supracitado, uma das características importantes para o surgimento dessas cidades na região Sul foi a política do governo imperial direcionada em promover a ocupação dessas localidades com imigrantes europeus, principalmente alemães e italianos; no Sudeste, tivemos fatores importantes que desencadearam o surgimento de muitas cidades como: a produção em larga escala de café, a construção da ferrovia para o escoamento da produção. Nesse sentido foram surgindo cidades como Ribeirão Preto, Bauru e Araraquara, no interior de São Paulo, entre 1832 e 1896, surgiu nesse período a produção da cana-de-açúcar. Temos também a fundação de Belo Horizonte em 1897, sendo nomeada a nova capital do estado de Minas Gerais, com características de cidade planejada. Também não podemos nos esquecer da criação de Londrina, no Norte do Paraná, portanto, fora do Sudeste, em 1938, voltado totalmente em função da economia do café que se irradiou de São Paulo. (SCARLATO, 2005, p. 423).

Podemos observar na Figura 6, que a grande parcela de cidades originárias da política governamental e a marcha do povoamento estão localizadas na faixa litorânea entre o Sul e o Nordeste do país, além da mancha que avança para o interior dessas regiões principalmente nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, Paraná, Rio Grande do Sul e Minas Gerais:

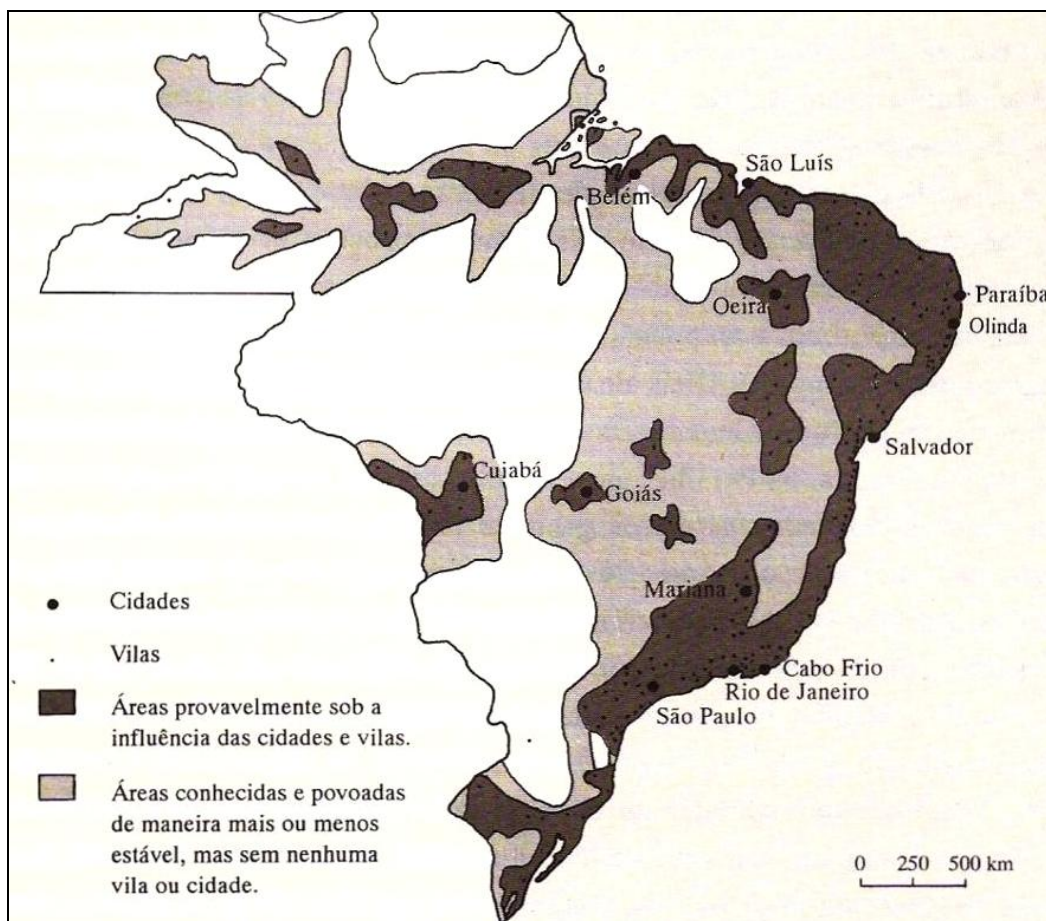


Figura 6 - Brasil - A Marcha do Povoamento e a Urbanização, 1822.
Extraído de: Aroldo de Azevedo (2006, p. 421).

No caso do Brasil, em relação ao processo de criação de cidades, sua evolução e desenvolvimento por região, não podemos nos esquecer que a economia, conforme os ciclos explorados por épocas e, a política adotada pelo governo imperial e, depois pela república, foi determinante nas características e importância na urbanização dessas regiões. É importante ressaltar que os portos e as ferrovias foram muito importantes na expansão urbana do Brasil. Esses dois fatores influenciaram muito no desempenho de algumas cidades brasileiras quando levamos em conta as relações entre porto, ferrovia com a morfologia urbana, pois, representam importantes fatores de concentração de funções secundárias e terciárias ao seu redor.

As rodovias passaram a ocupar posição de destaque e importância fundamental no processo da urbanização brasileira, ou seja, através da construção das principais rodovias no país, os pontos de ligação favoreceram algumas regiões na articulação de seus interesses principalmente na instalação de complexos industriais e no escoamento da produção cafeeira, da cana-de-açúcar, da borracha, etc.

As regiões Sudeste e Sul foram privilegiadas nesse contexto, pois já no século XIX eram as que atraíam muitos investimentos financeiros, principalmente de São Paulo e Rio de Janeiro, seguido por, Belo Horizonte, Curitiba, Manaus, etc. Com o processo de industrialização pós-1950 no Brasil, com a implantação da era dos transportes rodoviários, surge um novo perfil para a expansão e o plano físico das cidades.

A maior flexibilidade e uma maior capacidade de dispersão com as rodovias permitiram uma maior elasticidade para a expansão da urbanização pelo interior do país, assim como, para a expansão das cidades em todas as direções. Nos dias de hoje, a urbanização brasileira fez com que as regiões mais desenvolvidas estruturassem seu sistema de transportes e, conseqüentemente, fazendo a ligação com outros centros originou assim o aparecimento de vilas e cidades em torno das rodovias, que é um aspecto muito presente no Brasil. Esse processo favorece que em todas as direções do país, lugares distantes dependendo da política econômica se tornem mais interessante que façam parte dessa evolução urbana, pois é preciso que haja uma coesão entre os locais mais importantes do país para que a urbanização alcance seus objetivos capitalistas em vigor (SCARLATO, 2005, p. 430 - 431).

Observando o modelo de economia exportadora e a localização das regiões mais importantes devido à urbanização e ao crescimento acelerado, pode-se constatar o surgimento de regiões de atração econômica, aglomerações urbanas e centro de decisões políticas, que receberam o conceito de regiões metropolitanas.

É importante lembrar que as regiões metropolitanas e os centros regionais polarizam várias redes de cidades colocadas sob sua influência, extrapolando os limites político-administrativos dos Estados. O conhecimento desse fator torna-se importante para a elaboração dos planejamentos públicos dos Estados e municípios, pois muitas vezes os municípios de um estado encontram-se sob a influência econômica de um centro polarizador fora dos limites territoriais de seu estado (SCARLATO, 2005, p. 435).

Apesar de todos os problemas que envolvem a questão urbana no Brasil, surge mesmo que, um pouco tarde, leis para disciplinar o crescimento urbano brasileiro. Pela legislação brasileira, desde 1971, há uma obrigatoriedade da elaboração de um Plano Diretor para cidades com mais de 20 mil habitantes. Com todas estas obrigatoriedades a serem colocadas em prática na tentativa de um maior controle sobre a urbanização brasileira, os municípios passaram a criar as leis de zoneamento, com a finalidade de

controlar a intervenção das imobiliárias e dos particulares nas áreas já assentadas e nas áreas passíveis de novos assentamentos.

Com isso, orienta-se o processo de verticalização e as formas de uso do solo urbano, evitando seu grande adensamento. Mas, nem sempre as leis que foram criadas ou complementadas serviram para melhorar ou controlar problemas sérios como a expansão urbana desordenada e o uso do solo urbano no Brasil, às vezes, essas leis podem e servem para garantir a boa qualidade desses bairros nobres do que para melhorar a dos bairros deteriorados (SCARLATO, 2005, p. 439).

Por estes fatores e problemas que fizeram parte da história da urbanização brasileira, podemos observar numa análise mais ampla quando Spósito e Whitacker (2006, p. 2) afirmam que: “A urbanização brasileira moderna é incompleta”, percebemos os motivos que levam vários setores encarregados de controlar e organizar a expansão territorial urbana no país não estar desenvolvendo um plano que direcione e fiscalize esse processo, deixando nas mãos de alguns setores mais interessados a liberdade de organizar, mesmo que, de forma desarticulada e defendendo interesses imobiliários diversos.

2.2. APRESENTANDO O MUNICÍPIO DE QUINTA DO SOL

O município de Quinta do Sol, localizado no Estado do Paraná, está situado na região Sul do Brasil, especificamente na região Noroeste do estado. Pertencente a mesorregião do Centro Ocidental Paranaense, possui uma extensão territorial de 326.085 quilômetros quadrados e está a 491 metros acima do nível do mar³.

A população do município sofreu variações durante muitas décadas quanto ao número total de habitantes, atualmente a população total é de 5.173 habitantes - Censo de 2007 -. O município conta com um distrito que se denomina Irapuã, localizado a uma distância de 14 quilômetros da sede a nordeste. Conforme podemos observar na figura 7 - p. 54 -, Localização e Limites Municipais de Quinta do Sol:

³ IPARDES – Perfil dos municípios paranaenses/2008.

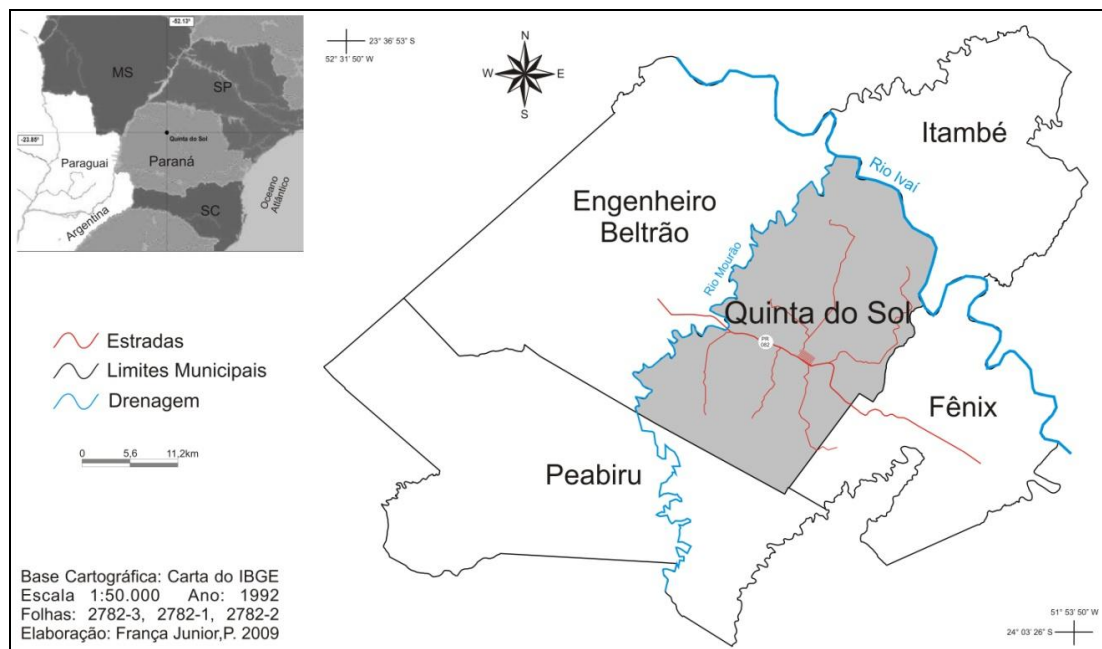


Figura 7 - Quinta do Sol. Localização e Limites municipais, 1992.

Fonte - IBGE (1992).

Elaborado por - FRANÇA, JR. P. (2009).

Organizado por - CARNEIRO, J. (2009).

O município de Quinta do Sol faz limites com Engenheiro Beltrão, Itambé, Fênix e Peabiru, o principal e mais influente rio da região é o Ivaí, que corta boa parte da região norte - rio este pertencente à bacia do Paraná -. Apresenta um clima subtropical, com verões quentes e ocorrências regulares de precipitação, e no inverno podem ocorrer geadas; A vegetação predominante é de floresta subtropical, com algumas ocorrências de mata de araucárias em pequena proporção.

Quanto ao relevo, as terras pertencentes ao município de Quinta do Sol são encontradas no terceiro planalto ou planalto de Guarapuava⁴, com altitudes que não ultrapassam a média de 300 a 400 metros de altitude. Na divisão de relevo, o solo predominante na região do município é de terra roxa avermelhada, muito fértil para o cultivo de plantas como café, milho, hortelã, trigo, algodão, soja, mandioca e feijão, dentre outros. Parte do solo próximo a morros é utilizada para a criação de gado bovino.

⁴ Segundo MAACK (1981): O relevo paranaense é dividido em cinco categorias: Faixa Litorânea, Serra do Mar, Primeiro Planalto, Segundo Planalto e Terceiro Planalto. MAACK, Reinhard, Geografia física do Estado do Paraná, Rio de Janeiro, J. Olympio, 1981.

Na figura 8 podemos visualizar a cidade de Quinta do Sol materializada no espaço geográfico na foto aérea por satélite:

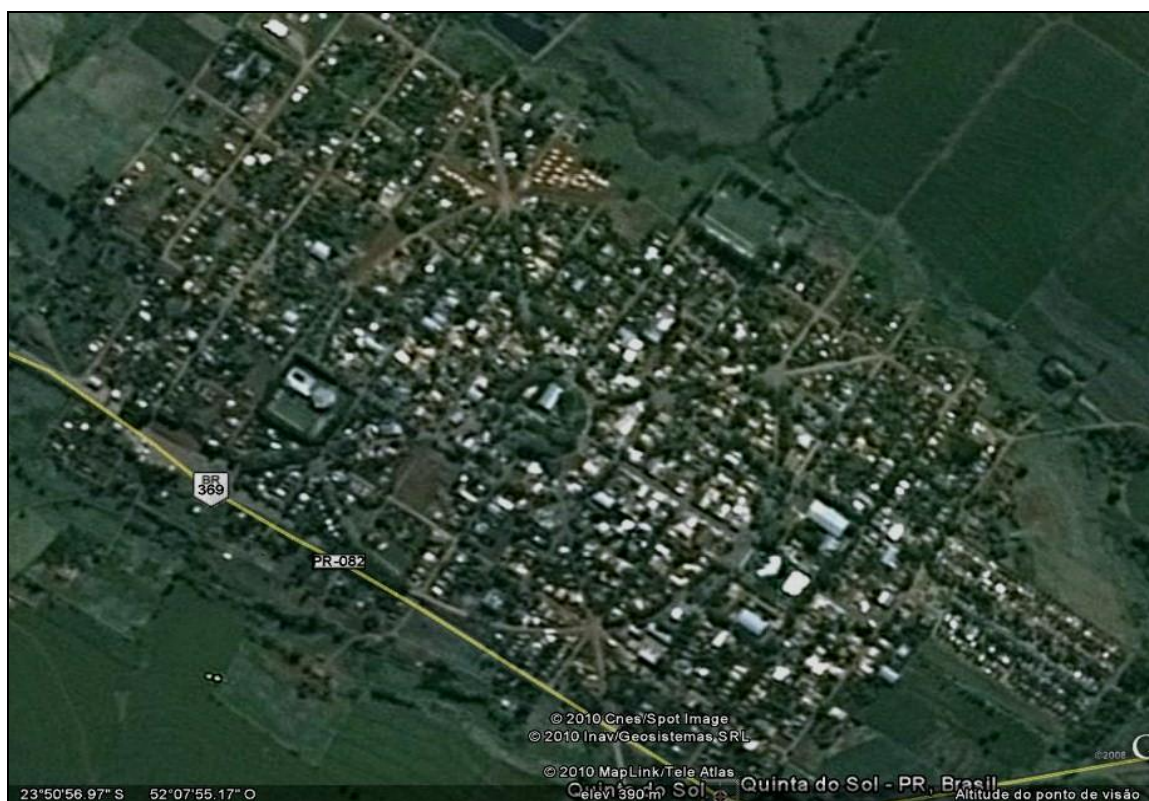


Figura 8 - Quinta do Sol - Vista aérea, 2009.

Fonte - Googleearth. (2009).

Extraída no dia 14 de Dezembro de 2009.

Um dos fatores que mais arraigaram as famílias nas regiões Norte e Noroeste do Paraná foi o cultivo do café que cresceu assustadoramente nos anos quarenta e cinquenta. Com o fascínio do plantio da rubiácea surgiram cidades, umas após as outras, nelas, juntaram-se famílias de agricultores e comerciantes e várias outras famílias que vieram de inúmeras regiões do Brasil atrás de uma melhor condição de vida.

Em Quinta do Sol não foi diferente a história, por volta de 1949, chegaram à região, Pedro Miguel e Pedro dos Santos⁵, estes pioneiros⁶ trouxeram suas famílias e dedicam-se à agricultura, principalmente o café. Com a notícia da fertilidade do solo, a abundância de madeira de lei e o início da colonização, foram atraídos ao local, dezenas

⁵ Sobre a vida dos dois pioneiros Pedro Miguel e Pedro dos Santos não foi encontrado nas fontes buscadas e utilizadas na pesquisa nenhuma referência documental sobre a vida desses pioneiros e nenhuma foto da época, somente são citados pelos moradores e em alguns trabalhos encontrados no município.

⁶ A palavra “pioneiro” pode ser entendida como aquele que primeiro abre ou descobre caminhos através de regiões desconhecidas. (Larouse, Dicionário da Língua Portuguesa, 1992, ed. Nova Cultural Ltda.).

de outras famílias, em sua maioria de origem portuguesa e uma grande leva de nordestinos, paulistas, paranaenses e mineiros dentre as quais, as de Joaquim Alves Bezerra, José Antonio, Raimundo da Silva, Geraldo Gomes, Antonio Alves da Costa, Otávio Miranda Pinto, Benedito Alves, Elias Alves Cordeiro, Sebastião Alves de Azevedo, Joaquim Sebastião Pinto e muito outros. Não demorou muito e o povoado ganhou fama pela excelente produção de rami e hortelã - culturas que desenvolvem somente em solo de primeira qualidade⁷ -, e o café.

Fazendo um recorte temporal antes de situarmos a importância do cultivo de café no município de Quinta do Sol, temos de nos deter a um “fato muito curioso”, frase essa utilizada pelos entrevistados, na questão da grande produção de hortelã⁸ em Quinta do Sol. Segundo esses moradores da época, no período intermediário entre o plantio dos pés de café e o tempo necessário para a primeira colheita, plantavam a hortelã, cultivo esse que depois de colhido era transportado para Maringá em caminhões para serem levados até Curitiba e Paranaguá.

A produção da hortelã se iniciou na região por volta de 1960, e teve sua fase final de produção por volta de 1969. Durante quase uma década o cultivo da hortelã se tornou uma das principais atividades absorvedoras de mão-de-obra em Quinta do Sol, inclusive o pioneiro Raimundo da Silva⁹ 77anos, que chegou à região em 1951 e acompanhou todos os momentos iniciais e finais desse cultivo, relata:

A hortelã ajudou muita gente a crescer em Quinta do Sol, me lembro que em 1964, vinham alguns japoneses de Maringá para comprar a produção e levar até aquela cidade, pagavam em dinheiro vivo e, muitas famílias conseguiram aumentar suas riquezas devido à produção da hortelã [...]. (SILVA, 2009).

Ainda segundo alguns comentários de outros pioneiros que chegaram à mesma época que o senhor Raimundo da Silva, e outros que chegaram depois, contam que enquanto não realizavam as primeiras colheitas de café, devido ao tempo de espera, em média quatro a cinco anos, a hortelã foi a segunda maior fonte de riqueza na região de Quinta do Sol. É importante ressaltar que o cultivo do café e da hortelã ocorreu concomitantemente, só que a área utilizada para o plantio de café não era a mesma para a hortelã, a única ligação nesse sentido seria quando o solo não era mais propício para a

⁷ Prefeitura Municipal de Quinta do Sol. /Histórico Municipal.

⁸ O cultivo da hortelã não é uma iniciativa única de Quinta do Sol, pois já existiam outras regiões do estado do Paraná que cultivavam essa planta, como por exemplo, o Oeste paranaense.

⁹ Relato concedido pelo Sr. Raimundo da Silva no dia 27 de Agosto de 2009.

produção da hortelã, o solo seria utilizado para o plantio e cultivo dos pés de café. Também se torna relevante destacar que o solo propício para o cultivo da hortelã teria que ser o solo virgem, ou seja, após a derrubada das matas, teria que em seguida ser plantada a hortelã, pois essa planta só consegue se desenvolver em solo muito fértil, que no caso de Quinta do Sol foi realizado assim que derrubavam as árvores e abria a área, como diz o pioneiro Adelino Alves Cordeiro¹⁰, 74 anos:

Lembro-me que quando cheguei a Quinta do Sol só conseguia ver muitos pés de café, muita gente trabalhando e, passei a me perguntar por que além do café, existia outra planta sendo colhida, foi aí que percebi que a hortelã tinha um papel muito importante na região, pois servia como um recurso muito valorizado para aumentar o ganho das famílias e das fazendas, e o interessante é que se plantava assim que abria a mata. Diziam que era mais proveitoso e dava mais produtividade [...]. (CORDEIRO, 2009).

Durante uma década aproximadamente o cultivo da hortelã foi muito importante na história de Quinta do Sol, por isso, ainda existe lembranças daquela época em que havia “fartura”¹¹ tanto nas fazendas como na cidade. Os moradores têm lembranças da época em que principalmente nas fazendas existiam em volta das casas as hortas, onde cultivavam alimentos que complementavam a dieta e, ainda as criações de porcos, galinhas, servindo como fonte de alimentação e até de ganhos, às vezes, pois de vez em quando vendiam algumas cabeças para outras pessoas.

A necessidade de terra virgem para o cultivo da hortelã, mais tarde seria a causa principal para a decadência dessa produção, pois conforme os anos se passavam o solo consecutivamente perdia a fertilidade necessária para a boa produção dessa planta. Portanto, num período de aproximadamente dez anos, a hortelã predominou como produto importantíssimo na região, é claro que não no mesmo patamar do café, mas sendo uma forma de ganhos financeiros para uma boa parcela de agricultores que apostaram no cultivo da mesma. Conforme relatos de alguns moradores da época que, atualmente residem em Quinta do Sol, como por exemplo, o Sr. Paulo Martins Neto¹², 84 anos afirma: “me lembro que nos anos 1970 ate 1975 já não havia mais mata de grande extensão para ser derrubada, acho que por isso a hortelã começou a parar de ser plantada...”. (NETTO, 2009).

¹⁰ Relato concedido pelo Sr. Adelino Alves Cordeiro no dia 29 de Agosto de 2009.

¹¹ A palavra “fartura” citada pelo entrevistado tem o significado de abundância de recursos na época, como alimentos, pés de fruta, comércio, muita gente, etc.

¹² Relato concedido pelo Sr. Paulo Martins Neto no dia 30 de Agosto de 2009.

A hortelã tem uma participação curta na história de Quinta do Sol, mas muito importante¹³. A chegada e a introdução desse cultivo na região podem ser atreladas segundo os pioneiros entrevistados no final do ano 1959 e início dos anos 1960 em diante. Conforme relatos desses moradores, a hortelã chegou a Quinta do Sol oriunda do estado de São Paulo, pois, onde já existia o cultivo desse produto no interior paulista e, como a maioria dos proprietários de terras que compunha a região onde atualmente é o município de Quinta do Sol pertencia em grande maioria a grupos de fazendeiros paulistas que adquiriram áreas para o cultivo de café, especialmente fazendas muito tradicionais que até hoje existem, como por exemplo, Fazenda Jaraguá, Fazenda Santa Cruz, Fazenda Leão, Fazenda São Pedro e outras.

Outra curiosidade relatada pelos entrevistados foi referente à cultura praticada em Quinta do Sol, pois segundo esses pioneiros, enquanto a grande maioria de moradores tanto na zona rural, quanto na urbana eram de paulistas - interior de São Paulo -, paranaenses, mineiros - interior de Minas gerais - e nordestinos principalmente vindos do estado do Ceará, as festas, bailes, conversas em “butechos” - uma forma de se expressar genuinamente nordestina para se referir aos bares - aconteciam espontaneamente como se estivessem em suas terras natais, mas, a partir do momento que começaram a chegar outros povos, principalmente de outras etnias, como por exemplo, os japoneses - a partir de 1960 -, os portugueses - a partir de 1959 - e, os espanhóis - a partir de 1965 -, notaram uma mudança na forma de praticar os costumes e hábitos na região, pois com a introdução de novos costumes passaram a perceber que já havia uma mistura de povos no município.

É importante ressaltar que em nenhum momento os entrevistados demonstraram preocupação com essa mudança, ou melhor, nesse encontro de culturas que acontecia em Quinta do Sol, por outro lado, achavam interessante conhecer esses novos moradores e aprender um pouco de seus costumes.

É nesse cenário de sonhos de uma vida melhor, trabalho árduo, saudades da terra natal que a história do município de Quinta do Sol se desenvolveu a partir do ano 1949, levando muitas famílias a encontrarem o Eldorado desejado, mas por outro lado, não realizando o sonho de muita gente que veio para o Norte do Paraná com ambições várias. Nesse sentido quando abordamos a importância do município de Quinta do Sol na vida dessas famílias não poderíamos nos esquecer das origens do mesmo, portanto

¹³ Segundo os entrevistados e boa parte da população local que viveu na época produtiva da hortelã em Quinta do Sol, não demorou mais do que 8 a 10 anos em média o cultivo dessa planta no município.

analisamos a gênese deste a partir de documentos oficiais como assinalados anteriormente e através dos relatos nas entrevistas.

Não existe uma versão oficial para a origem do topônimo e sim Três hipóteses: a) Em Portugal existe um povoado com denominação de Vila Esperança de Quinta do Sol, o fato da colonização inicial ter sido feita por famílias de origem portuguesa, permite que se presuma ser homenagem dos pioneiros à sua terra natal. Nesse caso, como já citamos anteriormente, este fato nos leva a chegada dos dois irmãos portugueses em 1949 e, também sobre a doação do lote para a abertura do local onde seria a cidade, pelo então irmão do governador do Paraná José Lupion Junior, de origem portuguesa; b) A tradição popular conta que “[...] houve um longo período sem sol, e o sol apareceu somente numa quinta feira [...]” surgindo daí a origem do nome da então vila em formação. Etimologicamente o termo “Quinta” é designação para nome feminino em Portugal e, origina-se do latim - Quinta -. A palavra Quinta também designa em Portugal uma porção de terra, propriedade, chácara. c) Estaria ligada segundo moradores da época atrelada a quinta nota musical “Sol”, pois tem uma forte ligação com a segunda hipótese devido ao dia que apareceu o sol depois de vários dias de chuvas constantes, resolveu-se então usar a quinta nota musical “Sol” e, unir à palavra “Quinta”, por estar relacionado à quinta-feira que o sol apareceu. Nesta versão também contam os moradores da época que foi utilizado esse nome, segundo essa hipótese porque os portugueses gostavam das músicas religiosas, por isso utilizavam muito em suas manifestações e cânticos, as notas musicais.

Pela lei Estadual n. 2.914, de 29 de outubro de 1956, a vila de Quinta do Sol foi elevada à categoria de Distrito Administrativo, com território pertencente ao município de Campo Mourão. Com a criação do município de Fênix¹⁴ passou a pertencer a este novo município como distrito. A instalação oficial ocorreu no dia 14 de Dezembro de 1964, ocasião em que foi empossado o primeiro prefeito municipal eleito, Sr. Osvaldo Silva (ao centro) e as primeiras autoridades do legislativo de Quinta do Sol, como podemos observar nas fotos 3 e 4:

¹⁴ Lei n. 4.245, de 25 de Julho de 1960, o Distrito de Quinta do Sol passou a sua jurisdição. Em 29 de Novembro de 1963, através da Lei Estadual n. 4.788, foi criado o município de Quinta do Sol, com território desmembrado do município de Fênix.



Foto 3 - Quinta do Sol - Primeiro prefeito, 1967.
Fonte - Acervo particular do Sr. Osvaldo Silva.



Foto 4 - Quinta do Sol - Primeira Câmara de Vereadores, 1965.
Fonte - Prefeitura Municipal/Histórico do Legislativo.

Portanto, Quinta do Sol emancipou-se em 29/11/1963 de Fênix, que se originou em 25/07/1960 de Campo Mourão, que em 10/10/1947 desmembrou-se de Pitanga, que em 30/12/1943 emancipou-se de Guarapuava, originado em 17/07/1852 de Castro, que se desmembrou em 24/09/1788 de Curitiba, que se emancipou em 29/03/1963 de Paranaguá, criado em 29/07/1648 por Carta Régia como podemos observar parcialmente na figura 7:

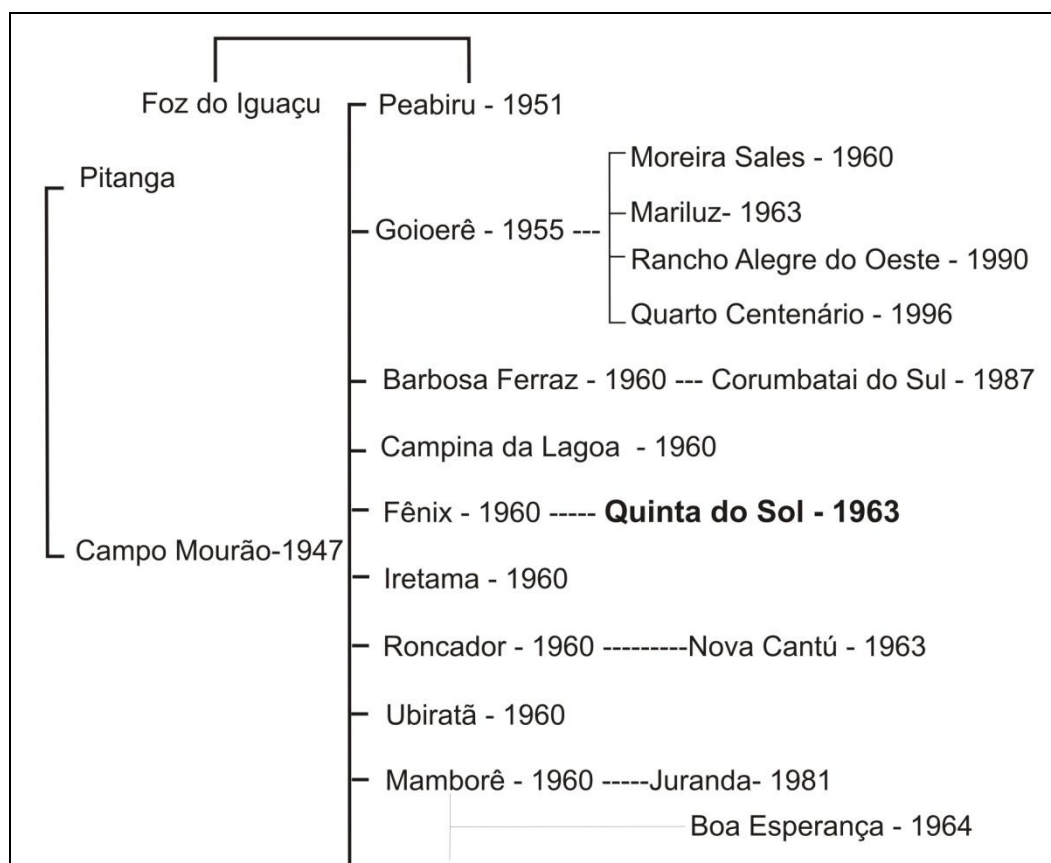


Figura 9 - Quinta do Sol. Genealogia do município.
Organizado por - ENDLICH, A. M. (2009).

Quinta do Sol é um município que depende basicamente da produção agrícola para a geração de riqueza e de mão-de-obra para grande parte da população local, onde os cultivos que mais predominam são: em primeiro plano a soja, seguido do milho, cana-de-açúcar, mandioca e melancia, nos chamados cultivos de verão. No inverno os cultivos que predominam são: em primeiro plano o trigo e a aveia. Quanto ao café - produto esse que marcou profundamente a história do município -, seu cultivo caiu assustadoramente na região após a crise na década de 1970, mas ainda encontramos

algumas fazendas que mantêm a produção, mesmo com uma pequena proporção conforme poderemos analisar na tabela 2 - p. 63 -.

Analisando os dados estatísticos constantes na tabela 2, notamos que toda a produção, geração de riqueza e de mão-de-obra no município de Quinta do Sol está atrelada ao cultivo aqui relacionado em ordem de importância econômica e não por ordem quantitativa: soja, milho, cana-de-açúcar, trigo, mandioca, aveia, café, feijão, algodão, e etc., pois apesar da produção de cana-de-açúcar se destacar neste índice, ainda a soja e o milho são cultivos de maior importância econômica para o município e na geração de renda para o mesmo, sendo que a cana-de-açúcar apesar de ser a primeira na produção em ordem numérica tem sua importância para o município na geração de mão-de-obra para população e não no repasse de verbas estaduais para o município, pois a mesma tem origem e sede no município de Engenheiro Beltrão.

Numa análise da produção agrícola municipal de Quinta do Sol, observando os dados, podemos observar como a mecanização do campo influenciou bastante na diminuição da mão-de-obra rural, pois em 2002 a área colhida e plantada de café era de 326 hectares com uma produção de 489 toneladas, em 2005 o total da área plantada foi de 129 hectares, com uma produção de 121 toneladas e, considerando os dados de 2007 notamos que houve um aumento tanto na área plantada - de 120 para 150 hectares e na produção de 121 para 180 toneladas -. Notamos uma queda muito acentuada da produção do café levando em consideração que nos anos 1960, 1970 esse cultivo era à base da economia local.

Analisando a área plantada de soja em 2004 - 17.850 hectares -, a produção - 50.135 toneladas -, em 2005, área plantada - 16.500 hectares - e, produção - 36.795 toneladas - e, finalizando em 2007, área plantada - 16.000 hectares - e produção - 43.200 toneladas -, notamos uma diminuição na quantidade de área plantada em hectares e concomitante uma diminuição da produção em toneladas ao longo dos últimos seis anos. Essa diminuição na área e na produção da soja pode ser explicada pelo aumento da área plantada e produção da cana-de-açúcar conforme podemos observar na análise que segue, pois em 2004 a área plantada alcançava 1.658 hectares com uma produção de 99.480 toneladas, em 2005 a área plantada já alcançava 4.000 hectares com uma produção de 296.000 toneladas e, em 2007 chegou ao total de 4.000 hectares de área plantada com uma produção de 368.000 toneladas.

Conforme já dissemos anteriormente, o município de Quinta do Sol sofreu transformações socioespaciais que impactaram drasticamente na condição de vida de

várias famílias que dependiam da produção e mão-de-obra baseada no campo, por isso a modernização da agricultura foi fator determinante ou, foi um dos fatores principais que modificou toda uma estrutura de produção cafeeira no final dos anos 1970, tendo como consequência a expulsão dos trabalhadores rurais para a zona urbana do município e, observando a análise da tabela 2 com os dados estatísticos apresentados, sabemos que antes da época analisada, a área plantada e a produção na zona rural eram baseadas no cultivo do café e na manutenção da maioria da população de Quinta do Sol no campo,

Portanto se faz presente essa análise, para entendermos o que aconteceu com agricultura quando abordamos a modernização da mesma e as suas consequências, principalmente na oferta e manutenção da mão-de-obra para a população local.

Tabela 2 - Quinta do Sol: Área colhida, Produção, Rendimento Médio e valor da Produção Agrícola - Área col. 2007.

Produtos	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Rendimento Médio (kg/ha)	Valor (R\$1000,00)
Alho	3	6	2.000	15
Amendoim	10	20	2.000	17
Arroz	102	188	1.843	98
Banana	1	28	28.000	08
Café (em côco)	150	180	1.200	691
Cana-de-açúcar	4.000	368.000	92.000	10.304
Feijão	300	393	1.191	366
Laranja	4	80	20.000	17
Limão	1	8	8.000	5
Mandioca	100	2.000	20.000	280
Maracujá	2	36	18.000	36
Melancia	3	54	18.000	17
Milho	15.800	30.840	1.952	7.833
Soja	16.000	43.200	2.700	19.440
Trigo	339	915	2.699	375

FONTE - IBGE - Produção Agrícola Municipal.

NOTA - Dados estimados (2009).

Outra atividade econômica importante na região, atividade essa que se originou já na década de 1970 em diante e que se tornou grande geradora de mão-de-obra até a década de 1980-1990 foi a pecuária. Devido à grande maioria da população residir e trabalhar na área rural desenvolveu-se muito rápido a prática pecuarista, portanto, mesmo com a produção de café em expansão, a pecuária fixou-se como importante atividade no município, sendo que a criação de bovinos em 1995 e 1996 atingia a quantia de 20.276 cabeças, a criação de suínos respondia por 2.019 cabeças e os galináceos por apenas 18 cabeças; em 2003 a criação de bovinos atingia a cifra de 13.153 - notamos uma queda significativa -, de suínos 3.500 e os galináceos 17.930 cabeças - aumento excepcional -; Em 2008 a criação de bovinos caiu em um percentual muito alto, pois respondia apenas por 6.351 cabeças, os suínos também tiveram queda em relação às cifras de 1995-1996 e 2003, pois se resume a 1.512 cabeças, mas com aumento observando a tabela 3 e, a produção de galináceos teve pequena queda no percentual por cabeça, chegando a 15.900, mas com aumento significativo em 2009 - tabela 3 -. (IBGE - Quinta do Sol - Produção Agrícola Municipal - 1995/1996/2003/2007/2008/2009).

Podemos observar na tabela 3 o total produzido em 2009 no Efetivo de Pecuária e Aves em Quinta do Sol:

Tabela 3 - Quinta do Sol - Efetivo de Pecuária e Aves, 2007.

EFETIVOS	NÚMEROS
Rebanho de bovinos	6.817
Rebanho de eqüinos	227
Galináceos (galinhas, galos, frangos (as) e pintos).	21.500
Rebanho de ovinos	240
Rebanho de suínos	2.980
Rebanho de asininos	14
Rebanho de bubalinos	28
Rebanho de caprinos	120
Coelhos	18
Rebanho de muares	95
Rebanho de vacas ordenhadas	830

FONTE - IBGE - Pecuária Municipal (2009).

Podemos notar a partir da análise da tabela 3 - p. 64 - que a pecuária ainda é importante atividade econômica no município de Quinta do Sol, principalmente na criação de bovinos, suínos, vacas ordenhadas, eqüinos e galináceos, mesmo sofrendo quedas no número de cabeças preocupantes ao longo de quase quinze anos, com exceção da criação de galináceos, a qual obteve aumento excepcional se considerarmos a produção em 1995-1996. Mas uma preocupação referente à mão-de-obra nessa atividade é que as fazendas do município empregam poucos trabalhadores, pois utiliza a tecnologia como recurso para o desenvolvimento dessas atividades.

Um dos índices mais importantes utilizado por muitos institutos de pesquisa para analisar o rendimento da população e, conseqüentemente, a qualidade de vida e o acesso aos bens básicos destinados à população, como saúde, lazer, educação e etc., e o PEA - População Economicamente Ativa -. Nesse sentido, é importante ressaltar na pesquisa o PEA de Quinta do Sol, pois o município é considerado na região da Comunidade dos Municípios da Região de Campo Mourão - COMCAM -, um dos mais pobres, com uma qualidade de vida abaixo do esperado para a população e com um rendimento por zona e sexo muito preocupante. Analisando a tabela 4, verificaremos que do total de cinco mil habitantes aproximadamente residentes no município de Quinta do Sol, apenas 2.143 pessoas fazem parte desse dado estatístico importantíssimo para o bem estar do cidadão e, para o desenvolvimento e expansão do município.

Tabela 4 - Quinta do Sol - População Economicamente Ativa (PEA) Segundo Zona e Sexo, 2000.

URBANO	RURAL	MASCULINO	FEMININO	PEA TOTAL
1.432	711	1.483	660	2.143

FONTE - IBGE - Censo Demográfico - Resultado da amostra.

NOTA - PEA de 10 anos e mais.

A outra parcela da população residente em Quinta do Sol não incluída no PEA desempenha funções remuneradas, mas numa situação de informalidade, dentre estas práticas informais, podemos destacar as empregadas domésticas diaristas, os bóias-fria, artesãos, jardineiros, etc. Nesse sentido, as únicas opções de oferta de trabalho em Quinta do Sol baseiam-se na Prefeitura Municipal, Cooperativa Agropecuária Mourãoense - COAMO -, nas instituições públicas, como por exemplo, na escola municipal e estadual situadas na cidade sede. Na área rural a única fonte de trabalho

para a maioria dos habitantes que não estão inseridos nos postos já citados anteriormente baseia-se no cultivo e colheita da cana-de-açúcar, pois na região de Quinta do Sol temos a Usina Sabaraálcool, com sede em Engenheiro Beltrão e, que atualmente já responde pela segunda força de trabalho no município conforme análise da produção verificada na tabela 2- p. 63 -.

O comércio é pouco desenvolvido com poucas lojas, alguns bares, duas lanchonetes, um banco - Itaú - e algumas lojas de cunho informal. Portanto, não há muita opção de trabalho e, por isso, parte significativa da população é forçada a migrar para outros municípios. Conforme a tabela 5 - p. 67 -, podemos observar que não existem outros postos que ofereçam mão-de-obra para a população a não ser os já citados, portanto, o crescimento e desenvolvimento ficam atrelados na criação de políticas públicas que atendam essa demanda e possibilitem uma mudança positiva nestes dados apresentados.

Analisando a tabela 5 podemos entender os motivos que levam a população quinta-solense a não usufruir de todos os direitos básicos destinados ao cidadão, e, portanto, faz com que o município não consiga trilhar um caminho de prosperidade e desenvolvimento nos últimos 40 anos. Pois como podemos observar as únicas opções de trabalho no município são em seqüência por importância numérica: a) administração pública direta e indireta - 210 postos de empregos com 2 estabelecimentos -; b) animais, extração e pesca - 144 postos de emprego com 51 estabelecimentos -; c) comércio varejista - 98 postos de emprego com 29 estabelecimentos -; c) artefatos de tecidos - 42 postos de emprego com 1 estabelecimento -.

Portanto não existe uma diversificação na economia quinta-solense quando abordamos as condições de desenvolvimento, expansão industrial e comercial, sendo que esta fica atrelada à condição de crescimento a três ou quatro áreas importantes na economia do município, como é o caso do comércio varejista - 98 vagas -, serviços de alojamento, alimentação, reparo, manutenção, radiodifusão e comunicações - 66 -, administração pública direta e indireta - 210 - e, agricultura, silvicultura, criação de animais, extração vegetal e pesca -144 -, como podemos observar na tabela 5:

Tabela 5 – Quinta do Sol - Número de estabelecimentos e Empregos segundo as Atividades Econômicas, 2007.

ATIVIDADES ECONÔMICAS	ESTABELECIMENTOS	EMPREGOS
Indústria metalúrgica.	1	2
Indústria têxtil, do vestuário e Artefatos de tecidos.	1	42
Indústria de produtos alimentícios, de bebidas e álcool etílico.	1	1
Construção civil.	1	2
Comércio varejista.	29	98
Instituições de crédito, seguro e de capitalização.	1	2
Administradoras de imóveis, valores mob., serv.tecn., profis., aux.ativ.ecn.	1	2
Transportes e comunicações.	1	2
Serviços de alojamentos, alim., reparo., manut., radiodifusão e televisão.	9	66
Serviços médicos, odontológicos e Veterinários.	2	5
Administração pública direta e indireta.	2	210
Agricultura, silvicultura, criação de animais, extração vegetal e pesca.	51	144
TOTAL	101	578

FONTE - MTE - RAIS.

NOTA - Posição em 31 de Dezembro.

Adaptada por - CARNEIRO, J. (2009).

Outro fator importante analisado é o Produto Interno Bruto - PIB - de Quinta do Sol - p. 68 -, nesse caso notamos um número muito abaixo da expectativa regional e nacional. Este dado refletiu e reflete ainda na realidade do dia-a-dia dos moradores que ocuparam e ocupam os setores da cidade, levando a uma distinção muito presente principalmente na zona urbana - abordaremos esse assunto em uma parte específica da dissertação - elevando assim o grau de desigualdade social no município:

Tabela 6 - Quinta do Sol - Produto Interno Bruto (PIB) Per Capita e a Preços Correntes, 2006.

PRODUTO INTERNO BRUTO	VALOR	UNIDADE
Per capita	10.102	R\$ 1.00
A preços correntes	59.368	R\$ 1.000,00

Fonte - IBGE, IPARDES.

NOTA - Nova metodologia - Referência -2002.

2.3. A ECONOMIA, A FORÇA E AS RELAÇÕES DE TRABALHO

Como já dissemos anteriormente, até a década de 1950 e 1960, a economia da vila e depois num segundo momento do distrito de Quinta do Sol era baseada no cultivo da hortelã, café e do rami¹⁵, produtos que geravam renda e demandava mão-de-obra, garantindo a sobrevivência de boa parte dos moradores. Desde o plantio, passando pelos cuidados necessários, até o momento da colheita, havia na região muita oferta de trabalho, além da mão-de-obra já existente nas fazendas de caráter permanente. Nesse período podemos entender que a dinâmica econômica de Quinta do Sol e a expansão do Distrito de Quinta do Sol estavam vinculadas exclusivamente a esses produtos, principalmente a hortelã e o cultivo do café.

Podemos dizer que na década de 1950 e início de 1960, já estava em plena atividade no Norte Paranaense o cultivo do café. A região Norte do Paraná foi considerada neste período como a maior produtora nacional de café, nesse sentido Kohlhepp (1990) analisando a importância da produção dessa cultura no Norte do estado assinala:

Nos anos 50 e, no início dos anos 60 o norte do Paraná havia se tornado a região de cultivo mais importante do Brasil e ao mesmo tempo a região produtora mais importante do mundo [...]. Os efetivos pés de café, que nas regiões mencionadas (Norte Novo e Norte Novíssimo), perfaziam um total de 130 milhões em 1950, tinham aumentado para 1,15 bilhão, numa onda de expansão sem par até o auge em 1963 (total do norte do Paraná: 1,32 bilhão). (KOHLHEPP, 1990, p. 80).

¹⁵ O cultivo do rami não alcançou expressiva produção no município durante a época em que se desenvolveu a hortelã e o café, por isso não encontramos fontes que poderiam ser extraídas informações desse produto no município de Quinta do Sol.

Como indicativo do aumento desse cultivo em âmbito mundial a partir do Norte Novo e Norte Novíssimo, assinalamos que os efetivos pés de café, que perfaziam um total de 130 milhões em 1950, tinham aumentado para 1, 15 bilhão numa onda de expansão sem par até o auge em 1963, quando atingiu a cifra de 1,32 bilhões de pés de café nas regiões mencionadas.

Tomando por referência as décadas de 1960 e 1970, analisamos de que forma o município de Quinta do Sol desenvolveu a economia cafeeira, no período, o produto mais importante para o Brasil e para o mercado internacional. Com esse cultivo, observamos o processo de transformações nas relações de trabalho, antes praticamente quase toda de subsistência para um novo modelo que exigia além de um trabalho mais cuidadoso desde o plantio dos pés de café, sua manutenção até o momento da colheita.

O cultivo nesse padrão exigia intenso trabalho para uma produção em grande escala, fato este que ainda trouxe à região alguns novos migrantes do Estado de São Paulo, Minas Gerais e ainda uma leva de imigrantes para trabalhar como arrendatários em várias fazendas de café da região norte do Paraná, mão-de-obra vinda principalmente da Itália.

Na década de 1960 algumas famílias se prepararam para um novo modelo econômico produtivo, ou seja, a transição do cultivo de hortelã e rami para a economia cafeeira. O que aconteceu com essas famílias? A maioria delas acabou se mudando para a cidade, e outra parcela que tinha uma condição financeira melhor passaram a produzir o café em suas propriedades.



Foto 5 - Quinta do Sol - Produção e transporte de Hortelã, 1962.

FONTE - Acervo Osamu Sato, localizado na Prefeitura Municipal.

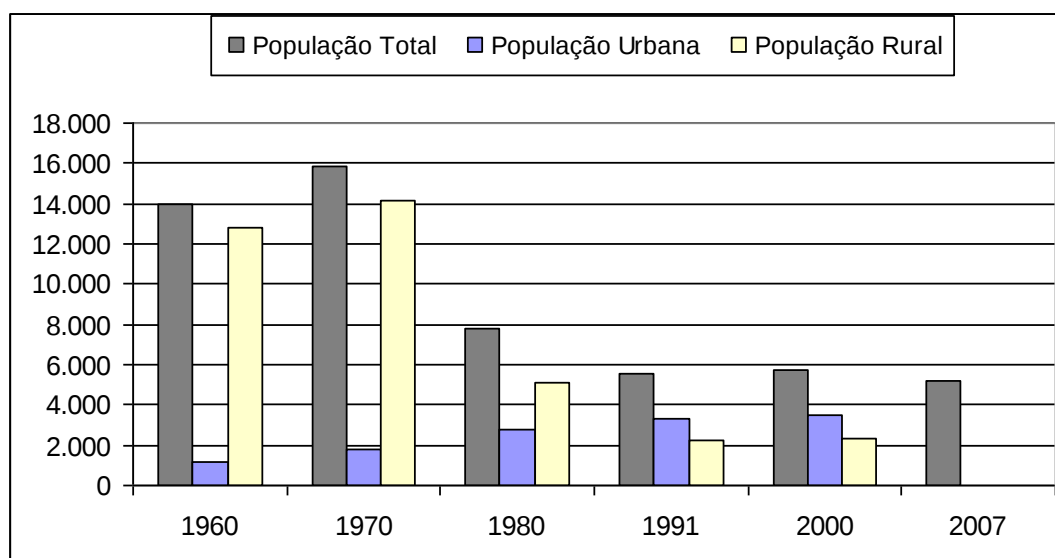


Foto 6 - Quinta do Sol - Transporte de Carga de Hortelã, 1965.

FONTE - Acervo Maria do Carmo M. Luiz, localizado na Prefeitura Municipal.

Entretanto, a grande maioria da população pertencente ao município de Quinta do Sol ainda residia no campo, seguindo uma tendência regional e nacional expressa quando abordamos a população rural e urbana residente, conforme gráfico 1 - p. 71 -:

Gráfico 1- Quinta do Sol - População total, rural e urbana, 1960-2007.



FONTE - IBGE, 2007.

Organizado por - CARNEIRO, J. (2009).

Neste contexto, o município de Quinta do Sol na década de 1970 já alcançava uma vida comercial própria, estruturando-se na política e definindo seus limites urbanos, possuindo certa autonomia em relação à dependência do campo, mas mesmo assim dependia muito da zona urbana para manter sua economia e a manutenção dos serviços básicos nas áreas mais necessitadas da cidade como: saneamento básico, educação, saúde e moradia, pois a produção do café era à base de toda a riqueza das fazendas pertencentes ao seu território e ao seu distrito. Observamos que a cultura de hortelã, já no final dos anos 1960, não era a mais importante fonte de renda das famílias e dos proprietários de terras, principalmente a partir de 1963 quando o então distrito da Comarca de Campo Mourão passou a pertencer ao município de Fênix.

A partir dessa nova relação com Fênix, já existia um sentimento de emancipação da Vila de Quinta do Sol, expandindo-se pelos moradores e pela elite política da época mencionada. Analisando, então, que já se definia a composição de um segundo tipo de força de trabalho na região do município de Quinta do Sol, além da mão-de-obra rural, que seria a força de trabalho no setor urbano, no comércio e até nos serviços, pois já existia além do setor primário e secundário de produção, o setor terciário se desenvolvendo na cidade. A partir desta década - 1970 -, já existia um processo baseado na alta tecnologia para a produção no campo em desenvolvimento e, em expansão na Europa, Estados Unidos da América e, posteriormente, no Brasil e conseqüentemente atingiria o estado do Paraná, principalmente a área em pesquisa.

Com esse novo modelo produtivo ocorreu a introdução das máquinas para fazer o trabalho até então realizado manualmente no município de Quinta do Sol, assim como em todas as regiões do país, conhecemos o processo denominado “Mecanização do Campo”, nesse sentido Endlich e Moro (2003) quando tratam da implantação desse modelo substitutivo da mão-de-obra humana principalmente no período cafeeiro para a tecnologia aplicada ao campo com relação à distribuição da população assinalam:

No período cafeeiro, a população rural era numerosa e superava a população urbana. Com o processo de modernização agrícola e aprofundamento das relações capitalistas no campo, há uma transformação na distribuição espacial da população. As causas da mobilidade espacial da população são atribuídas à inviabilidade da permanência no campo de muitos pequenos proprietários que venderam suas terras, além dos arrendatários, parceiros e trabalhadores permanentes que tiveram que sair do campo. Houve uma redução da mão-de-obra familiar, dos parceiros e dos empregados permanentes junto com o aumento dos empregados temporários. Considerando todas as categorias, houve uma diminuição do pessoal ocupado na produção agropecuária, já que grande parte das tarefas passou a ser realizada com o auxílio de máquinas agrícolas que elevam a produtividade e diminuem a quantidade de trabalho braçal necessário. (ENDLICH e MORO, 2003, p. 32-33).

Este novo modelo adotado a partir já da década de 1970 em grande parcela dos estabelecimentos agropecuários no município de Quinta do Sol provocou o que chamamos de êxodo rural, principalmente no final da década de 1970 e na década de 1980. Poderemos então perceber que haverá uma busca por uma vaga de trabalho, agora na zona urbana da cidade, pois a maioria das famílias que dependia do trabalho no campo terá que se adaptar a uma nova vida na zona urbana. Nesse sentido, são salientados por Moro (1991, p. 340): “[...] Há uma transformação no habitat rural. A paisagem rural era repleta de habitações, apresentado grande densidade e articulação. Com os novos fatos, o campo tornou-se isolado, rarefeito e desarticulado [...]”, quando focaliza as transformações que ocorreram na distribuição da população antes Rural e agora urbana.

Tal mudança veio acompanhada da necessidade de outra adaptação em relação a uma nova atividade profissional, convertendo os antigos trabalhadores rurais em assalariados urbanos. Como trabalhadores rurais eles tinham uma economia paralela no campo, criando galinhas, porcos, gado leiteiro, uma horta com frutas e legumes, com efeito, sobre essa mudança de habitat que atingiu grande parcela dos trabalhadores rurais no Norte do Paraná, Endlich e Moro (2003, p. 33) discorrem: “O campo deixou

de ser o lugar de moradia não só para aqueles grupos que foram excluídos, como também para os médios e grandes proprietários que passaram a morar na cidade [...]”. A partir destes fatos poderemos verificar que a grande parcela desses trabalhadores e suas famílias não foram absorvidas pelo mercado de trabalho disponível naquele momento na cidade, poucos conseguiram um novo trabalho até mesmo pela questão estrutural, pois a zona urbana do município não teria condições de proporcionar uma oferta de mão-de-obra para todo o contingente populacional que veio do campo.

Assim, podemos assinalar dois vetores de mobilidade humana motivada por este fluxo: o primeiro indica os que saíram do município em busca de oportunidades em outras cidades maiores; o segundo corresponde aqueles que ficaram no município e procuraram vender a sua força de trabalho para os grandes produtores de café, que ainda estava sendo muito produzido no início da década de 1980, só que agora como trabalhadores diaristas, conhecidos como bóias-frias na região, dando origem a outro tipo de relação de trabalho e de contratação da mão-de-obra. Muitos deles continuam trabalhando na mesma fazenda a qual pertencia há anos atrás como empregados rurais, com algumas garantias e certa fartura de alimentos, mas na atualidade, trabalham como diaristas contratados sem garantias e sem estabilidade.

No novo modelo de força de trabalho, não existia nenhuma garantia de estabilidade no serviço. Algumas famílias tiveram que vender suas propriedades, de médio e pequeno porte, por não conseguirem se manter produzindo o suficiente para sustentar seus familiares e, que sem opção se viram obrigados a entregar suas propriedades principalmente aos grandes fazendeiros, ou para pagamento de contas de empréstimos contraídos junto aos bancos. Após se mudarem para a sede urbana, no caso do município de Quinta do Sol, se encontram hoje vivendo como assalariados, ou até mesmo trabalhando no campo, só que agora como diaristas, enfrentando uma mudança radical na vida social e financeira dessas famílias.

Com o objetivo de aprender os significados dessas mudanças nas vidas dessas pessoas, como absorveram essa transição do rural para o urbano, realizamos entrevistas com algumas pessoas, membros de famílias que viveram essa realidade. Tal procedimento nos ajudou a sistematizar como estão vivendo o que fazem e pensam sobre a mudança radical que a vida urbana representou em suas vidas. Foram acontecimentos rápidos, mas que mudaram todo um pensamento político, econômico e social do município em questão, da região e até mesmo do país.

No final da década de 1980 e início dos anos 1990, o município de Quinta do Sol passou por uma transição de uma economia totalmente vinculada ao campo, para uma economia ainda atrelada no meio agrícola, mas com características totalmente inversas ao que se apresentava em anos anteriores, ou seja, deixou de ser um município que tinha como base de produção de riqueza e manutenção de sua população no campo com uma vida rural. Esta população, além da demanda da força de trabalho, praticava uma economia de subsistência e ao mesmo tempo, trabalhava na cultura do café. Segundo Santos (1997) sobre essas mudanças, assinala: “A cada divisão do trabalho, muda o uso do território em virtude dos tipos de produção e das formas como se exercem as diversas instâncias de produção, exigindo novos objetos geográficos (casa, silos, etc...) e atribuindo valores novos aos objetos preexistentes.” (SANTOS, 1997, p. 114 -115).

Nestas décadas assinaladas a economia cafeeira já estava em plena decadência para atender a demanda do comércio mundial, ao menos tal como era produzida no Estado do Paraná. Kohlhepp (1990) aborda essa situação quando trata do fim do “BOOM” do café assinalando a importância para esta situação principalmente das constantes geadas que ocorriam no Paraná: “[...]. Foi, no entanto, o número crescente de geadas - 1966, 1969, 1972, 1975, 1979, 1981 - que tornou decisivo para o desenvolvimento futuro.” (KOHLHEPP, 1990, p. 80). O autor faz uma análise da crise do café no Norte do Paraná numa conjuntura nacional ressaltando os riscos econômicos na época da redução da área de plantio abordando que não foram só as constantes geadas que assinalaram a redução da produção de café no Brasil e na região Norte do estado.

Assim, os produtores municipais foram se adaptando ao novo modelo internacional do mercado de grãos. Contudo, neste momento - 1990 -, com a produção de soja em larga escala utilizando as novas técnicas de plantio - as máquinas -, ou seja, a introdução intensa de tecnologia no campo como: trator, máquinas de plantio direto, bombas de pulverização, colheitadeiras, etc., poderemos verificar com os dados apresentados na sequência que, a partir dos anos 1970 já se abria uma nova oportunidade de negócios no Norte paranaense, conforme afirma Rolim (1995): “Pois as mudanças da década de 70 criaram condições para prosperar uma agricultura em padrões capitalistas dando origem ao surgimento do agro-negócio no estado, alterando totalmente o tipo de cultura” (ROLIM, 1995, p. 49-99).

A partir da implantação do novo modelo de produção no campo, o município de Quinta do Sol enfrentou sérios problemas quando analisamos a situação dos

proprietários rurais da época, pois uma boa parcela não tinha condições de se adaptar a esse modelo moderno tecnológico de produção no campo. Verificamos, a partir daí, que uma parte das famílias tentou sobreviver na área rural praticando ainda uma economia com características totalmente vinculadas à cultura de subsistência, mas procurando manter um excedente para melhorar a renda financeira e não se dispor de suas terras, de características de pequeno e médio porte, nesse sentido Endlich e Moro (2003) reforçam essa situação referente à tentativa de permanência no campo pelos pequenos e médios proprietários e as dificuldades encontradas:

Em 1970, aproximadamente 80% dos proprietários de estabelecimentos rurais residiam nos mesmos. Este índice foi tendo um decréscimo, sendo que em 1985 já era de aproximadamente 53%. [...] Estes dados associados dimensionam a mobilidade populacional em direção às cidades, dos proprietários que venderam seus estabelecimentos e daqueles que os administram das cidades. Contingente que adicionado aos trabalhadores rurais que também saíram do campo, compõem o volume do processo demográfico denominado êxodo rural. (ENDLICH e MORO, 2003, p. 36).

Entretanto, com a dificuldade enfrentada pela concentração de terras e pela necessidade de manter um bom nível de vida aos familiares, a estrutura fundiária do município de Quinta do Sol sofreu transformações na quantidade e no tamanho das propriedades rurais, devido à venda de grande parte de suas terras pelos pequenos proprietários e, depois seguida pelos médios como podemos observar na tabela 7:

Tabela 7 - Quinta do Sol - Estrutura fundiária, 1997-2005.

ANO	1997		2000, 2001, 2002		2003, 2004, 2005	
	Quantidade	Hectares	Quantidade	Hectares	Quantidade	Hectares
Minifúndio	185	1.871,20	198	2.071,90	210	20.791.000
Pequena	60	2.363,7	113	4.296,40	26	8.362.000
Pequena produtiva	59	2.061,70	Não consta	Não consta	57	21.179.000
Média produtiva	17	2462,6	11	2.669,40	32	50.355.000
Média	19	3.347,80	13	2.380,80	12	20.063.000
Grande produtiva	8	6.883,00	8	5.511,40	18	151.958.000
Grande	13	10.413,3	1	814,3	2	31.978.000
Não classificado	1	563,8	Não consta	Não consta	4	508.000
Total	362	29.969,60	344	17.774,20	408	325.818.000

FONTE - INCRA, Prefeitura Municipal de Quinta do Sol, 1997 - 2005.
Adaptado por - CARNEIRO, J. (2009).

Identificamos, então, a partir da década de 1980 e 1990, a ocorrência de um novo arranjo para a economia local em decorrência uma nova condição para a força de trabalho na região e no município de Quinta do Sol, o qual já se estruturava na década de 1970, conforme TRINTIN (2001), que o denominou de “agro-negócio”. Esse novo modelo ocasionou uma forte redução nos postos de trabalho na região norte do Paraná, provocando além das transformações sociais e nas relações de trabalho, uma enorme concentração fundiária já a partir dos anos 1970¹⁶. Quando analisamos a tabela 7, podemos notar que houve uma transição no modelo fundiário do Município de Quinta do Sol, principalmente a partir do final dos anos 1970 e início da década de 1980. Mas é em meados da década de 1990 que podemos observar que a mudança vai se firmar como a consolidação da concentração fundiária, pois notamos um declínio muito forte no número de pequenas propriedades, principalmente no início do século XXI. Conseqüentemente, há um aumento considerado na quantidade de propriedades de médio porte produtiva, além do aumento do tamanho da grande propriedade produtiva e, não na quantidade, caracterizando assim uma forte concentração de terras nas mãos de poucos proprietários como podemos observar na tabela 8:

Tabela 8 - Quinta do Sol - Estrutura fundiária, 1970 - 1995.

ESTRUTURA FUNDIÁRIA				TOTAL DE ESTABELECIMENTOS
Ano	Menos de 10 há	10-100 há	Mais que 100 há	
1970	1062	368	36	1466
1980	256	206	61	523
1985	144	175	58	377
1995	61	136	66	263

Fonte - INCRA.

Adaptado por - CARNEIRO, J. (2009).

Isto aconteceu devido à necessidade de um alto investimento para trabalhar com este novo tipo de produção conforme podemos observar na análise de Endlich e Moro (2003) quando assinalam sobre a concentração fundiária discorrem:

¹⁶ A concentração fundiária fortemente presente em 1970 continua nos anos 1980 e 1990, mas com novas características. Este processo é mais intenso nas áreas de agricultura mais capitalista do Estado, nas Messorregiões Norte e Oeste. No Centro-Sul área considerada como nova fronteira da expansão – terras de baixo custo. O Paraná do agribusiness (cooperativas e grandes empresas, burguesia rural) está pouco presente nas regiões Sul-Sudeste do estado, região que abriga primordialmente o Paraná Urbano, (ROLIM, 1995, p. 66).

A estrutura fundiária, herdada da cafeicultura, com muitas pequenas propriedades, tornou-se mais concentrada. Isto ocorreu, pois em função do pacote tecnológico da revolução verde, tornou-se economicamente incompatível a exploração do cultivo associado da soja e do trigo, principal combinação da modernização agrícola, em pequenas propriedades. Além disso, a fertilidade do solo, as condições de mecanização e a disponibilidade de crédito subsidiado promoveram a valorização das terras da região, levando os produtores que não dispunham de uma área apropriada para este tipo de produção, a vender ou arrendar suas terras. (ENDLICH e MORO 2003, p. 30).

Essa constatação analisada na tabela 8 - p. 76 - quando comparado o total de propriedades com menos de 10 até 100 hectares, notamos que com o passar dos anos houve uma transição no modelo fundiário, pois em 1995 temos uma redução brusca na quantidade de propriedades e, em contrapartida, um considerável aumento das mesmas em posse de poucos proprietários. Para ingressar no agro-negócio, o produtor rural precisava não só investir no aumento da produção em grãos, mas também na própria propriedade. Através da aquisição de novas terras, implantou pastagens para a criação de gado bovino, que seria a matéria-prima para a produção de seus derivados. Levando em conta esses fatos, observar-se-á que principalmente na década de 1990, o município de Quinta do Sol teve uma acentuada queda no que diz respeito à população rural e conseqüentemente um aumento significativo da população urbana, a qual vai se consolidar o processo conhecido como êxodo rural - ver o gráfico 1 na pg. 71 -.

Analisando o total da população do município de Quinta do Sol de 1960 a 2007 podemos observar que nas décadas de 1960, 1970 a população residente na zona rural era muito elevada devido aos fatos já citados anteriormente. Na análise do Gráfico, o mesmo nos mostra que a evolução e a mobilidade da população de Quinta do Sol para a zona urbana do município ocorreram em grande número principalmente a partir de meados dos anos 1970 e na década de 1980.

Através desses dados estatísticos podemos concluir que a década de 1970 e 1980 foi marcante referente à perda da população rural para a zona urbana e, podemos notar que a partir dos anos de 1991 já existia uma estabilização nesse movimento populacional, mesmo assim o município teve um decréscimo acima de 50% do total populacional nessas duas décadas - 1970-1980 -. Essa grande parcela que se deslocou do campo para a cidade foi se fixando nas áreas menos atendidas pela infra-estrutura urbana dando origem a algumas vilas em Quinta do Sol com sérios problemas sociais e econômicos.

Na década de 1990, especificamente, notar-se-á na zona urbana da cidade de Quinta do Sol uma dualidade na vida de uma parcela dessas famílias, ou seja, antes residiam no campo e, atualmente vivendo na cidade - moradores urbanos - mas ainda trabalhando no campo, mas agora como trabalhadores temporários e, em alguns casos chegando a trabalhar na mesma propriedade a qual lhe pertencia em décadas anteriores, mas agora simplesmente como uma mão-de-obra diária contratada sem nenhuma garantia de estabilidade. Atualmente, observamos que o município de Quinta do Sol apresenta uma economia baseada no cultivo de soja, trigo e milho, além da implantação da cana-de-açúcar em várias fazendas da região, devido ao crescimento e expansão do setor sucro-alcooleiro na região. Esses cultivos apresentam características totalmente voltadas para a utilização de máquinas que fazem quase todo o trabalho. Escapa desse processo ainda a cultura da cana-de-açúcar, a indústria têxtil pouco desenvolvida no município, a indústria de alimentos e do comércio atacadista, e no setor de serviços que apresenta uma parcela mínima na economia local.

Os trabalhadores no município de Quinta do Sol buscaram por uma vaga nos setores econômicos considerados urbanos - indústrias, comércio e serviços -, que não conseguiu atender a demanda muito alta por postos de trabalho. Em contrapartida, há uma preocupação constante por parte da população, principalmente pela saída de muitos jovens entre 15 e 18 anos à procura de trabalho e, o poder público não consegue desenvolver ações que possam minimizar esse problema. A perda da população da cidade para outras cidades mais próximas como: Campo Mourão, Maringá, Cianorte, interior do estado de São Paulo, estados de Rondônia e Mato Grosso do Sul que apresentavam uma demanda maior na oferta de serviços, além do problema da mão-de-obra rural que vinha sofrendo muitas perdas de vagas devido ao intenso processo de mecanização da produção de soja e milho para atender o mercado interno e externo, impacta de forma muito negativa no total da população conforme nos mostra a tabela 9 - p. 79 - sobre a evolução populacional de Quinta do Sol:

Tabela 9 - Quinta do Sol - População total, urbana e rural, 1960-2007.

ANO	POP. TOTAL	POP. URBANA	POP. RURAL
1960	14.004	1.158	12.846
1970	15.891	1.757	14.134
1980	7.833	2.755	5.078
1991	5.559	3.332	2.227
2000	5.759	3.454	2.305
2007	5.173	-	-

FONTE - IBGE - Prefeitura Municipal de Quinta do Sol (2009).
Organizado por - CARNEIRO, J. (2009).

Ainda, analisando a perda de população no município de Quinta do Sol notamos que a década em que isso mais se acentuou foi entre 1970-1980 chegando a uma porcentagem preocupante atingindo mais de 50%, obrigando-os a se deslocar para a cidade sede - Quinta do Sol -, para outros municípios da região e para outros estados do país. Já no final dos anos 1980 e início dos anos 1990 notamos o declínio numérico da população rural e, em contrapartida o aumento da população urbana. A partir dos anos 1990 em diante há uma estagnação no total da população no município, com mínimas alterações nesse montante tanto rural quanto urbano, mas que no total mantém uma cifra de aproximadamente 5.000 habitantes.

2.4. O TRAÇADO URBANO E A DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO CONFORME A CONDIÇÃO SOCIOECONÔMICA

Sobre o planejamento urbano, em especial o traçado da sede do município de Quinta do Sol destacamos que se desenvolveu primeiramente a idéia de delimitar o que seria a planta da sede do novo município com um perímetro urbano em forma retangular, com ruas e avenidas traçadas ao longo de um sol. O “Sol” serviria de ligação de todas as ruas e avenidas interligando-as ao centro da cidade, de forma radial, para facilitar a locomoção dos moradores e todos que se utilizassem das avenidas e ruas conforme podemos observar na figura 10 - p. 80 -:

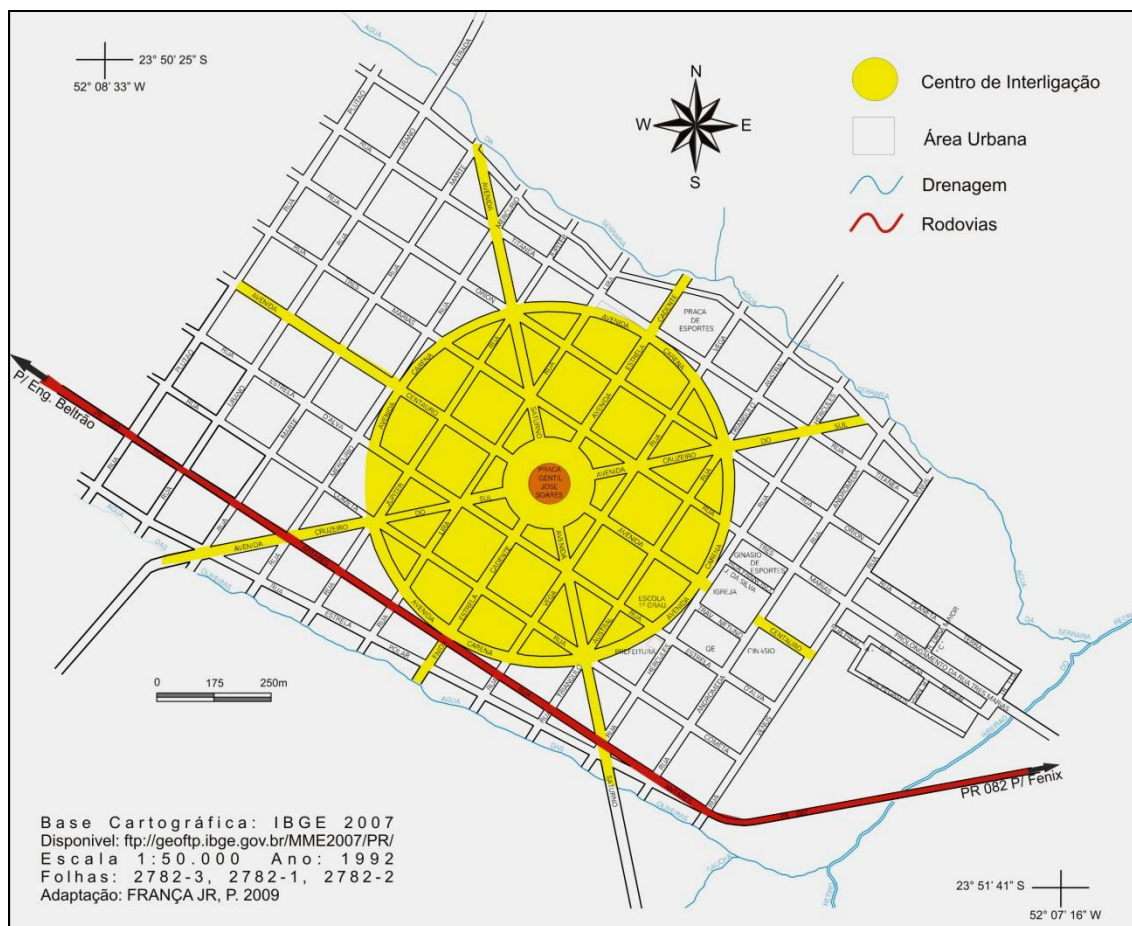


Figura 10 - Quinta do Sol - Planta da cidade, elaborada em 1970.

FONTE - IBGE, 2007.

Elaborado por - FRANÇA, JR. P. (2009).

Organizado por - CARNEIRO, J. (2009).

Conforme podemos observar na figura 10, a planta nos dá a idéia de que o Sol é a ligação de todas as ruas e avenidas que circundam a cidade, facilitando o acesso tanto de quem mora no centro quanto de quem reside nos bairros. Não existe conforme relatos orais dos antigos moradores da época - 1964-1970 - um documento oficial mostrando como era a planta inicial da cidade. O que se comenta, é que no início do planejamento urbano já existia uma planta muito parecida com a da figura 10, e a partir desse modelo, dividiu-se as quadras em vários lotes urbanos – datas - iniciando assim a venda das mesmas. Segundo relato de alguns moradores da cidade daquela época, a maioria dos lotes estavam nas mãos de José Lupion Junior¹⁷, que detinha grande parte dos lotes urbanos. José Lupion Junior tornou-se nome de destaque na cidade, tanto que o primeiro

¹⁷ José Lupion Junior é um importante nome na história de Quinta do Sol, pois a área a qual atualmente é a cidade foi doada para loteamento e posteriormente a fundação dessa cidade.

colégio particular da cidade recebeu o seu nome como homenagem, sendo denominado de Colégio Cenecista José Lupion - Ensino de Segundo Grau e Magistério.

No decorrer dos anos 1970, 1980 e 1990, a mecanização da agricultura no Norte do Paraná estava se consolidando e atingiu seu ápice no início dos anos 1990, com as terras concentradas nas mãos de grandes e médios produtores, a maioria das famílias de pequenos produtores foram obrigadas a se deslocar para a cidade. A maior parte dessas famílias acabou se fixando nos limites próximo ao perímetro urbano da cidade de Quinta do Sol, criando assim alguns conjuntos pequenos - bairros, vilas -, mas com características bem homogêneas, ou seja, a condição socioeconômica era praticamente igual de todos esses novos moradores urbanos que chegaram do campo.

Devido à situação de alguns desses novos moradores, que entregaram suas terras como pagamento de dívidas ou venderam seus bens para comprar datas ou lotes na cidade, forma-se em pontos estratégicos de Quinta do Sol, principalmente próximo ao perímetro urbano, uma camada social com sérios problemas no que diz respeito à demanda de mão-de-obra, pois já não existe mais trabalho em abundância no campo, conforme indicamos com o processo de mecanização da agricultura e a lógica do agro-negócio implantado no Norte do Paraná e também na cidade os postos de trabalho não são suficientes para atender todo o contingente. Ao mesmo tempo em que a cidade de Quinta do Sol recebia essa parcela de novos moradores urbanos provenientes na maioria, do campo, já existia certa delimitação do território sobre a valorização dos lotes e a existência de um controle nas mãos de poucas pessoas sobre a região próximas ao centro da cidade, onde se fixaram as famílias com poder aquisitivo muito alto e os comerciantes que se instalaram no centro, provocando assim uma concentração de pessoas de situação socioeconômica muito boa morando na região mais privilegiada. Quem não fizesse parte dessa parcela abastada era obrigado a se deslocar e se fixar em áreas próximas ou afastadas do centro.

Toda essa mobilidade populacional na cidade em Quinta do Sol acabou dividindo-a em áreas consideradas mais nobres, onde se fixariam as famílias mais abastadas, com uma infra-estrutura adequada e manutenção dos serviços básicos em dia, através dos órgãos públicos. Em contrapartida, criaram-se vilas e bairros afastados do centro da cidade, com infra-estrutura bem irregular - asfalto, esgoto, coleta de lixo, creches, escola... -. Os moradores dessas áreas pertencem na maioria às camadas mais pobres, tendo como principal fonte de sobrevivência a oferta da mão-de-obra, em geral contratada temporariamente no campo como bóia-fria. A outra possibilidade é o

trabalho no comércio da cidade. Esses trabalhadores do comércio recebiam um salário muito baixo e tinham uma carga horária altíssima não chegando a ser atrativa. Quanto à camada que ofertava seu trabalho como diarista, chamamos a atenção que uma grande maioria era de famílias que vieram para a cidade expulsas do campo no início dos anos 1970.

Como podemos observar na figura 11, a distribuição da população recém chegada da área rural dentro do perímetro urbano de Quinta do Sol conforme a condição socioeconômica e os interesses imobiliários existentes levaram a formação dos bairros nobres e pobres, além das vilas conforme identificamos nos setores dois, três e quatro, na figura dividida para demonstrar as áreas ocupadas conforme a condição financeira de cada grupo social que já estava morando em Quinta do Sol e outros que chegavam.

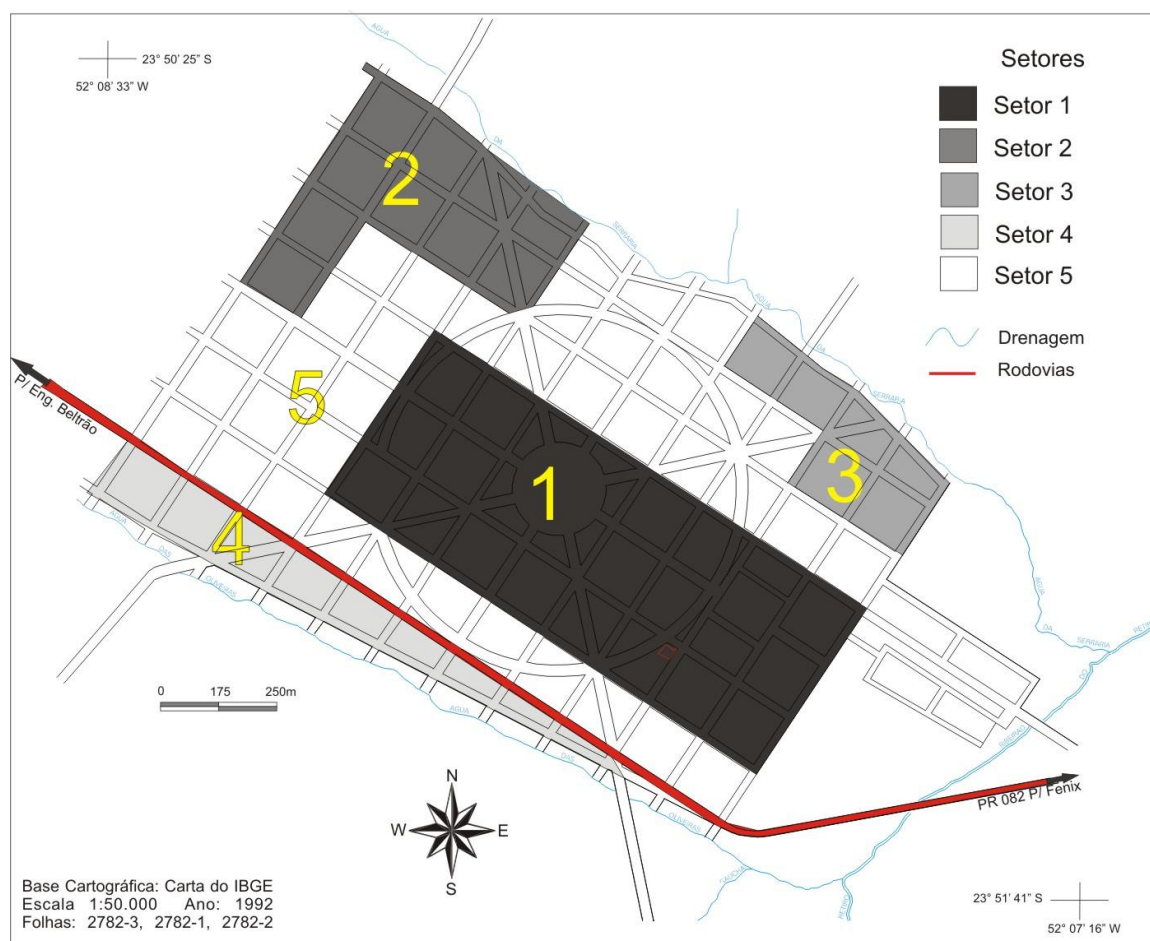


Figura 11 - Quinta do Sol - Distribuição da população na zona urbana do município, 2009.

FONTE - IBGE, 1992.

Elaborado por - FRANÇA JR, P. (2009).

Organizado por - CARNEIRO, J. (2009).

Na análise da figura 11 - p. 82 -, temos o seguinte quadro: O setor 1: área que foi totalmente ocupada pelas famílias de poder financeiro e formação escolar privilegiada, como por exemplo: proprietários de terras, professores, vereadores, comerciantes, outros profissionais liberais, etc. Essa área recebeu dos órgãos públicos responsáveis da época - 1970/1980 - todos os recursos possíveis para montar uma boa infra-estrutura no local que seria o centro da cidade. Não foram poupados esforços políticos e financeiros para conseguir recursos a serem utilizados no asfalto das avenidas e ruas desse setor 1, construção de calçadas, meio-fio, aquisição de caminhão para coleta diária de lixo, bueiros para escoamento da água das chuvas, bancos, lojas, correio, supermercados, escolas, creche, centros de lazer, água tratada, construções de alvenaria, como podemos observar na Foto 7:



Foto 7 - Quinta do Sol - Avenida Centauro, (2008).
Fonte - CARNEIRO, J. (2009).

No setor 2 da figura 11 - p. 82 -: Podemos notar que é uma área afastada do centro da cidade que não foi ocupada totalmente na década de 1970, mas gradualmente foi recebendo famílias muito pobres, sem qualificação profissional, com poder aquisitivo muito baixo, pois, a maioria das pessoas que se instalaram nesse setor apresenta como principal fonte de subsistência a venda da força de mão-de-obra diária - bóia fria -. As construções nesse bairro, que recebeu o nome de Bairro da Paineirinha, são na grande maioria de madeira, construídas sem nenhum planejamento pelos

próprios moradores devido à falta de poder aquisitivo para pagar por um profissional para realizar o trabalho. Expressiva parte dos moradores do Bairro da Paineirinha é oriunda do campo e foi obrigada a se deslocar para a cidade mediante a eliminação de seus postos como trabalhadores permanentes nos estabelecimentos agropecuários no município de Quinta do Sol. O Bairro da Paineirinha¹⁸ se organizou sem a devida atenção do poder público e não houve nenhum tipo de projeto para sanar os problemas mais urgentes como asfalto, meio-fio, calçadas, esgoto, coleta de lixo, limpeza pública como podemos observar na Foto 8:



Foto 8 - Quinta do Sol - Bairro da Paineirinha, (2008).
Fonte - CARNEIRO, J. (2009).

Esta é a Rua Urano, uma das principais ruas desse bairro - Paineirinha -, além de ser a ligação com o centro da cidade, também serve como trajeto para o COAMO (Cooperativa Agropecuária Mourãoense), instalado fora do perímetro urbano com uma distância aproximada de dois quilômetros da cidade sede.

O setor 3, da figura 11 - p. 82 -, denomina-se Vila dos Índios¹⁹ e está numa situação idêntica ao Bairro da Paineirinha já citado anteriormente. Jovens e crianças que moram nessa vila iniciam o ano letivo e desistem já no primeiro semestre, ou, não

¹⁸ O Bairro da Paineirinha recebeu esta denominação devido à existência de muitos pés de paineiras nessa região na época em que se consolidava a fixação da população na zona rural do município de Quinta do Sol. Expressão esta popular, mas que faz parte da cultura quinta-solense.

¹⁹ A maioria dos habitantes que moram na Vila dos Índios são pobres e não tem escolaridade, denominou-se então esta vila com essa expressão popular.

conseguem nem sequer terminar o primeiro bimestre do ano letivo. Quanto ao poder aquisitivo dessas famílias, a maioria não tem profissão, nem trabalham com carteira assinada, portanto, os trabalhadores residentes nessa Vila têm como única fonte de renda o trabalho diário nas fazendas que plantam cana-de-açúcar e em outras atividades agrícolas de menor porte. As casas erguidas e construídas são na maioria de madeira, chegando a ter alguns barracos cobertos com lona ou com paredes de papelão. A infraestrutura é péssima, praticamente inexistente, chegando esse bairro da cidade a ser parecido com uma sede de alguma fazenda, cercada por árvores e com ruas sem asfalto. Trata-se de um bairro marcado por uma situação de precariedade como podemos observar nas Fotos 9 e 10:



Foto 9 - Quinta do Sol - Vila dos Índios, (2009).
Fonte - CARNEIRO, J.



Foto 10 - Quinta do Sol - Vila dos Índios, (2009).
Fonte - CARNEIRO, J.

Podemos notar a falta de infra-estrutura nessa região da cidade conforme nos mostra as figuras 9 e 10, onde residem famílias em condições precárias tanto financeiras como social. Podemos dizer que o setor 4 da figura 11 - p. 82 - já analisada anteriormente: a situação é semelhante à da Vila dos Índios, mas com um agravante, pois as famílias que ocuparam essa região praticamente não recebem nenhuma assistência dos órgãos responsáveis. Portanto, vivem em condições muito precárias e sem qualquer possibilidade de melhoria devido à sequência de anos em que foram previstas obras nesse local, isto é, há mais de 20 anos.

O setor 5: conforme podemos observar na figura 12, abrange grande parte do território da cidade, praticamente atingindo todas as partes (N, S, L e O). Esse setor foi ocupado desde a emancipação do município por famílias de situação socioeconômica regular, ou seja, não chegam a ser consideradas abastadas, mas tem uma condição financeira que lhes permitiram construir moradias de alvenaria de tamanho razoável e, quando feitas de madeira, utilizaram-se madeiras de bom porte e resistente como peroba, cedro, e outras.

Quanto a infra-estrutura, apresenta uma boa condição, apesar de ainda existir um bom trecho em vários locais sem asfalto, nem bueiros, mas mesmo assim há um bom atendimento por parte dos órgãos responsáveis. A grande maioria das famílias que residem neste setor pode ser considerada como de classe média, proporcionam estudo aos seus filhos até o ensino médio e trabalham com carteira assinada no comércio local ou em outras cidades vizinhas. As mulheres desse setor em grande parte trabalham como domésticas nas lojas como atendentes ou no corte da cana. Podemos observar a distribuição da população na zona urbana na Figura 12:

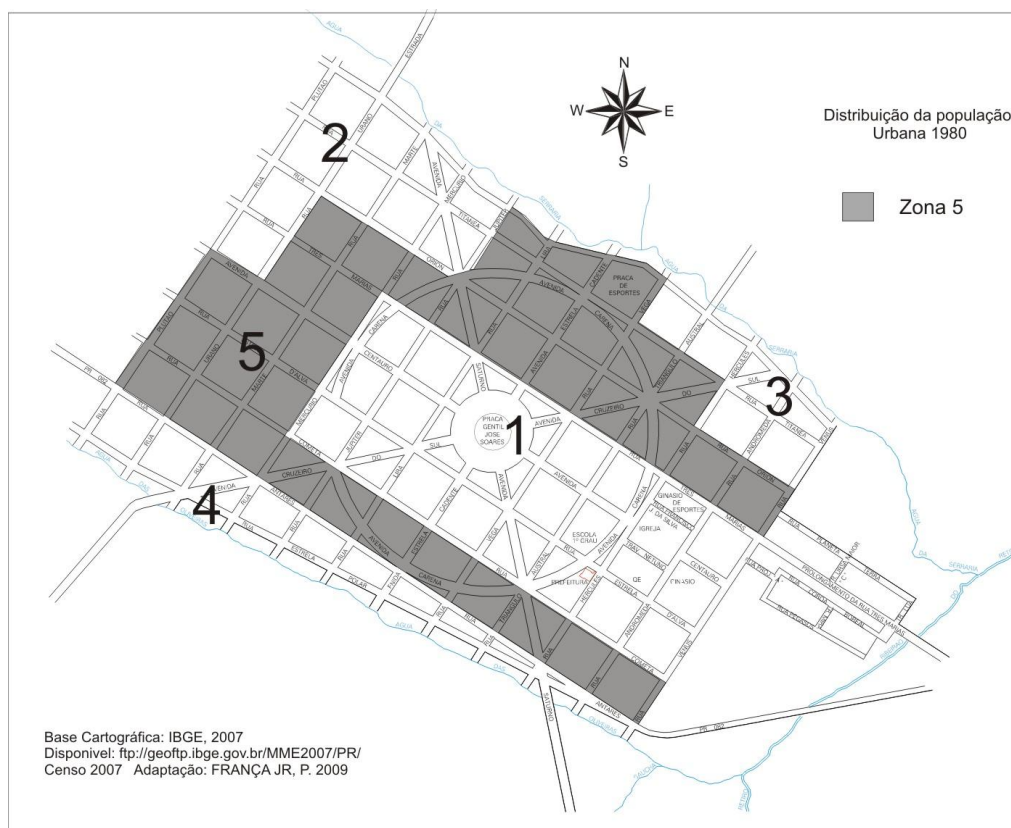


Figura 12 - Quinta do Sol -Setor 5 - Distribuição da População na Zona Urbana, 1980.

FONTE - IBGE, 2007.

Elaborado por - FRANÇA JR, P. (2009).

Organizado por - CARNEIRO, J. (2009).

Dentro desse cenário de ocupação, fixação de moradia, expansão e desenvolvimento da cidade de Quinta do Sol no início dos anos 1980 notamos que todo esse processo teve como principal consequência uma divisão social e política na zona urbana. Não podemos nos esquecer que uma parcela da população que veio do campo, não conseguiu num primeiro momento construir casa própria, tendo então que pagar aluguel. Este processo fez com que alguns moradores com maior poder aquisitivo se apropriasse de datas e ou lotes para construir “casas de aluguel”, gerando fonte de renda para os mesmos. Diante do problema de moradia e através de convênios da prefeitura Municipal de Quinta do Sol, Governo do estado do Paraná e Governo Federal, a partir de meados dos anos 1980 iniciou a construção de conjunto populacional coletivos de moradias - casas populares - na cidade totalizando ao todo até o ano 2007 cinco conjuntos. A população de baixa renda foi o público alvo para a obtenção do direito da casa própria pagando uma parcela fixa ao mês sem atrapalhar a renda familiar necessária para a sobrevivência.

Através da observação da figura que demonstra a criação dos conjuntos habitacionais construídos na cidade podemos notar que os locais que aparecem com as cores verdes, azul, laranja, cinza e amarelo são os cinco conjuntos construídos a partir de meados dos anos 1980, em sequência temporal de construção como podemos observar na figura 13 - p. 88 -:

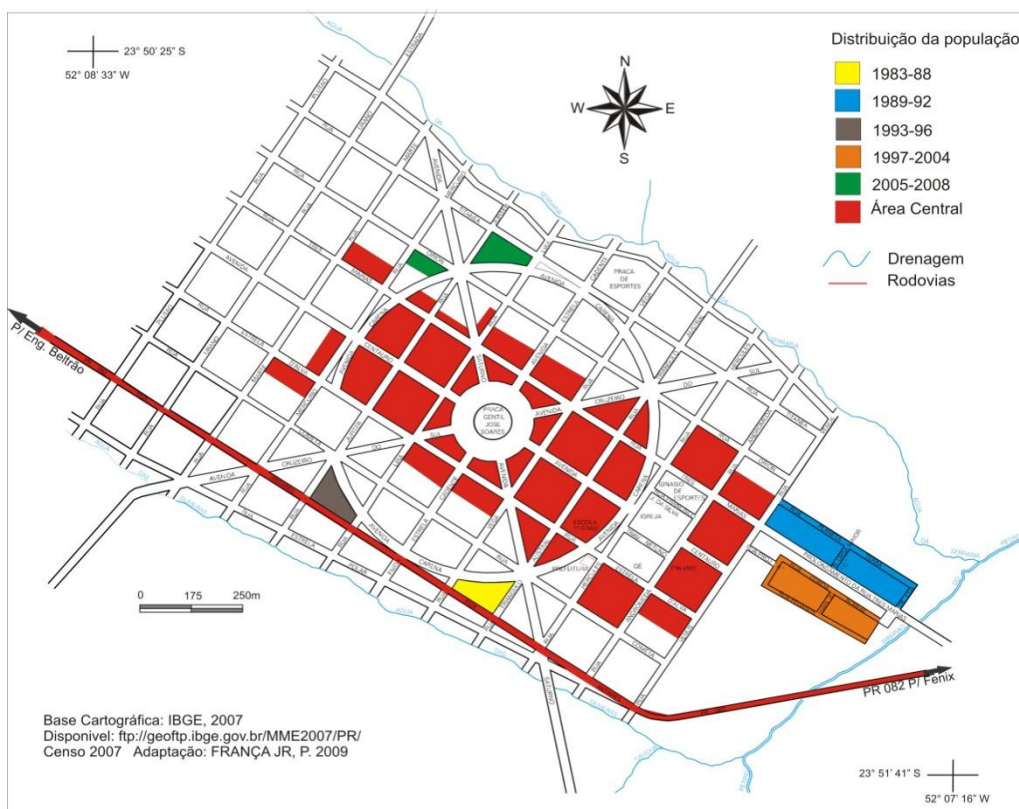


Figura 13 - Conjuntos Habitacionais.

FONTE - IBGE, 2007.

Elaborado por - FRANÇA JR, P. (2009).

Organizado por - CARNEIRO, J. (2009).

Na cor Amarela: primeiro conjunto construído na gestão 1983-1988 em três etapas. A primeira etapa, com 13 unidades entregues em Abril de 1985, a segunda com 08 unidades entregue em Julho de 1986 e, e terceira com 17 unidades foi entregue em Agosto de 1987. O convênio firmado foi COHAPAR/CAIXA.

Na cor Azul: segundo conjunto na gestão 1989-1992 em duas etapas. A primeira com 50 unidades entregue em Maio de 1992 e, a segunda com 56 unidades, em Agosto de 1993. Convênio COHAPAR;

Na cor Cinza: Terceiro conjunto na gestão 1993-1996 com 31 unidades. Convênio COHAPAR;

Na cor Laranja: construído na gestão 1997-2004 em duas etapas, sendo que a primeira etapa com 22 unidades terminou em julho de 1997 e, a segunda etapa com 28 unidades em Outubro de 1998. Convênio COHAPAR;

Na cor Verde: construído na gestão 2005-2008. Dividido em duas áreas, uma com 18 unidades e outra com 07. A entrega foi realizada em Abril de 2006. Convênio firmado com o PSH/COHAPAR/CAIXA.

Analisando a figura 13 - p. 88 -, podemos notar que houve também um aumento nos limites do perímetro urbano da cidade de Quinta do Sol, pois para a construção dos conjuntos habitacionais em cores azul e verde foi necessário que a prefeitura municipal comprasse lotes antes rurais, agora urbanos, para a construção dos mesmos. Podemos observar ao Norte da planta da cidade um acréscimo de novas datas e lotes para venda aos moradores interessados adquiridos pela Prefeitura Municipal. Por fim, devemos considerar que Quinta do Sol é uma cidade pequena, mas não por isso isenta da intensa desigualdade social interna.

Numa análise sobre a quantidade de casas populares construídas em Quinta do Sol ao longo dos períodos citados -1983/2008 - notamos que a soma total das unidades é de 250 ao todo, constituindo 10 conjuntos habitacionais para uma população urbana de aproximadamente 3.400 habitantes.

Nessa perspectiva podemos concluir que há um número razoável de unidades a disposição da população mais necessitada, por outro lado, notamos que existe e sempre existiu uma demanda muito grande por aquisição da casa própria via convênios estaduais e federais. Outro fator que reforça esse fato é que existe uma procura relevante por casas de aluguel na cidade, o que não condiz com distribuição das mesmas quando entregues à população. Nesse sentido o traçado urbano da cidade fica restrito ao que já existia há aproximadamente 40 anos atrás, com poucas mudanças percebidas pelo que se desenha atualmente. Portanto, a pesquisa sobre esse problema pode ser tornar muito relevante para tentar entender essa disposição de imóveis em Quinta do Sol, sua distribuição e a locação dos novos moradores urbanos.

DA VIDA RURAL Á VIDA URBANA

3. MIGRAÇÕES E CONDIÇÕES DE VIDA

As transformações observadas em Quinta do Sol, na região Norte do Paraná são partes de um amplo conjunto de mudanças que envolveram todo o território brasileiro. Por isso, começamos essa parte do trabalho com algumas reflexões que se referem a essas escalas mais amplas, bem como as contribuições teóricas que foram construídas a partir dessa realidade. Assim, discorreremos um pouco sobre as migrações internas ocorridas no país, principalmente as oriundas do Nordeste, pois a região foco da pesquisa recebeu muitos migrantes vindos desta região em busca de melhores condições de vida. Por isso, consideramos importante entender como ocorreram essas migrações, suas causas e consequências. Posteriormente apresentamos algumas reflexões sobre a urbanização brasileira, contribuições teóricas que nos ajudam a entender o rural e o urbano, principalmente quanto as que representaram mudanças na condição de vida social.

Desde a pré-história os movimentos migratórios das sociedades humanas foram constantes, ora por motivos naturais como fenômenos climáticos, esgotamento de recursos de coleta vegetal ou de caça, etc., ou por conflitos políticos como guerras entre tribos ou nações (SCARLATO, 2005, p.391). Atualmente, os mesmos movimentos migratórios levam uma parcela da população mundial a migrar em busca de melhores oportunidades de trabalho. Este é o caso dos nordestinos que migraram para São Paulo em busca de trabalho e renda ou ascensão social, ou ainda a grande onda de trabalhadores que saíram do campo para a cidade forçados pelo Êxodo Rural (década de 1970-1980) no Brasil. Nesse movimento populacional dentro do próprio país podemos destacar dois tipos de migrações: a migração voluntária e a migração compulsória.

Conforme salienta Scarlato (2005) a expressão migração voluntária significa que as pessoas têm o livre arbítrio de escolher se querem ou não sair do lugar de origem e procurarem outros que lhes sejam apropriados, pelo menos em uma primeira visão para iniciar um novo modo de vida e trabalho. Já a expressão migração compulsória, ou forçada, significa que as pessoas são obrigadas por motivos diversos internos ou externos que atingem o país, a deixarem seu local de origem e buscarem outros locais, pois não existem mais condições de sobrevivência ali. No caso do Brasil até o fim da década de 1970, os movimentos se caracterizaram pela grande mobilidade populacional interna e pelo recebimento de imigrantes europeus e asiáticos nos séculos XIX e XX.

Em 1980, com o crescimento econômico em baixa, os brasileiros iniciam um processo de imigração para os Estados Unidos da América, Japão, Europa e América Latina. Anterior a este fato, conforme salienta Scarlato (2005, p. 391): “os brasileiros já tinham passado por processos de “migrações internas” por motivos políticos, principalmente na época getulista 1930-1945 e do regime militar 1964-1985”.

Na história do Brasil, quase todos os movimentos migratórios verificados estiveram relacionados com as condições socioeconômicas. Boa parte da população, principalmente do Nordeste e Norte do Brasil, saiu de seus lares na década de 1970, onde a renda per capita é baixíssima e procuraram outros locais. A região Sudeste, em primeiro plano, pelo seu desenvolvimento industrial e, em segundo plano, a região Centro-Oeste e o Norte do Paraná, devido à existência de oferta de mão-de-obra para trabalhar na cultura do café, principalmente no Norte Paranaense (SCARLATO, 2005, p. 391).

É importante observar que o Nordeste do Brasil foi e ainda é palco destes movimentos migratórios devido a situações naturais e econômicas como, por exemplo, a seca que assola o sertão nordestino deixando milhares de pessoas a mercê da sorte ou da ajuda de instituições de ajuda humanitária e também devido à pobreza que atinge boa parte dos moradores do sertão nordestino (SCARLATO, 2005, p. 391).

Entendendo a mobilidade espacial da população dentro do que observamos entre rural e urbana, podemos perceber na Tabela 9 que houve um acentuado aumento de pessoas deixando o campo e indo para a cidade devido a vários fatores dos quais podemos citar: a) o arrendamento das terras; b) a mecanização da lavoura; c) a especulação imobiliária; d) os atrativos das cidades veiculados pelas mídias. Dentro dessa perspectiva houve rápido aumento da população urbana que ultrapassou, a passos largos, a população rural, sendo que a região Sudeste foi o grande ponto de destino para esses novos moradores, como nos aponta a tabela 9 - p. 93 -:

Tabela 9 - Brasil e Regiões - População Rural e Urbana, 1940-2000 (%).

Ano	1940	1960	1980	2000
Setor	Rural - Urbano	Rural - Urbano	Rural - Urbano	Rural - Urbano
Brasil	68,77 - 31,23	54,92 - 45,08	32,41 - 67,59	18,75 - 81,25
Norte	72,26 - 27,74	62,20 - 37,80	48,35 - 51,65	36,65 - 63,35
Nordeste	76,58 - 23,42	65,80 - 34,20	49,53 - 50,47	33,80 - 66,20
Sudeste	60,59 - 39,41	42,70 - 57,30	17,19 - 82,81	9,71 - 90,29
Sul	72,77 - 27,73	62,40 - 37,60	37,58 - 62,42	21,79 - 78,21
Centro-Oeste	78,49 - 21,51	65,00 - 35,00	32,21 - 67,79	14,58 - 85,42

FONTE - IBGE.

Podemos verificar que a partir dos anos 1960 já existiam tendências que levariam em pouco tempo a população rural a se deslocar em grande escala para a zona urbana como a introdução das máquinas no trabalho do campo. Portanto, no período compreendido entre 1970-2000 notamos mudanças nas regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste, em relação à porcentagem da população rural e urbana. A população urbana ultrapassa a rural e, no caso das regiões Sudeste e Centro-Oeste isso acontece acima da média nacional. No Sul, também notamos um aumento muito significativo da porcentagem da população urbana em relação à rural, nesse caso não chega a ultrapassar a média nacional, mas demonstra uma alteração em relação às pessoas que residiam no campo e, por motivos e fatores diversos, tiveram que sair e procurar outras formas de trabalho na cidade. O crescimento da população urbana no Brasil aconteceu em larga escala numérica e mal distribuída espacialmente.

Quando abordamos a urbanização brasileira comparada com a do primeiro mundo, Scarlato (2005, p.394) diz: “Não podemos comparar de forma alguma a urbanização brasileira com a do primeiro mundo porque esses processos foram bem diferentes. Nos países desenvolvidos, em grande maioria, a industrialização ocorreu paralelamente à transformação do campo”. Houve, de forma planejada ou espontânea, a transformação da economia dos países passando a grandes produtores industriais, mas também o fortalecimento da produção agrícola. Foram criados leis e projetos que subsidiaram essas transformações e criaram estruturas para a população da cidade e do campo. Na perspectiva dessas transformações ocorridas no Brasil e as relações de trabalho sob a ótica capitalista, Scarlato (2005) discorre:

No caso brasileiro, mesmo sendo desestruturadas pelas novas relações de trabalho capitalistas, as relações tradicionais continuam tendo uma participação forte, exceção feita às regiões Sudeste e Sul e algumas áreas das outras regiões. Integração de mercados e de tecnologia, nivelando para cima as condições de vida dos trabalhadores das duas regiões. No Brasil, com exceção das duas regiões apontadas, tal fenômeno foi menos frequente, produzindo um número muito grande de trabalhadores excluídos dos benefícios da modernização e que acabaram por migrar para os grandes centros urbanos. (SCARLATO, 2005, p. 394).

Portanto, a grande maioria das pessoas que migraram para as cidades passou a enfrentar problemas devido à forte concentração nas regiões metropolitanas como: crescimento na demanda de empregos, transportes, habitação, saneamento, atendimento de serviços de educação e de saúde. Analisando o modelo de urbanização implantado no Brasil aliado ao crescimento econômico industrial e agrícola, notamos que parte da população, devido a vários fatores, foi motivada ou forçada a procurar áreas metropolitanas para tentar um nível de vida melhor, passando a se concentrar nas regiões de grande desenvolvimento industrial - São Paulo, Rio de Janeiro e outras - tornando-se mão-de-obra barata nas grandes fábricas e consumidores em potencial.

Outra parcela que não foi acolhida pelas fábricas como mão-de-obra passou a compor o mercado de trabalhadores ambulantes informais e desenvolveram um ramo de trabalho que serviu de válvula de escape para aqueles que não tiveram a sorte ou o mérito de trabalhar nos grandes centros industriais. Não podemos nos esquecer que a grande onda migratória do campo para a cidade ocorreu nas décadas de 1970, 1980, 1990 e se concretizou não em definitivo, mas em números extraordinários na década de 2000. Portanto, nem sempre esse contingente populacional que ampliou as grandes metrópoles brasileiras foi oriundo do campo, mas também teve origem em outros pequenos municípios que não atendiam as expectativas dessa população que se via obrigada a procurar outra forma de trabalho e, na maioria dos casos, a única solução seria a tentativa de crescimento econômico e ascensão social nas grandes cidades.

Sabemos que para entender os movimentos migratórios ocorridos em um território e analisar quais foram as causas desses movimentos, não podemos utilizar como referência apenas uma região ou apenas uma causa, principalmente quando estamos falando do Brasil que é um país de extensão continental. Portanto, por ser um país que abrange várias características e culturas diversas, tentamos entender e analisar os movimentos migratórios no Brasil através de motivos e causas específicas de região para região.

Com as mudanças políticas e econômicas pelas quais o Brasil passou, principalmente após a Proclamação da República em 1889, houve diversos momentos de crescimento e de crises no país, dependendo da riqueza específica das regiões e dos interesses internos e externos, visando o crescimento ou a exploração.

A mobilidade interna do povo brasileiro sempre esteve atrelada ao processo de povoamento do território. Os ciclos econômicos ou períodos sucessivos de atividade em uma região vinculados a um produto principal favoreceram tal processo, pois as pessoas foram atraídas pela oferta de trabalho, facilidade em obter terras ou ascensão social rápida, conforme podemos observar no quadro 2, que mostra desde o século XVI e nas décadas da segunda metade do século XX, os motivos das migrações realizadas no Brasil:

SÉCULO/DÉCADA	CARACTERÍSTICAS
XVI e XVII	Saída de nordestinos da Zona da Mata rumo ao Sertão atraídos pela expansão da pecuária.
XVIII	Saída de nordestinos e paulistas rumo à região mineradora (Minas Gerais).
XIX	Saída de mineiros rumo ao interior paulista atraídos pela expansão do café. Saída de nordestinos rumo à Amazônia para trabalhar na extração da borracha.
Década de 1950	Saída de nordestinos rumo ao Centro-Oeste (Goiás) para trabalhar na construção de Brasília. Esse período ficou conhecido como a “Marcha para o Oeste”.
Décadas de 1950-1960	Saída de nordestinos rumo ao Sudeste, motivada pela industrialização. As cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro receberam o maior fluxo de imigrantes.
Décadas de 1960-1970	Saída de nordestinos que continuaram migrando para o Sudeste, o Centro-Oeste (Mato Grosso) e o Sul (Paraná). A partir de 1967, com a criação da Zona Franca de Manaus, ocorreu intensa migração de nordestinos rumo à Amazônia (Manaus). Em grande parte foi um processo migratório orientado pelo governo federal.
Décadas de 1970-1980	Migrações sulistas rumo ao Centro-Oeste (agropecuária) e de nordestinos rumo à Amazônia (agropecuária e garimpo). Em consequência, o Norte e o Centro-Oeste foram, respectivamente, as regiões que apresentaram o maior crescimento populacional do Brasil, nas últimas décadas.

Quadro 2 - Brasil - Breve histórico das migrações internas.

Fonte - IBGE. Atlas Nacional do Brasil, 2000. p.76.

Conforme salienta Scarlato (2005): “as transferências de populações brasileiras através dos séculos de uma região para outra, do campo para a cidade foram

acompanhadas por traumas e conflitos.” (SCARLATO, 2005, p. 397). De um lado os migrantes que lutam para não perder sua identidade e sua cultura, como os nordestinos que acabaram sofrendo segregação social de outro lado, os imigrantes que chegam e lutam para não perder principalmente sua cultura e identidade nacional e não serem subordinados a população local. No caso do estudo em questão, os nordestinos são os que fazem parte da taxa acelerada de aumento de moradores no município de Quinta do Sol, desde a década de 1950 até 1970.

Esses migrantes oriundos do Nordeste e de algumas outras regiões do país ainda guardam muito apego aos seus lugares de origem. Para uma grande parte ainda existe a expectativa de retorno, mas outros tentam se reintegrar ao novo modo de vida e até por razões econômicas, não tem esperanças de retorno. Podemos notar que grande parcela desses novos moradores citadinos tem valores fortemente ligados à vida no campo ainda, mas tem de se adequar às novas relações de trabalho e aos novos padrões de vida na cidade.

3.2. RURAL/URBANO

O tema é bastante polêmico nos dias atuais, polêmico porque não podemos mais hoje expressar uma idéia de que rural se define somente a atividade de produção, sobrevivência e moradia no campo, e também por outro lado, não podemos afirmar que o urbano só se define quando existe uma cidade e, que nela se desenvolve uma forma de vida particular, ou seja, os dois parâmetros estão ligados e merecem uma análise em volta das suas características principais e de suas especificidades. Portanto, nessa pesquisa tornou-se muito importante entender esses parâmetros específicos que se entrelaçam numa rede de dependência, pois o tema principal e objeto de estudo é uma pequena cidade com as transformações ocorridas durante anos e que sofreu mudanças drásticas, principalmente porque o objeto de estudo nos levou ao rural e ao urbano.

Esses ensaios teóricos sobre como definir o urbano e o rural podem ser atrelados às épocas bem mais remotas como assinala Endlich (2003) quando trata dessa questão na perspectiva sobre o urbano e o rural: “As condições políticas e sociais que permitiram a divisão da socioespacialidade do trabalho, originando a contraposição entre o rural e o urbano, existem há mais de 5.500 anos, ou seja, desde a antiguidade”. (ENDLICH, 2003, p. 11). Nesse sentido, a autora faz alusão a uma separação do trabalho que dividiu de certa forma dois momentos diferentes de organização, produção

e sobrevivência das sociedades, ou seja, num primeiro momento aqueles que viviam no campo e dependiam do campo e, num segundo momento aqueles que viviam na cidade, produziam nela, mas com um fator instigante, dependiam da cidade e também do campo, pois toda a fonte de matéria-prima necessária para o desenvolvimento do seu trabalho urbano estava no campo, por isso Endlich (2003) faz referência à questão dos limites traçados para separar a cidade e o campo: “Os limites físicos entre a cidade e o campo encontravam-se expressos de forma mais evidente nas cidades muradas, peculiares do período medieval.

Ainda na situação de indefinição sobre limites entre rural e urbano, Endlich (2003) ressalta: “Definir os limites a partir de aí então, converteu-se em tarefa extremamente perigosa”. (ENDLICH, 2003, p.11). Portanto, a delimitação de limites do que seria cidade e campo pode apresentar muitas barreiras, tanto políticas como sociais e culturais, pois a partir do momento que se divide um espaço conforme suas potencialidades aliadas à condição sociocultural, se torna extremamente perigoso defender um conceito acabado e homogêneo. Nesse sentido Lefebvre (2001 apud, ENDLICH, 2003) utiliza o referencial de Lefebvre para discorrer sobre essa separação limítrofe e suas consequências:

Com isso, tende-se a apagar a distinção cultural entre cidade e campo, mas em decorrência da maneira contraditória como ocorre, permanecem ‘ilhas’ de ruralidade e significativa parte do que se considera como cidade é interpretada, na mesma perspectiva teórica, como espaços de mediação entre o campo e a cidade [...]. (LEFEBVRE, 2001, apud ENDLICH 2003, p. 75).

Na mesma perspectiva do debate para encontrar meios mais significativos para entender o rural e o urbano e assim racionalizar suas funções conforme sua potencialidade inserida dentro de cada unidade Endlich (2003) utiliza-se do pensamento de Lefebvre para uma melhor apreciação desse embate:

A separação entre cidade e o campo toma lugar entre as primeiras e fundamentais divisões do trabalho (a biológica e a técnica). Ela corresponde à separação entre o trabalho material e o trabalho intelectual, pois à cidade cabe funções de organização, direção, atividades políticas, militares e elaboração do conhecimento [...]. (LEFEBVRE, 1969, p. 31-32).

Numa análise desse pensamento lefebvriano, essa separação causaria a ruptura entre uma unidade e a divisão do trabalho colocaria de um lado aqueles que criam os meios para o desenvolvimento e expansão de novas potencialidades, utilizando-se de técnicas apuradas e de meios tecnológicas para tal, isso exigiria uma qualificação intelectual da sociedade ou parte dela, e, de outro lado, os que simplesmente trabalhariam e colocariam em funcionamento todo o aparato em mãos. Nesse sentido, os que seriam qualificados para tal necessidade estariam e pertenceriam a cidade e os que trabalhariam para tal desenvolvimento e expansão econômica e territorial estariam no campo.

Esta divisão ainda pode nos levar a refletir sobre a construção de modo de vida distintos nos dois momentos já citados anteriormente, pois é a partir da fixação e desenvolvimento no espaço materializado que se criam os modos de vida específicos de cada nação. Assim, Cândido (1971) quando estudou o modo de vida caipira e sua manutenção na metade do século XX afirma que a sociedade era autoritária, estóica e permeada por costumes e expressões de disciplina coletiva, além das relações de compadrio que se estabeleceram, explica o autor: “[...] relação afetiva entre os compadres [...] criava possibilidade ou disposição para intercâmbio mais intenso: convivência, prestação de serviços, assistência mútua, etc.” (CÂNDIDO, 1971, p. 245). Esse modo de vida rural atrelado a costumes e disciplina regulada por famílias, principalmente pela atuação do pai foi indispensável para a existência e permanência dessa condição de vida.

Não podemos nos esquecer que a religiosidade foi e é muito importante ainda nessa perspectiva entre a relação urbano e rural, pois o sentimento e a fé religiosa permearam e ainda permeiam muitas das tradições e costumes das comunidades rurais ainda existentes e tem uma forte presença no campo, por menor que sejam nos dias atuais essas comunidades que mantêm esses traços ainda considerados rurais, nesse sentido Endlich (2006) assinala:

A religiosidade era mais expressiva, bem como as relações sociais que nela se estabeleciam, como aquelas de compadrio. Eram comuns as quermesses, ou festas realizadas nas pequenas cidades, bem como nas diversas paróquias distribuídas pelo interior dos municípios. (ENDLICH, 2006, p.160)

Segundo a autora, poucas dessas festas resistiram às transformações culturais e só recentemente algumas vêm sendo retomadas como atrativo turístico. No caso de Quinta do Sol essa manifestação religiosa continua em pleno desenvolvimento e continuidade desde as épocas da fundação da então Vila de Quinta do Sol, nesse sentido o Senhor Florival Peres de Marcos²⁰, 67 anos, prefeito por duas gestões no município, diz:

Cheguei a Quinta do sol em 1966, vindo de Colorado (PR), desde quando cheguei aqui participei de quase todas as festas da paróquia São Judas Tadeu. É um momento de felicidade, de encontro das famílias no almoço, nas brincadeiras das crianças e no que é o principal da festa, a ajuda da comunidade à paróquia e sua manutenção através da arrecadação nessas festas. Por isso, como prefeito por duas vezes, procurei manter, mesmo com algumas dificuldades em alguns anos, essa importante atração no município [...]. (MARCOS, 2009).

É nesse sentido que se torna polêmico tentar dar significado e conceituar o que é rural ou o que é urbano, respeitando e utilizando todos os referenciais já existentes ditos anteriormente, pois existe uma interdependência entre os mesmos, além de também existir diferenças básicas de paisagem, hábitos, espacialidades, limites, atividades econômicas, etc. Portanto, essa discussão não termina aqui, mas continua em outros estudos que podem surgir aliados aos já existentes e que tentarão, de alguma forma, explicitar, dar significados e conceituar o que se pode entender sobre o rural e o urbano.

3.3. O RURAL

Quando nos referimos ao significado da palavra rural, a primeira percepção visual que vem a mente é aquela em que tudo é verde, ou seja, florestas, rios, pastos, plantações, criações, etc. Essa visão foi construída desde a origem do Brasil, pois quando fazemos um recorte no tempo e voltamos à época em que nossos ancestrais povoaram o território - povos pré-colombianos -, sabemos e aprendemos que eles tinham uma relação muito próxima da natureza, usufruindo dos recursos nela encontrados, mas sem um pensamento mercantilista.

²⁰ Relato concedido pelo Sr. Florival Peres de Marcos em 20 de Outubro de 2009.

Mesmo quando passamos a entender a colonização portuguesa e espanhola - pós-chegada de Colombo -, em nosso país também nos voltamos para o mesmo patamar, ou seja, o Brasil sempre foi rural, sendo que toda a riqueza fornecida para os europeus foi extraída do campo como: pau-brasil, cana-de-açúcar, ouro, frutas tropicais, etc., nesse sentido segundo Santos (2006):

Quando tudo era natural, o homem escolhia da natureza aquelas partes ou aspectos considerados fundamentais ao exercício da vida, valorizando diferentemente, segundo os lugares e as culturas, essas condições naturais que constituíam a base material da existência do grupo. (SANTOS, 2006, p. 235).

O autor se refere à base material para a existência do grupo para os indígenas enquanto vivendo sem a presença européia. Durante os séculos XVI, XVII, XVIII e XIX não havia muitas discussões acadêmicas em torno desses dois parâmetros de debate, até mesmo porque o Brasil em sua condição histórica de ocupação e desenvolvimento sempre esteve dependente da produção no campo. Não podemos nos esquecer que em cada ciclo econômico importante dos já citados surgiram povoados importantíssimos, mas devido à forma de produção e geração de mão-de-obra no campo e os interesses da classe dominante da época, esses povoados não tiveram papel ou força para se impor ao modelo tradicional imposto ao Brasil pelos seus colonizadores.

Considerando esse contexto da história e construção do país, nos voltamos para o debate sobre o que é rural e urbano nos dias de hoje. O aumento da densidade demográfica nas áreas urbanas não significa que estejam desaparecendo as diferenças e contradições entre o que é propriamente rural e o que é urbano. Lembramos que tanto o território como a sociedade brasileira passou pelo processo de urbanização. Ambos eram ruralizados e na atualidade há modificações no sentido do urbano, ainda que de forma incompleta e contraditória.

Desde a década de 1950, mas principalmente entre 1960 e 1970, podemos notar que há um processo industrial instaurando um novo modelo de relação entre campo-cidade-produção, na qual passa a existir um foco muito aproximado da importância do crescimento e modernização urbana, onde a mecanização da produção no campo é o primeiro passo para que este novo modelo tenha sucesso.

No Brasil, já a partir de 1950, há um aumento substancial de incremento de tecnologia no campo - tratores, plantadeiras, pulverizadores, sementes beneficiadas - iniciando um processo que vai atingir seu objetivo aproximadamente no final dos anos

1980. Nesse sentido, o termo rural passa a ser objeto de algumas discussões sobre o seu significado na sociedade contemporânea, pois no final do século XX e já no XXI surgem alguns questionamentos sobre o rural, como por exemplo: O que é rural? Quais as características de uma propriedade rural na atualidade? O campo na atualidade sobrevive sem os meios técnicos no que concerne a produção? O camponês hoje consegue viver sem a utilização dos utensílios urbanos? São questionamentos vários que nos dão a idéia de que o rural não perdeu a sua materialidade enquanto campo e sim a sua especificidade, pois no atual estágio da sociedade capitalista a produção em larga escala e os lucros maiores fazem com que se utilize, ou se mude constantemente a forma de um lugar ou região, criando novos parâmetros a serem entendidos, como assinala Santos (2006):

Quanto ao espaço, o componente material é crescentemente formado do “natural” e do “artificial”. Mas o número e a qualidade de artefatos variam. As áreas, os espaços, as regiões, os países passam a distinguir em função da extensão e da densidade da substituição, neles, dos objetos naturais e dos objetos culturais, por objetos técnicos. (SANTOS, 2006, p. 236).

Santos (2006) discorre ainda sobre a questão da função e forma do espaço afirmando que:

Não importa a localização geográfica do espaço natural, quando se torna necessário modificar a função/forma de um espaço principalmente quando o objetivo principal é a produção, são inseridos os meios técnicos necessários e em curto período de tempo cronológico as mudanças são visíveis. (SANTOS, 2006, p. 237).

Portanto, o significado, função e forma do espaço rural não serão definidos por um ou outro debate, o que podemos entender é que o rural sempre existiu, o que hoje notamos é uma troca de especificidade conforme os interesses da sociedade técnica-informacional no que diz respeito à utilização desse ambiente natural. É nesse espaço rural que encontramos as famílias que ainda vivem nele e mantêm ou tentam manter uma condição de vida que ao longo do tempo vem sendo superada pelo modo de vida moderno e capitalista conforme Lefebvre (1975) diz: “Por este viés, rural significa uma condição de vida pretérita, que vem sendo superada material e culturalmente. Essa superação não atinge a totalidade da sociedade, pois se trata de um processo que não está isento das contradições que permeiam o capitalismo” (LEFEBVRE, 1975, p. 32).

Ainda nesse sentido Lefebvre (1975) define esse conjunto de famílias como comunidade rural que se organizou historicamente ao longo do tempo e que mantém esses traços culturais:

[...] um conjunto de famílias fijadas al suelo. Estos grupos primários poseen por una parte bienes colectivos o indivisos, por otra bienes ‘privados’, según relaciones variables, pero siempre históricamente determinadas. Están relacionados por disciplinas colectivas y designan – aun cuando La comunidad guarda vida propia – responsables mandatarios para dirigir La realización de estas tareas de interés general. (LEFEBVRE, 1975, p. 32).

Seguindo o pensamento de Lefebvre a vida rural significa uma situação humana em que a sobrevivência só é possível com muito trabalho. Para as comunidades rurais o trabalho oferece o mínimo para a sobrevivência e, nesse caso, conseguindo apenas o mínimo para sobreviver, isso ocasiona a precariedade desse modo de vida e a dificuldade para mantê-la, pois sem alguns recursos básicos dentro da comunidade e o avanço rápido do capitalismo, alguns padrões podem se tornar antiquados para parte da população, criando uma nova forma de viver e consumir, nesse sentido Cândido (1971) estudou aspectos da vida rural dos “caipiras” paulistas e assinala: “O desenvolvimento social da produção gera novos padrões de consumo, modificando os parâmetros, bastante distanciados dos padrões mínimos tradicionalmente estabelecidos na vida rural, convertidos em padrões de miséria” (CÂNDIDO, 1971, p. 223).

Por este viés, se as comunidades rurais encontram dificuldades em manter tradições, costumes e o mínimo necessário para sobreviver, significando que dentro dessa comunidade já existe uma condição de miséria e, sendo assim se torna mais difícil a manutenção de todos os padrões anteriores causando uma mudança, uma transformação nesses padrões de vida e de produção principalmente na agricultura conforme discorre Lefebvre (1975) quando trata desse assunto: “Indica o processo na agricultura como um fator responsável pela dissolução das referidas comunidades. Os vínculos de consaguineidade dissolvem-se e são substituídos pelos vínculos de territorialidade, fundamentados basicamente na residência” (LEFEBVRE, 1975, p. 72-73).

Portanto quando iniciamos essa discussão teórica não poderíamos nos deter a dar significados ao rural como sendo simplesmente uma condição de produção atrelada ao campo ou, ao mesmo tempo indicar que rural significaria um modo de vida que foi transformado durante anos e que foi extinto, pois ainda encontramos pequenas

comunidades que vivem nessa perspectiva e que fazem de tudo para manter as suas tradições, mesmo que nos dias de hoje possamos visualizar o rural não mais como antigamente, pois houve transformações drásticas e rápidas dentro dessas comunidades rurais.

3.4. O URBANO

A palavra urbano significa o que é relativo ou pertencente à cidade, tudo que se refere à cidade, algo relativo às cidades, ou tudo que se contrapõe ao campo; fazendo um recorte no tempo e voltando à época em que as sociedades se organizaram, com mais ou menos eficiência, notamos que já existiam cidades importantes na história da sociedade, como as cidades egípcias - erguidas a pedido dos faraós -, Technotitlan, no México, Atenas e Esparta, no mundo grego, Roma, no Império Romano, etc. Todas as sociedades criaram e desenvolveram cidades para melhor controlar e organizar seu território.

Depois do final da Idade Média - século XV, época em que as cidades não tiveram tanta importância no Feudalismo - as cidades passaram a ser o centro das preocupações sociais, pois as pessoas que viveram durante séculos trabalhando no campo, foram obrigadas a se deslocar para centros urbanos atrás de melhores condições de vida e emprego e, com um diferencial importante, pois, não eram mais servos explorados, mas sim livres para construir seu próprio caminho.

Nesse sentido, fica difícil datar uma época ou século onde as cidades foram mais ou menos importantes porque cada sociedade organizava sua estrutura rural ou urbana conforme a sua cultura, poder dominante e condições de sobrevivência, mas podemos datar o início do século XVI como muito importante nesse novo modelo de organização espacial atrelado à produção, onde a cidade será palco crucial para o sucesso do capitalismo. É necessário tentar entender a origem das cidades para podermos nos situar e explorar o que realmente podemos dizer ou afirmar sobre o que é urbano na atualidade.

Sabemos que as cidades já materializadas, antes foram espaços rurais, em contrapartida, transformaram-se em espaços urbanos devido a uma série de mudanças ocorridas no seio social, principalmente quando falamos na ordem econômica e política atrelada as formas de produção e consumo, então será apropriado falarmos que “tudo é urbano?”. Essa discussão vem se tornando centro de debates como se ouviu em diversas

sessões do Encontro Anual da Associação Nacional de Planejamento Urbano e Regional - Anpur -, realizado em Belo Horizonte, MG - em Maio de 2003 -. O debate nesse encontro revelou um sentimento coletivo de que noções utilizadas até aquele momento não davam mais conta da percepção do que é urbano; Também podemos citar o I Simpósio sobre Pequenas Cidades e Desenvolvimento Local e a XVII Semana de Geografia, realizada em Maringá, PR - em Agosto de 2008 -, quando foram realizadas discussões em alguns trabalhos sobre pequenas cidades, a importância da produção rural para a sobrevivência das mesmas, mesmo que totalmente dependente dos meios técnicos encontrados na cidade, além das funções e formas que as pequenas cidades apresentam no século XXI.

O que não podemos nos esquecer, principalmente quando passamos a debater o sentido único na forma desses dois parâmetros é que, urbano se refere à cidade, na sua constituição essencial, onde existe um poder local assentado em uma organização material: escolas, indústrias, habitações, ruas e avenidas, hospitais, aeroportos, lojas comerciais, bairros, impostos..., ou seja, os espaços materiais construídos sobre uma base natural onde as sociedades se relacionam, se organizam e mantêm vínculos de dependência ou dominação numa rede denominada “rede urbana” nos diferentes espaços culturais. Portanto, o urbano nos diz respeito à cidade, com suas características culturais e sociais criadas, desenvolvidas e que são transformadas ao longo do tempo conforme a evolução específica de cada espaço geográfico local, regional, mundial.

O urbano também pode ser definido como justaposições e superposições de redes, acúmulo e reunião dessas redes, constituídas em função do território, outras em função da indústria, outras ainda em função de outros centros no tecido urbano. Por outro lado, o processo de industrialização faz a cidade explodir, estende-a desmesuradamente, levando à urbanização da sociedade e a leva à imposição, estilhaçando-a em fragmentos. É uma relação dialética, conflitante e complexa, um processo na qual intervêm ativamente, voluntariamente, classes ou frações de classes dirigentes e o proletariado. Na abordagem de Lefebvre (1999a, p.171) “o urbano deve ser visto não apenas como centro de produção e acumulação industrial, mas também como um elemento de controle da reprodução da sociedade capitalista em termos da força de trabalho, da troca e dos padrões de consumo”. A cidade - ou o que resta dela - é o lugar da reprodução das relações capitalistas de produção, o que implica, em particular, na reprodução da divisão do trabalho, isto é, separações no interior da divisão do trabalho.

Com o rural, conforme analisado anteriormente, significando uma condição de miséria, de perda de tradições e mudança de padrões de consumo, o urbano pode significar o contrário, superar as limitações impostas pelo modo de vida rural, tanto na economia, como no consumo. Lefebvre (1983, apud ENDLICH, 2003) ao tratar das condições estruturais que o capitalismo criou para que a precariedade fosse superada afirma que:

Mesmo que o capitalismo tenha criado as referidas condições para que a precariedade pudesse ser ultrapassada, por outro lado, as contradições inerentes ao mesmo impediram que toda a sociedade pudesse apropriar-se dos avanços alcançados. Portanto, a concepção de sociedade urbana proposta é de que esta deveria representar a apropriação do tempo e do espaço pelo ser humano. (LEFEBVRE, 1983, apud ENDLICH 2003, p. 25).

A condição de vida urbana surgiu para sinalizar e produzir novas formas de entender parâmetros importantes na qualidade de vida e nas relações humanas, propiciar avanços tecnológicos e políticos, sempre mantendo uma condição positiva para que os avanços se efetivem e que todos possam se apropriar dos mesmos.

3.5. A RELAÇÃO CIDADE/CAMPO

O processo de industrialização da agricultura no Brasil iniciado aproximadamente na década de 1950, processo esse que tinha e, ainda tem como objetivo único introduzir a tecnologia na produção do campo e, em contrapartida, com a introdução da tecnologia como recurso para melhorar e produzir em larga escala, modificar as relações de trabalho estabelecidas até então, fez com que a mão-de-obra ficasse em segundo plano, gerando um movimento de expulsão do trabalhador rural para a cidade, acarretando uma série de consequências tanto para a vida desses trabalhadores como para o planejamento e estrutura das cidades.

Portanto, muitos autores que estudam esse fato histórico defendem que existe uma relação dialética, muito próxima e dependente entre a cidade e o campo, entre o rural e o urbano. Isto quer dizer que existe uma unidade contraditória entre os dois temas abordados, onde um dos setores da economia envolve a agricultura, pecuária, etc.; e o outro a indústria, o comércio, etc. Num sentido mais próximo de abordagem sobre os agentes que fazem essas duas áreas se desenvolverem, poderíamos dizer que não existe nenhuma relação entre eles, mas sabemos que o trabalhador rural que

desempenha sua função no campo tem uma relação muito direta com o que acontece na cidade, pois quase tudo que existe materializado na cidade depende direta ou indiretamente do que é produzido no campo, como por exemplo, a presença do trabalhador assalariado, o bóia-fria, que tem na cidade a sua residência e trabalha no campo.

De outro lado, a industrialização dos produtos agrícolas pode ser feita com os trabalhadores da cidade, mas a obtenção da matéria-prima só pode ser encontrada no campo, entretanto, nos dias atuais a abordagem entre o que é cidade e campo, ou o que é rural e urbano, está sendo debatido num patamar mais avançado e de intensas discussões, pois não dá mais para separar cidade e campo, rural e urbano, os dois parâmetros estão interligados numa rede de relações intrínsecas onde um depende do outro, não importando a escala de maior ou menor dependência, ou seja, podemos dizer que o atual estágio do capitalismo voltado para a produção, seja do produto agrícola, seja do industrial, passa a depender da cooperação no trabalho coletivo, necessariamente.

A compreensão desses dois processos que são importantes na construção e na expansão das cidades, como igualmente no campo, não elimina todas as suas diferenças, pelo contrário, pode aprofundá-las num sentido mais específico de cada área, mas considerando uma necessidade de dependência geral da outra.

Portanto, não podemos nos referir atualmente ao campo ou a cidade separadamente, os dois modelos de produção estão interligados numa rede de relações tão próximas que, se uma dessas áreas produtivas não conseguir fazer o seu papel conforme suas características básicas, agricultura e indústria, podem desencadear uma série de problemas sociais tanto na cidade como no campo, sabendo que hoje os problemas sociais acontecem em larga escala nas cidades, mas tem uma relação próxima com o que acontece no campo, como é o caso de Quinta do Sol, objeto principal de estudo nessa pesquisa, que passou e ainda tem marcas profundas tanto sociais como culturais, transformando a vida de uma série de famílias no município.

No caso desse trabalho realizado em Quinta do Sol, tendo como foco principal a pesquisa do campo e da cidade, moradores rurais e urbanos, as transformações socioespaciais ocorridas nessa perspectiva foram analisadas com objetivos definidos especificamente pra entender o que essas modificações provocaram na condição de vidas dessas pessoas. Como já dissemos anteriormente, a maior parte da população do município residia no campo, tinha e praticava hábitos costumeiros que consideravam

espontâneos deles próprios, os quais trouxeram consigo como hábitos de quem reside no campo. Sobre a prática dos hábitos que expressam uma realidade concreta de uma sociedade, Sorbazo esclarece:

Dessa forma, os hábitos expressam a realidade circundante e estão presentes no modo de trabalhar, descansar e se divertir, desde o momento de acordar, até a hora de dormir [...] A rotina é determinada pelas condições artificialmente construídas e os hábitos surgem das relações estabelecidas entre essas condições [...]. (SORBAZO, 2006 apud SPOSITO e WHINTACKER, 2006, p. 93 - 94).

É nesse sentido que os hábitos e as práticas construídas ao longo do tempo em Quinta do Sol pelos moradores são caracterizados por eles mesmos, enquanto residentes no campo como, um modo de vida rural, pois, faziam o que para eles era uma vida camponesa. Para exemplificar melhor como era essa vida camponesa Sorbazo encontra essa característica:

Tomemos como exemplo: o camponês (para se constituir como tal) necessitaria ter que se deslocar a pé, a cavalo ou carro de boi para conversar com seu vizinho ou parente distante, mesmo existindo telefone e outros meios de comunicação. Ou seja, o camponês, para ser camponês teria que continuar com seus hábitos tradicionais. Permanecer ligado ao passado, mesmo vivenciando o presente. A construção de qualquer tipo de infra-estrutura acarretaria em perda dos hábitos rurais e, conseqüentemente, da condição de camponês. (SORBAZO, 2006 apud SPOSITO e WHINTACKER, 2006, p. 96).

Entretanto, essa vida camponesa a qual se referem os autores e sua prática no cotidiano é que define a permanência desses valores durante o tempo sem perder suas características principais. Quando os moradores hoje urbanos sintetizam que apesar de terem que aprender alguns padrões novos, principalmente nas relações de trabalho, consumo e costumes, definem que com o passar dos anos e todos os contratempos não perderam entre eles alguns hábitos que fazem questão de ainda praticar, não porque querem defender uma teoria, mas porque faz parte do cotidiano deles.

Mesmo com mudanças significativas, como por exemplo, a introdução do uso de motos na zona rural para deslocamento mais rápido até locais mais distantes e, nessa ocasião, ainda vários moradores rurais se deslocam a cavalo e a pé até a cidade. É comum os moradores da cidade presenciarem grupos de cavaleiros andando nas ruas da

cidade, ou filas de pessoas se deslocando para outros locais da zona rural ou urbana a pé.

Esses valores culturais ainda são muito importantes para a maioria dos moradores que tiveram suas vidas transformadas pelas mudanças que atingiram não só Quinta do Sol, mas, toda uma extensa área do norte paranaense.

Uma característica importante a ser detalhada quando falamos em manutenção de valores culturais e prática de hábitos cotidianos rurais pelos cidadãos quinta-solenses é que essa manifestação ocorre geralmente nas famílias que residem nas zonas periféricas da cidade, onde o nível socioeconômico é precário, mas em relação ao tema abordado é onde encontramos maior grau de valorização pessoal. Na zona rural, a situação é idêntica à zona urbana, ou seja, as famílias que não são proprietárias de lotes e sim empregadas fazem questão de manter esses valores entre elas.

Tanto na zona rural quanto na urbana o obstáculo que mais afasta a condição desses moradores rurais e urbanos de continuarem a se encontrar e manter esses laços culturais é a dificuldade que encontram para realizar as mesmas práticas como antes, pois agora estão separados por distâncias maiores e a condição no trabalho não permite mais realizarem encontros diários como antes. Outra característica importante, e positiva, referente à valorização e prática cotidiana desses valores culturais está no tamanho da cidade, por ser considerada pequena, torna-se fácil a localização, o acesso e a mobilidade entre essas pessoas e, ainda, a presença das tradicionais festas religiosas na paróquia central e nas paróquias rurais facilita essa integração periódica entre os habitantes do município, propiciando essa manifestação social/cultural entre eles.

Como se vê, esse debate sobre o rural e o urbano, embora presente na pauta acadêmica há algum tempo, ainda é complexo, principalmente quando se inclui a perspectiva lefebvriana, todavia, esse debate polêmico que ocupa espaços cada vez mais interessantes nos assuntos acadêmicos e que discutimos nesse trabalho utilizando referenciais de vários autores não chega ao seu final aqui, pelo contrário, nos leva a necessidade de aprofundarmos ainda mais os debates teóricos sobre essa questão. Procuraremos, na sequência, refletir um pouco mais sobre o que as modificações econômicas representaram quanto à condição de vida das pessoas, contrapondo a vida rural à vida urbana.

Portanto, é importante que as reflexões sobre esse assunto não cessem os debates, pelo contrário que façam emergir nos meios científicos e acadêmicos parâmetros que possam nortear conceitos já existentes e discutidos por diversos autores

com muita sensatez. A relação cidade-campo se faz presente e, se fez muito presente na vida dos entrevistados neste trabalho de pesquisa, como podemos verificar nas palavras do senhor Paulo Martins Netto sobre a mudança no modo de vida, na condição de trabalho e na cultura relacionada a esse dois modos de vida, distintos, mas com muitas peculiaridades, distinta porque estamos falando de épocas que o modo de vida no campo era de muito trabalho, com padrões de consumo que não tinham características capitalistas e, por outro lado, o modo de vida urbano com os novos padrões de consumo. Sobre as novas funções do campo e da cidade, além das mudanças ocorridas nas tradições culturais o senhor Paulo Martins Netto²¹ diz:

Ainda me lembro quando vivia no campo, tinha uma vida muito boa, tranqüila, apesar de trabalhar de sol a sol, noite a noite, às vezes. Levávamos com muita decência o nosso trabalho. Como posso me esquecer da minha horta no fundo da casa, dos porcos soltos, das galinhas e da fartura de frutas que existia, era tudo de graça, não comprávamos, criava, plantava e usufruía quando precisava. Quando me mudei para a cidade, tudo modificou, tinha que pagar aluguel no início, para ter alimentos, precisava ir às vendas, eram poucas na cidade e, nos empórios, tudo vendido no dinheiro, fiquei meio equilibrado com essa mudança, depois fui me acostumando com esse novo estilo de vida. Mas apesar de tudo, ainda tenho saudades daquela vida tranqüila que levava na fazenda. (NETTO, 2009).

Pelo relato do senhor Paulo Martins Netto verificamos como essa relação cidade-campo envolveu relações humanas, principalmente na época de 1950, 1960, 1970 e 1980 e deixaram muitas marcas, algumas positivas, outras negativas na vida desses habitantes do município de Quinta do Sol. Nessa perspectiva é que se faz presente o debate científico e acadêmico para que não haja simples comparações entre quem vive no campo e quem vive na cidade, como se direcionam os novos padrões de consumo e as novas formas e funções do campo e da cidade. Essa discussão não tem seu fim aqui, mas é importante que surjam novas hipóteses, parâmetros, idéias que levem em consideração que ainda por mais transformado que esteja o campo e quem vive nele e, por mais que a cidade seja o reflexo do capitalismo imediatista, quem vive na cidade ou no campo carrega consigo uma história de vida.

²¹ Relato concedido pelo Sr. Paulo Martins Netto no dia 30 de agosto de 2009.

3.6. A HERANÇA CULTURAL, O LEGADO DE SAUDADES EOS PIONEIROS DE QUINTA DO SOL,

A pesquisa no município de Quinta do Sol teve como objetivo principal discorrer sobre as transformações que ocorreram na vida de uma grande parcela de habitantes a partir das décadas de 1960-1970 até 1980 devido a um modelo de introdução tecnológica na produção do campo e troca de cultivos para atender ao mercado externo.

Em primeiro plano procuramos valorizar a história de vida desses habitantes, sabendo que a maioria dos pioneiros que fazem parte da memória e história de Quinta do Sol vieram de uma região muito pobre do Brasil - Sertão Nordeste - em busca de uma vida melhor atrelada ao sonho de ganhar muito dinheiro nas terras roxas do Norte do Paraná.

Nesse cenário de sonhos, pioneirismo, dificuldades, trabalho árduo e construção de uma história de vida longe de suas origens, enfocamos as causas e conseqüências desse processo social, cultural e histórico.

Toda cidade, distrito, vila ou qualquer lugar emancipado ou não, carrega consigo uma gênese, iniciada por algumas pessoas que alcançaram respeito e admiração dos habitantes que residem nela, construíram e constroem sua história, seja na cidade, no campo, distrito ou vila. Quinta do Sol não se difere das demais localidades da região Norte do Paraná quando abordada a sua história, desde a chegada dos primeiros pioneiros, a construção do espaço social, das relações políticas e humanas, da cultura predominante e da economia local.

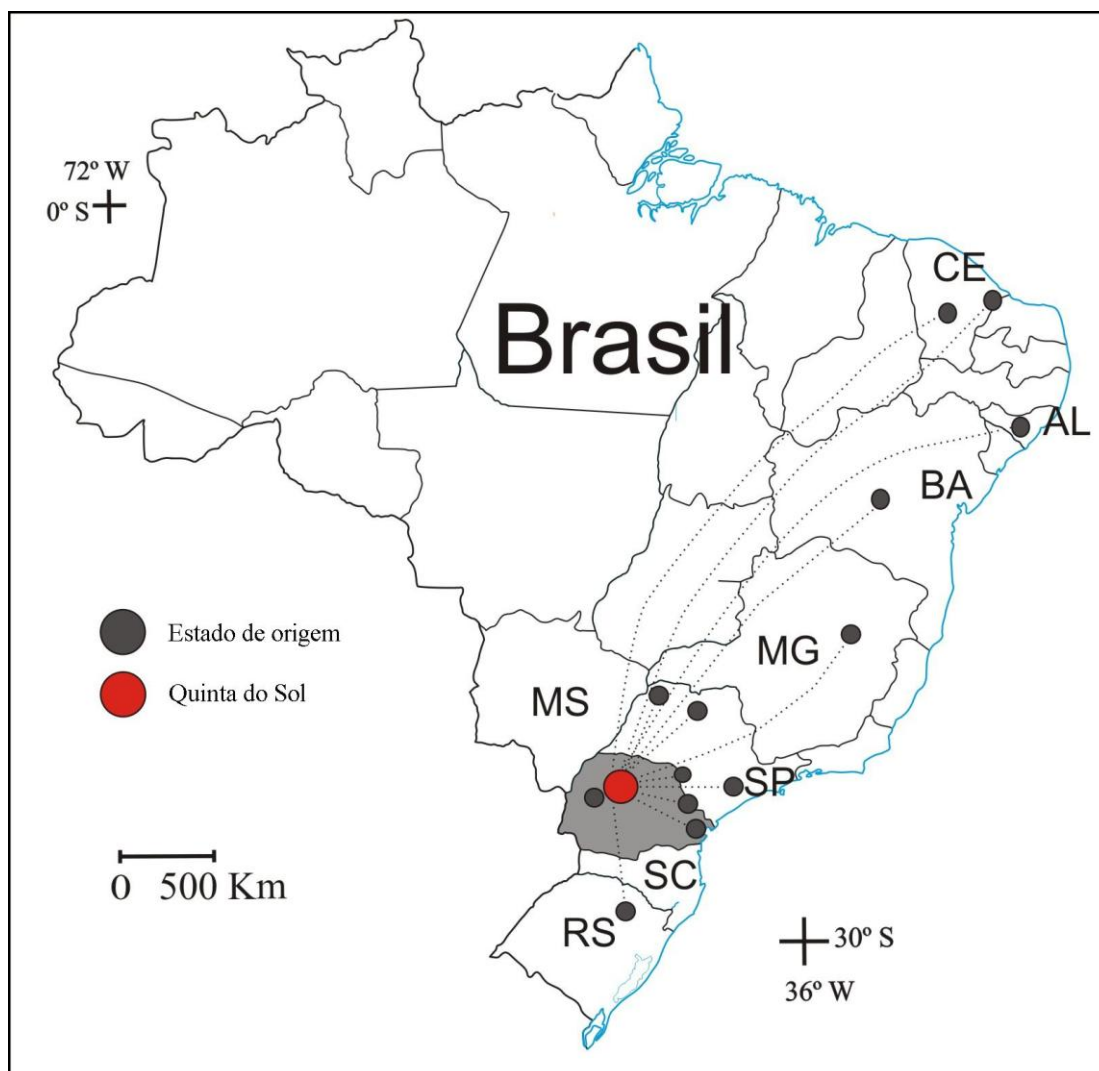
Relacionamos a seguir os pioneiros, os motivos que levaram esses cidadãos a deixarem a terra natal e o ano da chegada de cada um em Quinta do Sol na tabela 11 - p. 111 -:

Tabela 11 - Quinta do Sol - Pioneiros: origem, saída e cronologia da chegada.

Pioneiro	Ano de nascimento	Terra Natal	Motivo da saída	Ano de chegada em Quinta do Sol
Raimundo da Silva	24/01/1932	Limoeiro (CE)	Fuga da seca	1951
Paulo Martins Netto	01/01/1926	Poções (BA)	Fuga da seca	1951
Otávio Miranda Pinto	01/11/1934	Avaré (SP)	Melhoria de vida	1952
Osvaldo Silva	26/04/1916	Curitiba (PR)	Investimento comercial	1952
Walter Otero de Mello	20/11/1934	Piraju (SP)	Investimento comercial	1952
Argemiro Amaral de Mello	28/06/1908	Piraju (SP)	Investimento comercial	1952
Sebastião Vitorino	20/06/1935	Viçosa (AL)	Melhoria de vida	1952
Hilda Silva	29/05/1925	Porto Alegre (RS)	Melhoria de vida	1952
Etelvino Ferreira	11/06/1929	Rio Pardo (MG)	Fuga da seca	1954
Joaquim Cardoso de Arruda	30/06/1924	Cambará (PR)	Melhoria de vida	1956
Adelino Alves Cordeiro	24/07/1935	Castanhão (CE)	Fuga da seca	1958
Antonio Venturato Monteiro	12/08/1938	Siqueira Campos (PR)	Investimento comercial	1959
José Viana Pereira	10/07/1928	Campo Mourão (PR)	Investimento agrícola	1959
Florival Peres de Marcos	06/04/1943	Alto Pimenta (SP)	Investimento comercial	1966

FONTE - Fatos do meu Paraná, 1971, volume 1. Jamil Elias.

Analisando a tabela 11 notamos que a maioria dos pioneiros que chegaram à região de Quinta do Sol veio do Nordeste do Brasil, do interior de São Paulo, de algumas cidades já prósperas ou em início de expansão no estado do Paraná e de Minas Gerais como podemos observar no mapa 1, que mostra os estados de onde saíram essas pessoas até chegar em Quinta do Sol:



Mapa 1 - Quinta do Sol - Estados de origem dos pioneiros.

Fonte - França, JR. P. (2009).

Elaborado por - FRANÇA, JR. P. (2009).

Organizado por - CARNEIRO, J. (2009).

Outro fato importante da tabela 11 - p. 111 -, já verificado, anteriormente são os motivos da saída dessas pessoas para Quinta do Sol, aparecem como motivos principais: a fuga da seca no nordeste brasileiro, o sonho de melhoria de vida com ganhos rápidos de dinheiro no “eldorado” paranaense, os investimentos comerciais na região, a procura por trabalho, principalmente no cultivo de café nas fazendas do norte paranaense e a

possibilidade de abertura de lojas comerciais em várias áreas da economia urbana como farmácias, empórios, botecos e outros.

Cada pioneiro instalado em Quinta do Sol trouxe consigo um extenso acervo de conhecimento pessoal com a qual ele guardou as suas lembranças, saudades, alegrias, tristezas e as manteve vivas em sua memória, mesmo que longe de sua terra natal, como incremento para fortificá-lo nos seus objetivos traçados; Quando dizemos objetivos traçados, não podemos incluir nesse sentido os pioneiros oriundos do nordeste brasileiro, pois quase todos que vieram para o norte paranaense e chegaram a Quinta do Sol vieram sem ter idéia do que encontrariam na nova terra. Quando mencionamos esse acervo de conhecimento pessoal nos referimos à memória viva que estes homens e mulheres carregam dentro de si. Todos os entrevistados não escreveram ou apenas rascunharam em um pedaço de papel um pouco da sua história, mas todos indiferentes da idade ou da época da chegada, demonstraram capacidade de guardar quase todos os momentos vividos, sejam de alegria ou de tristeza na sua trajetória pessoal. Outro fator que chamou muito a atenção - quando da entrevista desses homens e mulheres que chegaram a Quinta do Sol a partir de 1949 em diante - foram as manifestações culturais que procuravam manter viva em suas práticas cotidianas, como relata o Senhor Raimundo da Silva²²:

Em 1952, 1953 até 1960 me lembro que havia bailes nas fazendas todos os finais de semana e o forró era a única música que tocava a noite toda, até de madrugada. Mas era um forró diferente do de hoje, era um forró daquele dançado lá no sertão, arrastado, levantando poeira. Ficávamos até o sol despontar conversando, dançando um forrozinho, tomando uma cachacinha, era muito bom [...]. (SILVA, 2009).

Assim se referia o senhor Raimundo da Silva sobre a maneira que os habitantes daquela época se encontravam, ainda diz ele “parecia um Ceará no Paraná” se referindo a sua terra natal. Ainda, sobre os costumes originários que trouxeram o senhor Paulo Martins Netto²³ relata: “eu me lembro que onde trabalhava havia muitos nordestinos de muitos lugares... Na hora do rango o que mais se comia era a carne seca trazida do nordeste em grande quantidade, arroz, feijão, muito leite e tinha criação de porcos”.

²² Relato concedido pelo Sr. Raimundo da Silva no dia 27 de Agosto de 2009.

²³ Relato concedido pelo Sr. Paulo Martins Netto no dia 30 de agosto de 2009.

Quando o Senhor Adelino Alves Cordeiro²⁴, 74 anos, relatou sobre a religião e sua manifestação em Quinta do Sol, considerou: “muitos moradores daquela época eram religiosos demais, mas uma parcela não ligava muito, talvez porque não existia ainda em Quinta do Sol uma paróquia com padre permanente, havia missa a cada trinta dias...”. No seu relato fez questão de enfatizar sobre sua fé: “[...] me casei na igreja de Alto Santo – distrito de Castanhão (CE) – e no civil assim que cheguei a Quinta do Sol”. A chegada e a instalação na nova terra foi muito difícil, segundo a maioria dos pioneiros, não era fácil erguer uma casa para abrigar a família e ainda ter muito cuidado com a segurança por causa dos perigos existentes no meio da mata fechada, veja o que diz o Senhor Otávio Miranda Pinto²⁵ 75 anos, sobre essa situação:

Quando cheguei a Quinta do Sol tive que me preocupar primeiro em arrumar uma casa pra família morar, como vim para trabalhar numa fazenda em Fênix (bairro das Três Vendas – que se localiza entre os municípios de Fênix e Quinta do Sol, embora muito mais próximo deste) tive que cortar árvores, abrir uma clareira e construir minha casa. Não foi fácil para mim, demorei dias para terminar, dormíamos em redes amarradas as árvores e no alto para fugir das onças e de outros animais, mais o perigo maior era a onça... Foi assim que comecei minha vida no Norte do Paraná. (PINTO, 2009).

Analisando o relato do senhor Otávio Miranda Pinto podemos concluir que na época da sua chegada, as casas eram muito rústicas, mas serviam como única forma de segurança para os perigos que atingiam a população que morava no meio da mata e trabalhava na sua derrubada, como podemos notar na casa do senhor Otavio na foto 11.

²⁴ Relato concedido pelo Sr. Adelino Alves Cordeiro o dia 29 de Agosto de 2009.

²⁵ Relato concedido pelo Sr. Otavio Miranda Pinto no dia 02 de setembro de 2009.



Foto 11 - Família do Sr. Otávio Miranda Pinto no Bairro Três Vendas, 1952.
Fonte - Acervo particular da Sra. Silvia Bueno Pinto.

Uma das tradições que mais animava o povo naquela época era a festa da paróquia, todos se reuniam para participar, era um momento de alegria para todos que moravam em Quinta do Sol, havia igrejas em algumas fazendas e na cidade, desta forma as quermesses aconteciam sempre como relata o Senhor Sebastião Vitorino²⁶, 74 anos:

As quermesses aconteciam sempre, tanto nas fazendas como na cidade. Uma das festas mais freqüentadas era a da Fazenda Jaraguá, o povo ia para lá no sábado e só voltava ao cair da madrugada da segunda, era muito gostoso, todos se davam bem, não havia tantas confusões como vemos hoje. O importante na quermesse era participar e contribuir com a paróquia [...] era muito bom, as festas de hoje já não são mais como aquelas [...]. (VITORINO, 2009).

As quermesses a que se refere o Senhor Sebastião Vitorino e, segundo a maioria dos entrevistados, eram uma das melhores formas de se divertir e encontrar os amigos naquela época, fora os bailes, que vinham em primeiro lugar. Essas quermesses reuniam

²⁶ Relato concedido pelo Senhor Sebastião Vitorino em 22 de Novembro de 2009.

muita gente e é uma tradição que vem desde a época em que Quinta do Sol ainda era uma vila, em 1954, conforme podemos observar nas fotos 12 e 13:



Foto 12 - Quinta do Sol - Procissão de Nossa Senhora de Fátima, 1954.
Fonte - Acervo particular da Sra. Silvia Bueno Pinto.



Foto 13 - Quinta do Sol - Quermesse na paróquia São Judas Tadeu, 1958.
Fonte - Acervo particular do senhor Osvaldo Silva.

Na foto 13 - p. 116 - as pessoas estão do lado de fora da igreja porque, segundo alguns moradores, no dia de festa, geralmente aos domingos, a igreja ficava lotada e não tinha lugar para todo mundo, então alguns ficavam na frente observando a missa e outros nas barracas ou ao redor da igreja. As igrejas de madeira das fotos 13 e 14 foram substituídas por uma de alvenaria, na década de 1970.



Foto 14 - Quinta do Sol – Igreja São Judas Tadeu, 1960.
Fonte - Acervo particular da Sra. Maria do Carmo M. Luiz.



Foto 15 - Quinta do Sol - Igreja São Judas Tadeu, 1972.

Fonte - Prefeitura Municipal/histórico da paróquia São Judas Tadeu.

A religiosidade é uma das características culturais que não se perdeu ao longo do tempo e, apesar de todas as transformações ocorridas na vida dos habitantes quinta-solenses, ela continua motivando algumas das principais festas do município, atualmente. Todos os anos são realizados duas festas no município, em Março e Dezembro. Existe também incutida na cultura local, quando tratamos do assunto festas religiosas, a prática de doação por parte dos fazendeiros e dos pecuaristas de cabeças de gado e sacas de soja para ajudar na manutenção da paróquia. A população da cidade tem também como prática doar mantimentos, bolos, frangos e outros alimentos para uma melhor arrecadação. Sobre esta prática o senhor Raimundo da Silva²⁷ diz:

Lembro que desde 1956, quando passou a ser Vila de Quinta do Sol e já contávamos com uma igreja e paróquia, as festas realizadas era uma das mais importantes que me lembro. A organização da festa era feita pelo padre junto com a comunidade e, os fazendeiros doavam sacas de café e cabeças de gado para ajudar na arrecadação, acho que até hoje é assim, pelo que vejo, mas é uma coisa que surgiu lá atrás, isso para mim é muito bom. O povo de Quinta do Sol gosta de ajudar [...]. (SILVA, 2009).

²⁷ Relato concedido pelo Sr. Raimundo da Silva no dia 27 de Agosto de 2009.

Outra característica cultural que não se perdeu ao longo do tempo em Quinta do Sol, mesmo sofrendo algumas alterações, é a solidariedade com os necessitados. Segundo o senhor João Romero Filho, 80 anos, essa vontade de ajudar talvez tenha surgido durante a época em que chegou à região, pois em 1942 chegou a Londrina, depois veio para Fênix, no Distrito de Bela Vista, em 1955, e a partir da chegada em Fênix passou a conhecer a Vila de Quinta do Sol. O senhor João Romero Filho diz que passou a ir muito à Vila e se lembra de alguns episódios como o fato de na época só existirem dois carros - jipes -, um pertencente a ele e outro ao senhor Pedro Sato. Em relação à solidariedade o senhor João Romero Filho, 80 anos, diz:

Quando cheguei a Quinta do Sol, só eu e o Pedro tínhamos carro, eram dois jipes que cortava o barro e ia para qualquer lugar. Nos dias que precisavam carregar gente doente me avisavam e eu ia com toda vontade de ajudar, pois íamos de Quinta do Sol até chegar a Campo Mourão, às vezes debaixo de chuva, mas tínhamos que fazer isso, não podia deixar as pessoas doentes ou mulheres grávidas sem atendimento [...]. (FILHO, 2009).

Esse traço cultural de solidariedade com as pessoas é uma das marcas que os habitantes quinta-solenses não perderam com o processo de urbanização, mesmo que ao longo de todo esse tempo as gerações fossem sendo renovadas, mas, atualmente no município, quem precisar de ajuda, principalmente quando envolve doenças, a população se reúne e faz a sua parte.

Outra característica marcante que persiste no decorrer dos anos no município é a prática esportiva, uma das modalidades que mais chamavam a atenção da população na época da chegada e formação do município era o futebol, como Quinta do Sol nas décadas de 1950, 1960 e 1970 produzia muito café, as fazendas tinham cada uma seu time de futebol e seu campo para a prática. Normalmente aconteciam torneios de futebol nas fazendas entre todos os times e isso era uma festa para todos, apesar da rivalidade que existia entre esses times. Durante o ano e nas festas religiosas aconteciam os torneios, o campo era de chão batido como podemos observar nas Fotos 16 e 17 - p. 120 -:



Foto 16 - Quinta do Sol - Time de futebol, 1968.
Fonte - Acervo particular do Sr. Osamu Sato.

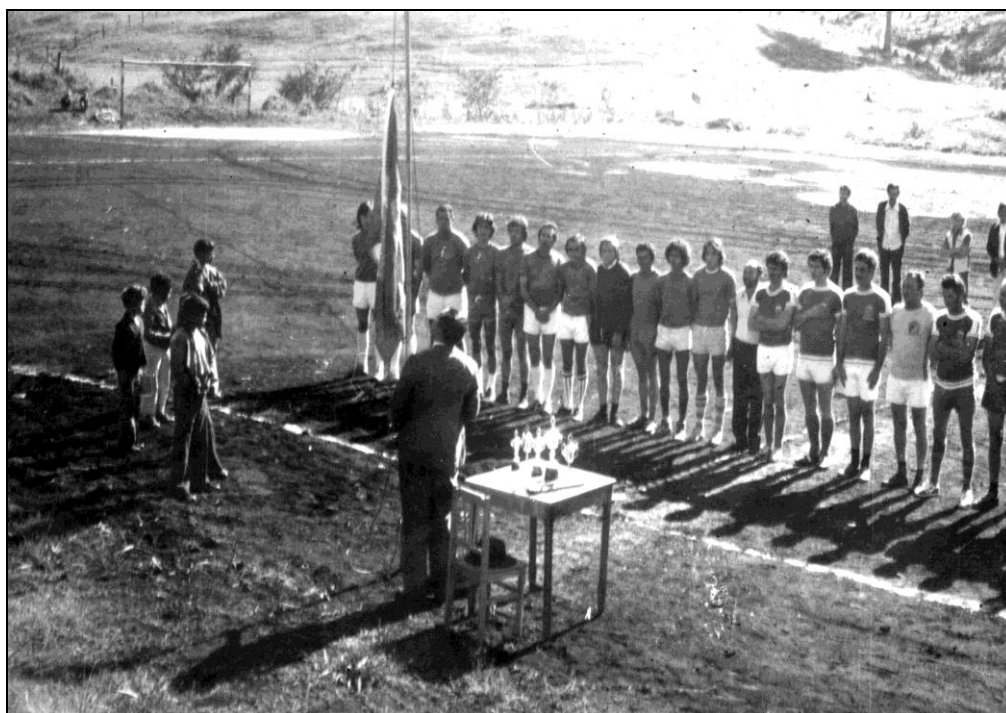


Foto 17 - Quinta do Sol - Torneio, 1975.
Fonte - Acervo particular do Sr. Osamu Sato.

Essa característica cultural de todos os anos realizar torneios e práticas esportivas continua em pleno desenvolvimento no município. Consiste ainda hoje em uma das formas de lazer para a população. O que mais chama a atenção e leva grande

quantidade de pessoas aos campos do município e ao ginásio de esportes é a prática do futebol, tanto futebol de campo como futsal.

Não poderíamos deixar de discorrer sobre o modo de vida dessas pessoas que viveram e ainda vivem em Quinta do Sol e que participaram de todas essas transformações ocorridas em âmbito nacional, regional e local. A população local tinha um modo de vida rural, sertanejo, caipira, como alguns preferem conceituar, mas quem viveu naquela época defende que não tinha melhor coisa do que trabalhar durante o dia e, nos finais de tarde, quase anoitecendo, sentar na frente da casa, tomar uma birita²⁸, fumar um palheiro e jogar conversa fora com os colegas, falando disso o senhor Paulo Martins Netto²⁹, diz:

[...] Era um tempo bom, lembro que quando vim ajudar a abrir o quadro para ser a cidade de Quinta do Sol, em 1951, trabalhávamos muito, mas quando caía a tardezinha e podíamos descansar, a primeira coisa que fazíamos era enrolar um palheiro, tomar uma birita e sentar em frente ao nosso barraco de madeira e jogarmos conversa fora, às vezes ficávamos até tarde da noite contando causos e piadas. Também falávamos da nossa terra natal e dos parentes que deixamos por lá [...]. (NETTO, 2009).

Esse modo de vida descrito pelo senhor Paulo Martins Netto durante muito tempo foi caracterizado e, ainda é, como um jeito “caipira”³⁰ de ser. Outra prática que chama a atenção e, nesse caso, é muito interessante, são os laços de amizade que esses moradores construíram ao longo de todo esse tempo e não deixaram de forma nenhuma que fosse perdido com todas as transformações ocorridas. Até hoje boa parte desses moradores que participaram do trabalho e seus colegas continuam se encontrando em suas casas, na rua, nos torneios, nas festas da paróquia para fazer o que sempre fizeram: bater um papo. São senhores de 70, 80 e até 90 anos que não se esquecem de valorizar entre eles o que chamam de amizade sincera, ficam horas e horas sentados conversando, isso pode ser visto por quem passa na praça principal da cidade, principalmente nos finais de tarde e finais de semana. Ainda nos dias de hoje, esses senhores e senhoras continuam indo as casas dos colegas para tomar um cafezinho, prática essa presente nos anos 1950, 1960, 1970, 1980 e que continua não deixando essa relação de amizade se perder.

²⁸ A palavra birita utilizada pelo senhor Paulo Martins Netto significa cachaça, expressão muito utilizada pelos habitantes daquela época em Quinta do Sol.

²⁹ Relato concedido pelo Senhor Paulo Martins Netto no dia 15 de Setembro de 2009.

³⁰ Ver (CÂNDIDO, 1971) que estudou vários aspectos dos habitantes rurais (os caipiras).

Portanto, apesar de todas as transformações ocorridas em Quinta do Sol nas décadas de 1960, 1970, 1980, podemos notar que houve modificações drásticas na forma de produzir no campo, nos padrões de consumo, nas relações de trabalho, na tipologia da força de trabalho e na situação de moradia. Entretanto, o que ainda persiste no decorrer de todas essas décadas é a cultura e a sociabilidade criada pelos habitantes, mesmo que com algumas alterações na forma de praticar, mas as gerações antigas e atuais não deixaram desaparecer essa manifestação espontânea da sociedade, mesmo sendo uma região com sérios problemas socioeconômicos, o que chama a atenção é a solidariedade existente entre os habitantes.

3.8. A VIDA URBANA E A SOCIABILIDADE EM QUINTA DO SOL

Com as transformações que aconteceram, como já dissemos anteriormente, no município de Quinta do Sol envolvendo a sociedade e junto com ela um modelo econômico, é importante ressaltar como está a vida urbana atualmente desses novos cidadãos numa esfera que envolve a situação de moradia, trabalho e a sociabilidade e qual a opinião atual desses novos moradores que sofreram as consequências dessas transformações, pois conforme dissemos, passaram por um momento que Lefebvre (1999) discorre como:

O tempo sócio-histórico pode ser periodizado em três eras: a era camponesa (com predomínio do campo e da produção agrícola, com suas relações específicas de produção e seus problemas); a era industrial (com predomínio da empresa industrial, de sua racionalidade); e, por fim a era urbana (com predomínio do urbano e sua problemática). Tal era ainda não teria desenvolvido todas as suas potencialidades, estando em gestação [...]. (LEFEBVRE, 1999, p. 28).

Quando Lefebvre cita as três eras, suas potencialidades e problemáticas podemos dizer que esses novos cidadãos passaram em suas vidas pessoais por essas fases, assinaladas pelo autor numa perspectiva histórica mais geral. Eles tiveram que mudar padrões construídos desde a infância devido à necessidade de se organizar em um novo espaço de sobrevivência. Nessa perspectiva, quando abordado o assunto moradia, as condições em que antes moravam e nos dias atuais, o senhor Paulo Martins Netto³¹, diz:

³¹ Relato concedido pelo Sr. Paulo Martins Netto no dia 15 de Setembro de 2009.

Quando morava em Poções na Bahia, na Fazenda Samambaia, nossa casa era humilde, de madeira, com chão batido e bem limpo. Chegando a Marília em 1951, fui direto para Quinta do Sol. Trabalhei na Fazenda Jaraguá plantando pés de café, morei por lá, as casas eram de madeira, bem rústica, construíamos quando derrubávamos a mata, não eram muito boas. Quando fui para Quinta do Sol, no ano de 1951, passei a morar lá, a casa era pequena, de madeira, chão batido, e não tínhamos segurança, ainda era tudo no meio do mato ainda. Hoje, moro em minha casa própria, onde criei meus filhos, está muito melhor do que antigamente, a casa é de material, com muros e grades, tem asfalto, coleta de lixo, água tratada, então para mim melhorou e muito [...]. (NETTO, 2009).

Na perspectiva do senhor Paulo Martins Netto está muito melhor a situação de moradia atualmente do que aquela vivenciada por ele quando saiu de sua terra natal na qual morava em condições precárias, atualmente o entrevistado reside em uma área da cidade com boas condições de infra-estrutura, considerada centro. Mas nem todas as pessoas que vieram do campo para a cidade na mesma época do senhor Paulo Martins Netto tiveram a chance de traçar um caminho de desenvolvimento como ele, da mesma forma o senhor Adelino Alves Cordeiro comenta:

[...] nem todos tiveram a mesma chance ou sorte que tive de encontrar um lote bem localizado na cidade. Posso falar do meu compadre Joaquim Alves Bezerra que não conseguiu comprar um bom lote, não tinha o valor total e foi obrigado a se deslocar para o que conhecemos como Paineirinha, um local que naquela época não tinha nada além dos lotes abertos, muito mato, buracos, cobras, não tinha água tratada. Ele me contava que sofria muito, principalmente à noite, era uma escuridão só, dizia ele, por isso muita gente que veio para a cidade acabou indo morar em lugares como esse, também não tinham muito dinheiro, até hoje vemos muitas famílias morando ainda nos mesmos lugares, e não melhorou muita coisa não [...]. (CORDEIRO, 2009).

A maioria das famílias que se fixaram na cidade de Quinta do Sol a partir de 1975 não conseguiu lotes urbanos bem localizados ou no centro da cidade e acabaram por constituir os bairros mais periféricos, como já abordamos anteriormente quando tratamos do traçado urbano e a distribuição da população. Essa condição de não conseguir lotes no centro da cidade faz-nos chegar a conclusão de que já havia naquela época muitos interesses imobiliários por parte daqueles que atuavam na compra e venda desses lotes, como podemos observar em Mendes (1988) ao tratar dessa questão na perspectiva da produção do espaço e a condição social da população assinalando:

Nessa perspectiva, verifica-se o poder aquisitivo da população de qualquer lugar, inserido na produção capitalista em termos quantitativos ou qualitativos, interfere sobre a determinação do preço do solo. Essa situação regula a oferta dos terrenos através do tempo, criando condições para, no momento mais viável, ampliar e subdividir ainda mais o espaço, sob a forma de loteamentos (MENDES, 1988, p. 212).

É esse cenário de interesses capitalistas imobiliários que as pessoas que chegaram à cidade tiveram que enfrentar para poderem adquirir lotes urbanos e se fixarem no seu novo local de moradia, pois encontraram muitas dificuldades para adquirir os lotes devido à intensa especulação imobiliária que já se desenvolvia na zona urbana do município. Outra característica que merece uma maior análise dentro desse cenário de transformações socioespaciais refere-se ao trabalho, a oferta de mão-de-obra e a demanda existente nas décadas citadas - 1950, 1960, 1970, 1980 - e a atual situação depois de vários fatores que transformaram e diversificaram a economia do município, concomitante com a situação dos trabalhadores que viveram essa experiência e ainda são trabalhadores ativos em Quinta do Sol.

Com a produção cafeeira em plena expansão no norte paranaense, a criação das fazendas-modelo para dar suporte à produção, a demanda por trabalho era muito grande, chegavam vários migrantes para trabalhar nessas fazendas e, nesse cenário, Quinta do Sol não se diferenciou das demais regiões, recebeu muitos novos trabalhadores, o senhor Raimundo da Silva³² fala dessa questão:

Havia muito trabalho quando cheguei em 1951, todas as fazendas precisavam de gente para trabalhar no café, tanto que acabei ainda avisando muitos parentes meus que ficaram lá que viessem para cá, inclusive meu irmão João. Me lembro que todas as fazendas de café e hortelã estavam cheias de gente, eles moravam na própria fazenda, tinha trabalho par quem quisesse. Nas fazendas tinha os empórios onde as pessoas compravam alimentos, bebidas e, também a igreja [...]. (SILVA, 2009)

Enquanto existia uma grande oferta de mão-de-obra na região nas décadas de 1960 e 1970, o município de Quinta do Sol aumentou consideravelmente de população, mas quando questionado sobre a atual situação referente ao trabalho e a perda de população o senhor Raimundo da Silva assinala:

³² Relato concedido pelo Sr. Raimundo Alves da Silva em 27 de agosto de 2009.

[...] Infelizmente hoje já não é mais a mesma coisa, as fazendas estão praticamente vazias com os tratores trabalhando no lugar das pessoas, quem veio para a cidade não tinha trabalho e acabou virando bóia fria ou indo embora para outras cidades. Quem ficou não tem muito que fazer, ou trabalha na cana ou vai trabalhar em outras cidades e retorna final de semana. Aquela época onde existia muito trabalho não existe mais [...] (SILVA, 2009).

Nessa perspectiva a que o senhor Raimundo da Silva se refere Endlich e Moro (2003) ao tratar das inovações na articulação cidade-campo e sobre as relações de trabalho agora complexas assinalam:

Com a agricultura moderna, estas relações tornaram-se amplas e complexas, pois os estabelecimentos agropecuários deixam de ser auto-suficientes e os agricultores tornam-se dependentes do comércio urbano. As vendas rurais, bem como os patrimônios rurais (pequenos núcleos urbanos que sediavam as vendas, a igreja e outros) praticamente desapareceram da paisagem rural, com o esvaziamento populacional do campo. Os trabalhadores que antes moravam no seu local de trabalho, ou seja, no estabelecimento agropecuário, ao transferirem-se para a cidade, precisam deslocar-se diariamente para o campo, onde realizam tarefas esporádicas (bóias frias) (ENDLICH; MORO, 2003, p. 33).

Com a introdução do modelo moderno de produção na agricultura alteraram-se bruscamente a tipologia da mão-de-obra na região e as relações de trabalho, invertendo o local de moradia, mas ainda mantendo parte desses trabalhadores no campo, só que como bóia-fria, quanto a este fato o senhor Otávio Miranda Pinto³³, comenta:

O que acho meio curioso é a situação dos que moravam nas fazendas e trabalhavam nelas. Antes eles tinham tudo lá, casa, comida, frutas, porcos, horta e hoje os que ficaram na cidade a maioria paga aluguel, trabalham na mesma fazenda que moravam antes, só que como bóia-fria e não tem mais idade para trabalhar tanto assim. Quando chove muitos ficam sem ganhar e até passam necessidades, é ruim isso, não era assim na época do café, da hortelã [...]. (PINTO, 2009).

Outra característica que mudou ao longo do tempo com essas transformações ocorridas foi referente ao consumo. Antes do processo de modernização da agricultura, havia as vendas rurais onde todos que moravam em fazendas ou em estabelecimentos rurais menores podiam comprar seus produtos sem ter que se deslocarem muitos quilômetros até a cidade. Quando faltava o dinheiro contava-se com um crédito

³³ Relato concedido pelo Sr. Otávio Mirando pinto em 2 de Novembro de 2009.

peculiar. Para quem trabalhava nas fazendas era possível adquirir os produtos cujo valor seria descontado no final do mês com o pagamento. Essa era uma forma de facilitar o acesso aos produtos e não ter que deslocar transporte até a cidade. Para as vendas rurais que não estavam vinculadas a apenas uma fazenda o crédito baseava-se no “caderno”, onde se lançavam os valores das compras realizadas. Em relação a isso, quando questionado sobre a situação descrita o senhor Sebastião Vitorino³⁴, ressalta:

[...] modificou muita coisa por aqui hoje em dia, na época das fazendas cheias de gente trabalhando, eles não precisavam vir até a cidade para fazer compras, tinham tudo por lá mesmo, as vendas maiores da cidade, como a Casa São Jorge, Mercantil Portuguesa levavam tudo para lá, então as vendas das fazendas faziam o repasse aos trabalhadores. Hoje em dia não tem nada pra gente pegar de graça como frutas e outras coisas, tudo tem que ir ao mercado comprar, ficou muito mais difícil, as vendas das fazendas fecharam tudo, nem existem mais, tudo que quiser tem que vir na cidade, não sinto tanto problema porque hoje moro na cidade, mas quem não mora tem que vir aqui comprar de tudo [...]. (VITORINO, 2009).

A partir da mudança ocorrida nos padrões de consumo, conforme podemos verificar nas palavras do senhor Sebastião Vitorino, atualmente todos os produtos necessários para a sobrevivência estão na zona urbana, dos industrializados aos hortifrutigranjeiros, promovendo toda uma mobilidade interna na zona urbana do município para a aquisição dos mesmos, como relatou o entrevistado, chamando a atenção para o fechamento das vendas rurais e implantação dos grandes mercados na cidade.

Uma marca importante praticada pelos habitantes rurais e urbanos de Quinta do Sol durante as décadas de 1950 até final dos anos 1980, quando podemos dizer que as mudanças e transformações que ocorreram começaram a diminuir na década de 1990, é a condição de socialização entre esses cidadãos quinta-solenses, pois como já verificamos anteriormente, apesar do trabalho árduo e cansativo, havia muitas festas religiosas, torneios de futebol, bate-papo em finais de tarde e de semana. Era uma forma de, apesar da distância entre as fazendas, se encontrarem para conversar. Essas relações criadas entre os habitantes não surgem do “dia para a noite”³⁵, são relações criadas e mantidas em resultado de um tempo necessário para se adquirir respeito e confiança. Para os que saíram do campo para a cidade as relações sociais recomeçaram.

³⁴ Relato concedido pelo senhor Sebastião Vitorino no dia 22 de Novembro de 2009.

³⁵ Expressão muito utilizada pelos entrevistados quando queriam se referir a um acontecimento muito rápido, depressa.

Nem todos os quais com que se tinham relações de confiança e respeito ficaram na cidade, portanto houve a necessidade de se adaptar a um novo ambiente em que as relações sociais tendem principalmente em cidades maiores, a se concretizar pelo profissional e econômico, como relata Endlich (2006) sobre essa questão:

No ambiente urbano, a sociabilidade tende a se concretizar com relações criadas no meio profissional, resultante das atividades econômicas, diferenciadas daquelas fundamentadas na amizade, no companheirismo e de base familiar. Ocorre de forma geral, uma secularização dos valores. Fala-se em tendências, não em transformação absoluta, pois ainda existem relações ancoradas nas mais diversas combinações. (ENDLICH, 2006, p. 162).

Conforme assinala a autora, as relações sociais urbanas não se concretizam pelos laços familiares ou pela amizade, e sim pela tendência que o mercado capitalista exige no momento, mas apesar de todas as transformações e obstáculos a qual encontraram os novos citadinos da época no município de Quinta do Sol, hoje ainda procuram manter muitas tradições que eles próprios criaram como encontros que promovem para que os “compadres possam jogar conversa fora”, como no passado, na vida no campo, como podemos observar na foto 18 - p. 128 -:



Foto 18 - Quinta do Sol - Moradores reunidos na Avenida Brasil, 1974.
Fonte - Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Quinta do Sol/histórico do S.T.R.

Portanto, apesar de alguns laços terem se perdido no processo de mudança, muitas famílias que se conheceram anteriormente ainda mantêm contato permanente, sem deixar que o tempo e as mudanças separem ou destruam esses laços construídos com respeito e admiração entre eles, podemos verificar essa situação no relato do senhor Adelino Alves Cordeiro, quando relata as suas visitas ao Otavio Pitoco³⁶ e ao Raimundão³⁷:

³⁶ Otavio pitoco é uma expressão utilizada (apelido) pela grande maioria dos quinta-solenses em referência ao Sr. Otavio Miranda Pinto, pois o mesmo perdeu as duas mãos soltando fogos.

³⁷ Raimundão, como é conhecido o Sr. Raimundo da Silva, cabeleireiro em Quinta do Sol.

Ainda hoje gosto de visitar meus amigos para conversarmos um pouco como nos velhos tempos, sempre visito o Otavio pitoco, apesar dele estar doente, sempre nos demos bem; vou sempre ao salão do Raimundão, meu amigo cearense para jogarmos conversa fora. Também é comum nos encontrarmos em alguns locais sem querer e nos reunirmos, como antigamente, claro que agora todos com cabelos brancos, mas é uma satisfação enorme estar sempre em contato com eles e a família deles [...]. (CORDEIRO, 2009).

O senhor Otavio Miranda Pinto³⁸, quando solicitado para dar a sua opinião sobre o que pensava sobre esses laços sociais construídos durante quase cinquenta anos e que ainda hoje são preservados, comenta:

Apesar de estar doente e não poder sair para visitar meus amigos, me sinto feliz porque a maioria deles vem em minha casa, nos sentamos aqui de frente para a rua e conversamos horas e horas sem parar. Falamos de muitas coisas, principalmente da época que chegamos aqui, como tudo mudou, ficamos mais velhos, mas o importante, é que não perdemos nossa amizade, respeito e carinho pelos nossos companheiros [...] Só sinto falta de não poder sair mais para visitar eles [...]. (PINTO, 2009).

A manutenção dessa sociabilidade que era peculiar ao campo encontra maior facilidade em cidades menores, portanto, apesar do mundo moderno exigir que se mudem os padrões de consumo, as relações sociais e os valores, podemos verificar que esses senhores e senhoras que construíram ao longo do tempo uma amizade sólida, baseada na cooperação que a vida no campo exigia, marcada pelo companheirismo, respeito e carinho, não mudaram o jeito de tratar as pessoas, como revela a fala da maioria dos entrevistados.

Podemos entender porque em Quinta do Sol as mudanças sociais não destruíram esses laços com a observação de Endlich (2006, p. 165) quando afirma: “Nas pequenas cidades, de maneira geral, as inovações ocorrem de maneira mais lenta, sendo estes locais onde predominam permanências por mais tempo [...]”. Essas permanências verificadas nas palavras da autora continuam a ser o elo entre esses cidadãos que procuram manter essa relação tão saudável entre pessoas.

O modo de vida, os padrões de consumo e os valores que as pessoas constroem dependem exclusivamente de vários fatores, principalmente da sociedade a que pertence e da condição de desenvolvimento e evolução da mesma, sem esquecer o meio social,

³⁸ Relato concedido pelo Sr. Otavio Miranda Pinto no dia 2 de Novembro de 2009.

portanto, tomemos como referência os habitantes de Quinta do Sol que assistiram e participaram de muitas transformações já observadas anteriormente e, ao discorrer a opinião deles em relação ao modo de vida que levam hoje, percebemos que esses habitantes são e têm história, pois presenciaram todos os reveses provocados pelo capitalismo e seus objetivos imediatos.

Tiveram a rotina mudada, o local de moradia invertido, a força de trabalho e as relações sociais transformadas em uma velocidade espantosa, mas os hábitos são alicerçados nas relações sociais e não na exigência de um modelo econômico, seja a sociedade rural ou urbana como define Endlich e Moro (2003, p. 93) quando assinalam: “Os hábitos são reflexos das relações estabelecidas no cotidiano. São construídos sob a égide da lógica que os guia, seja ela fundamentada na relação com a terra ou não”. Nesse sentido quando indagado sobre o que acha da situação em que vive hoje, o senhor Raimundo da Silva³⁹, comenta:

Hoje, eu vivo na cidade, tenho meu ganha-pão, criei meus filhos basicamente trabalhando como barbeiro, acho que não posso dizer que está melhor agora, porque em épocas anteriores, principalmente quando cheguei aqui, era mais fácil ganhar dinheiro, apesar de trabalhar bastante. Havia muito serviço, para mim posso dizer que quando trabalhei nas fazendas, se não tivesse mudado tanto por causa da geada, tenho certeza que estaria melhor, mesmo vindo morar na cidade. Hoje tenho uma casa de madeira. Ainda não consegui construir uma de material, mesmo tendo ficado vários anos fora de Quinta do Sol, quando me mudei para São Paulo, são mais de 50 anos e, a casa continua de madeira, não posso reclamar, mas hoje, poderia estar melhor [...]. (SILVA, 2009).

Pelo relato do senhor Raimundo da Silva, podemos notar que apesar de ter conseguido construir uma condição razoável de sobrevivência na cidade trabalhando como barbeiro, criando sua família como diz, notamos que ainda sente saudades do tempo em que vivia no campo, nas fazendas, época em que era mais fácil ganhar dinheiro, por isso as mudanças e transformações socioespaciais ocorridas não conseguiram modificar a forma de pensar e a opinião desses habitantes, como a do senhor Raimundo da Silva.

Ainda sobre a situação atual comparada com a anterior, o senhor Florival Peres de Marcos, morador urbano que chegou a Quinta do Sol para ser comerciante ainda

³⁹ Relato concedido pelo Sr. Raimundo da Silva no dia 27 de Agosto de 2009.

mantém uma das casas de variedades mais tradicionais - Casa dos Retalhos - comenta sobre o assunto:

Cheguei aqui em Maio de 1966, sozinho, e já montei a Casa dos Retalhos e fixei moradia na cidade. Posso dizer que apesar de todas as mudanças ocorridas aqui, as coisas poderiam estar melhor sim, para mim, pessoalmente melhorou muito, consegui construir minha casa, comprar alguns bens e estudar meus filhos. Mas apesar de estar um pouco melhor, poderia estar bem melhor, não senti tanto os problemas porque não dependia do café, mas senti no meu comércio o que aconteceu por aqui. A minha vida mudou bastante, aprendi muita coisa e vi muita coisa, boa e ruim, mas acho que a situação poderia ser bem melhor, principalmente para algumas famílias que perderam tudo com a crise do café [...]. (MARCOS, 2009).

O senhor Paulo Martins Netto⁴⁰ comenta sobre a atual situação comparada à anterior, principalmente levando em conta todas as transformações ocorridas na sua vida, antes trabalhador e morador rural, depois trabalhador rural e morador urbano, e agora morador urbano e aposentado:

A minha vida passou por muitas coisas, coisas boas e ruins, na época em que trabalhei e morei nas fazendas havia muita fartura, tanto de alimento, frutas como de gente. Depois acabei vindo para a cidade e ainda trabalhei nas fazendas como diarista, já não estava tão bom como antes, porque a gente não tinha nenhuma garantia do trabalho, podia trabalhar hoje, amanhã não, e ainda tinha os gatos que explorava muito a gente. Na época das fazendas de café, existia segurança no trabalho, eu ficava tranquilo porque sabia que iria continuar plantando pés de café. Hoje, sou morador na cidade, estou aposentado, mas acho que a vida da época antiga lá pelos anos 60 e 70 era bem melhor que a de hoje, apesar de ter melhorado bastante, tenho minha casa, de material, antes era uma casinha de madeira de chão batido. Tenho mais saudades dos amigos, das festas e da amizade, pois hoje, apesar de nos encontrarmos sempre, muita coisa mudou [...]. (NETTO, 2009).

Podemos notar que o senhor Paulo Martins Netto, apesar de relatar que está bem melhor a sua condição de vida atual, às vezes se reporta aos anos 1960 e 1970 para chamar atenção à condição de vida rural que levava sem medo de ser demitido de suas funções. Ao passar pela crise do café e procurar outro local de residência e outra forma de trabalho - bóia-fria - já não tinha mais nenhuma segurança, o que antes era sua tranquilidade. Ele procura enfatizar que as coisas mudaram bastante, sempre comentando as épocas áureas de morador na fazenda e a tranquilidade, apesar da rotina

⁴⁰ Relato concedido pelo senhor Paulo Martins Netto no dia 15 de Setembro de 2009.

de esforço árduo plantando pés de café. Alguns pequenos proprietários rurais também passaram por essas transformações e sentiram, durante o processo de mudança, a falta de assistência dos órgãos públicos, para poderem manter suas propriedades e não vender ou entregar como pagamento de dívidas. O senhor Sebastião Vitorino⁴¹, proprietário de lote rural, que cultivou hortelã e café e presenciou todos os momentos já relacionados comenta:

Trabalhei na roça até quando pude, depois da crise do café e do final da hortelã, me mudei para a cidade e comprei um lote, construí minha casa e na quis mais ser agricultor. Não vendi minha propriedade, apesar de ser pequena tem um valor muito especial para mim, pois comprei com muito esforço. Minha vida mudou bastante, hoje para mim está um pouco melhor, sou taxista e não dependo da terra para sobreviver, por isso para mim foi a melhor coisa que fiz, apesar de ter saudade daqueles tempos em que vivia no campo, era mais tranquilo, mas não posso reclamar, porque nem todos fizeram o que fiz, alguns amigos meus venderam suas terras e hoje estão sem nada, nem serviço tem [...]. (VITORINO, 2009).

No que se refere o entrevistado ao dizer que não vendeu sua propriedade para pagar dívidas ou aos latifundiários, não temos na mesma situação o senhor Otavio Miranda Pinto quanto ao seu sítio nas Três Vendas. Quando se desvinculou do campo e foi para a cidade, diferentemente do senhor Sebastião Vitorino, vendeu sua propriedade e foi tentar a vida na cidade. Quanto a esse fato que transformou a sua vida, antes totalmente rural para urbana, o senhor Otavio Miranda Pinto⁴², diz:

A minha vida mudou muito depois que resolvi sair do campo e ir para a cidade, vendi minha pequena propriedade e fui tentar melhorar na cidade. Não dava mais para ficar no sítio sem conseguir produzir nada, não tinha mais hortelã, nem café, produzir soja era muito caro. Peguei o que recebi do valor da venda e comprei um lote urbano bem no centro, na principal avenida. Hoje posso dizer que fiz a coisa certa, mesmo tendo que vender meu sítio, pois consegui até agora criar meus filhos e estudar todos eles. Não me sobrou muita coisa só o lote que comprei, mas acho que naquele instante de muita confusão, acho que fiz a escolha certa [...] Não posso dizer que estou melhor que antes, era a vida que gostava, mas foi necessário [...]. (PINTO, 2009).

Nas condições trazidas pelo processo de transformação econômica, que resultaram em diversas implicações socioespaciais, como a inversão de local de moradia

⁴¹ Relato concedido pelo Sr. Sebastião Vitorino no dia 22 de Novembro de 2009.

⁴² Relato concedido pelo Sr. Otavio Miranda Pinto no dia 2 de novembro de 2009.

e perda da propriedade - muitas vezes para pagamento de dívidas -, muitos proprietários fizeram como alguns dos entrevistados, pois nesse novo modelo econômico produtivo a pequena propriedade não era de grande valia, teria que ser anexada a outra maior, portanto, nem todos os proprietários pequenos e médios tiveram a mesma oportunidade dos dois entrevistados, escolher se queriam ou não vender suas terras. A maioria das famílias que hoje residem nos setores mais críticos da cidade, os setores 2, 3 e 4, já verificados anteriormente na figura 12 - p. 86 -, que estão na periferia da cidade, ainda estão vivendo em condições precárias, sem infra-estrutura adequada e são trabalhadores diários que, geralmente, têm no corte de cana a única opção de obter alguma renda e continuar vivendo no município de Quinta do Sol.

O trabalho na atividade sucroalcooleira ocorre por meio de contratação da usina Sabaráálcool, com sede em Engenheiro Beltrão. Quando indagados sobre o que mudou na vida deles comparado com a vida que levavam nas fazendas no tempo da produção do café, a maior parte comenta que, se pudessem e tivessem condições de voltar ao período anterior e escolher se queriam ou não sair - o que não aconteceu, pois em sua maioria foram demitidos de suas funções na época -, jamais teriam saído daquela condição de vida, principalmente pela garantia do serviço, da moradia e da demanda da mão-de-obra existente e dos laços de amizade construídos.

Um fato que chamou a atenção foi o relato de que várias pessoas, de diversas famílias e de setores diversificados da cidade, ainda mantêm contato entre si, se encontram periodicamente quando não estão trabalhando, principalmente nos finais de semana, para conversarem e colocarem em dia os acontecimentos. São várias as manifestações nesse sentido, principalmente quando retornam de suas atividades na usina Sabaráálcool, por volta das dezesseis horas. Segundo eles, chegam, tomam banho e se mobilizam para fazer o que mais gostam: conversar, fumar um palheiro, tomar uma birita, brincar, etc.

Portanto, para essas pessoas que tiveram suas vidas transformadas por acontecimentos que não são exclusivos de Quinta do Sol, mas de toda a região norte paranaense, o que ficou de mais importante foi a manutenção de hábitos, tradições e costumes criados em tempos de vida rural, são laços que uniram famílias de diversas regiões do Brasil, principalmente nordestinos, paulistas, mineiros e paranaenses, que criaram um universo entre eles de respeito e admiração, passando isso para as novas gerações e criando um marco na cultura local. Isso pode ser traduzido na solidariedade entre os habitantes.

Mesmo se tornando moradores urbanos, sofrendo transformações que afetaram diretamente sua condição de vida, eles mantiveram elementos herdados daquela sociabilidade anterior. Como foi possível perceber pelos relatos, essa manutenção não se refere à forma de produção, o tipo de relação de trabalho e mão-de-obra atualmente utilizada, tampouco quanto à forma e volume de consumo. A manutenção que aqui se destaca é também aquela que para eles é mais importante do que a condição material, marcada pelas características das relações e interações sociais, marcadas pela amizade sincera e duradoura que persiste em meio às mudanças, formando um elo entre as pessoas residentes no município de Quinta do Sol.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo desenvolvido permitiu constatar o que aconteceu com boa parte da população do norte paranaense, principalmente a rural. Todas as transformações que ocorreram durante as décadas de 1950, 1960, 1970, 1980 e final dos anos 1990 levaram parte dessa população a deixar, num primeiro momento, sua terra natal - principalmente os migrantes do Nordeste, de Minas Gerais e do interior de São Paulo - com o sonho de riqueza, às vezes levados por propagandas de que o Norte do Paraná era o lugar para encontrar o “eldorado” sonhado.

Com referência à chegada dos primeiros habitantes ao município de Quinta do Sol, observamos que todo esse processo aconteceu devido à grande produção cafeeira que o Brasil alcançava nos anos 1950 e, necessitando de melhores colheitas, estruturou todo um processo no Norte paranaense com fazendas-modelo que recebiam trabalhadores de todos os lugares do país, principalmente das regiões já citadas.

Com a chegada de trabalhadores de todos os cantos do país teremos a origem, evolução e a formação da Vila de Quinta do Sol a partir do ano 1951. A partir desse momento se instalaram no espaço que atualmente é o município de Quinta do Sol diversos migrantes, principalmente nordestinos, mineiros, paulistas e paranaenses que trabalharam, desenvolveram e deram condições para a instalação do novo município, que contou com o apoio e o aval do governo do estado do Paraná, à época.

Na perspectiva da consolidação do novo município destacamos a economia sustentada pela hortelã e em maior grau pelo café. Nessa época, em torno de 1950-1960 tudo girava em torno desses dois cultivos, toda a estrutura montada atendia especificamente essa produção, principalmente o café, pois a hortelã era cultivada concomitantemente, com importância menor em escala regional, mas com grande importância econômica em escala local, fato destacado em parte específica desta pesquisa. Verifica-se então todo um processo que ocorre de forma acelerada e se estende até as grandes geadas que atingiu o Norte do Paraná, principalmente a de 1975, que dizimou quase toda a plantação de café da região.

Nesse contexto, toda a estrutura montada ruiu e junto com todos esses acontecimentos muitos sonhos foram destruídos, a população rural, que dependia da produção do café, ficou sem trabalho, as fazendas demitiram em grande escala e esses trabalhadores se deslocaram para a zona urbana ocasionando sérios problemas em

algumas pequenas cidades, como foi o caso de Quinta do Sol, que teve um grande aumento em sua população urbana.

Analisando a condição em que esses trabalhadores ficaram e como foram alojados no novo espaço de moradia percebemos graves conseqüências, nem todos podiam comprar ou alugar uma casa na cidade, não existia trabalho para todos, a estrutura da cidade não atendia a demanda que ora se apresentava. Muitos dos trabalhadores que vieram do campo se alojaram na cidade, em locais de pouca estrutura, criando bairros pobres e passando a trabalhar agora como bóias-frias, surge então uma nova tipologia de mão-de-obra no município, pois até então, quase todos tinham trabalho fixo com garantias e moravam nas fazendas de café.

Quanto ao modo de vida, em contraposição aquele jeito tranquilo de viver, ainda que marcado por muito trabalho, observa-se que se preservam na sociabilidade local, entre os novos citadinos, valores próximos aqueles da vida rural, baseados em laços humanos mais próximos, valorizando os amigos, os bate-papo nos finais de tarde, a fé religiosa, e mesmo morando na cidade, tendo sofrido todas as transformações econômicas, sociais e culturais, eles mantiveram esses traços, não perdendo durante os anos aquela condição da vida rural, ainda que agora com mais dificuldades.

É sabido que o processo de urbanização apresenta intensas implicações na sociabilidade humana, diluindo valores de vínculos familiares e de amizade e reforçando os vínculos secundários, marcados pelas relações profissionais e outras que se estabelecem principalmente em cidades maiores. O espaço como um todo tem sua sociabilidade afetada, entretanto, o que se observa em pequenas cidades como Quinta do Sol é que essas modificações são bem menores. Preservam-se nas relações sociais muitas características da sociabilidade que marcavam os valores da vida rural, ainda que as pessoas agora vivam em espaços urbanos. Em parte essa sociabilidade se explica pela solidariedade, principalmente nas áreas urbanas ocupadas por trabalhadores.

Portanto, todas as transformações socioespaciais ocorridas no Norte do Paraná e, especificamente em Quinta do Sol, transformou toda uma estrutura econômica montada para atender o mercado externo, primeiro com a produção de café, depois com a produção de soja, trigo e milho. Isso mudou a vida dos trabalhadores que dependiam dessa mão-de-obra rural que, apesar de terem passado por todas as dificuldades já citadas, mantiveram seus hábitos, costumes e manifestações culturais, mesmo que com algumas alterações, mas ainda fazem questão de viver como em épocas que para eles foi uma fase de amizade, sinceridade e solidariedade entre as pessoas.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, R. Transformações na vida camponesa – O sudoeste paranaense. Dissertação de Mestrado. USP, 1981.

ALEGRE, Marcos. MORO, Dalton Áureo. A mobilidade da população nas antigas áreas cafeeiras do norte do Paraná. In: Boletim de Geografia – UEM – ano 4 – nº. 1, Janeiro de 1986.

ALBERTI, V. História oral: a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989. 202 p.

ARRUDA, Gilmar. Cidades e sertões: entre a história e a memória. Bauru-SP: Edusc, 2000.

CAMARGO, A.; D'ARAÚJO, C. Como a história oral chegou ao Brasil, (entrevista). História oral. Rio de Janeiro, v. 2, n.4, p.167-179, 1999.

CÂNDIDO, A. Os parceiros do Rio Bonito: estudos sobre o caipira paulista e as transformações dos seus meios de vida. 2. Ed. São Paulo; Duas Cidades, 1971. C.M.N.P. (Companhia Melhoramentos Norte do Paraná), 1975. Colonização e desenvolvimento do norte do Paraná. Maringá, C.M.N.P.

CARDOSO, Ciro Flamarion. Repensando a construção do espaço. Revista de História

CORNÉLIO, Pires. Conversas ao Pé do Fogo, respectivamente pp. 11-17, 19-26, 27-31, 33-55. Em sentido diverso do empregado aqui, encontro a expressão cultura caipira, em Alberto Rovai, “O Poema da Raça Caipira”, Letras da Província, Limeira, 1953.

CORRÊA, R. L. Rede urbana e formação espacial – uma reflexão considerando o Brasil. In: CORRÊA, R. L (org). Estudos sobre a rede urbana. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

DEBERT, G. – “Problemas relativos à utilização da história de vida e história oral”. Em: DUHAM, E.R. (org.) – A aventura antropológica: teoria e pesquisa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

DEBERT, G.G. Problemas relativos à utilização da história oral de vida e história oral. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. M. Usos & abusos da história oral. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001. 304 p.

ELIAS, Jamil. Fatos do meu Paraná. 1971, Volume 1.

ENDLICH, Ângela Maria. Pensando os papéis e significados das pequenas cidades do Noroeste do Paraná / Ângela Maria Endlich. – Presidente Prudente: [s.n.], 2006.

FERREIRA, João Carlos Vicente, 1954 – O Paraná e seus municípios/João Carlos Vicente ferreira. – Maringá, PR: Memória Brasileira, 1996.

GRELE, R. J. Pode-se confiar em alguém com mais de 30 anos? Uma crítica construtiva a história oral. In: AMADO, J.; FERREIRA, M.M. Usos & abusos da história oral. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001. cap. 4, p. 267-277.

IBGE. Brasil e Regiões - População Rural e Urbana, 1940-2000 (%).

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico - 1960, 1970, 1980, 1991, 1996, 2000 2007.

IBGE, 2007. Quinta do Sol - População Total, Rural e Urbana, 1960-2007.

IBGE - Quinta do Sol - População Total, Urbana e Rural, 1960-2009.

IBGE. Base Cartográfica 2007. Quinta do Sol. Conjuntos Habitacionais, 1983-2008

IBGE. Quinta do Sol. Localização e Limites municipais, 1992.

IBGE. Base Cartográfica. Carta do IBGE, 1992. Quinta do Sol - Distribuição da população na zona urbana do município, 2009.

IBGE. Atlas Nacional do Brasil, 2000. p.76.

IBGE, 1999. v. 58./IBGE. Censo 2000. Anuário Estatístico do Brasil 1988. Rio de Janeiro: Disponível em - www.ibge.gov.br. Acesso em 22 dez.2009.

IBGE, IPARDES. Quinta do Sol - Produto Interno Bruto (PIB) Per capita e A Preços Correntes, 2006. NOTA - Nova metodologia - Referência -2002.

IBGE, 2007. Base Cartográfica. Quinta do Sol - Planta da cidade, elaborada em 1970.

IBGE. Base Cartográfica 2007. Quinta do Sol -Setor 5 - Distribuição da população na zona urbana, 1980.

IBGE. Quinta do Sol. Produção Agrícola Municipal, 2007. Dados estimados (2009)

IBGE – Quinta do Sol. Pecuária Municipal (2009).

IBGE – Quinta do Sol. Censo Demográfico – Resultado da amostra
NOTA - PEA de 10 anos e mais.

INCRA - Quinta do Sol - Estrutura Fundiária, 1970-1995.

INCRA - Coordenadoria Regional do Paraná. In: Diagnostico fundiário. S.1: INCRA, 1984.

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL.
Consequências sociais das transformações tecnológicas na agricultura do Paraná.
Curitiba: IPARDES, 1985.

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL.
O Paraná reinventado: Política e Governo. Curitiba: IPARDES, 1989.

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL.
Imagens Estatísticas do Paraná 1990. Curitiba: IPARDES, 1991.

INCRA - Quinta do Sol - Estrutura Fundiária, 1996-2005.

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL.
Subdivisão, posse e uso da terra no Paraná. Curitiba: IPARDES.

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO.
Perfil dos municípios paranaenses/2008.

JOUTARD, P. História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: AMADO, J.; FERREIRA, M.M. Usos & abusos da história oral. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001. cap. 4, p. 267-277.

KOHLHEPP, G. Mudanças estruturais na agropecuária e mobilidade da população rural no Norte do Paraná (Brasil). Revista Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro, 1991.

LEFEBVRE, H. O direito à cidade. São Paulo: Documento Ltda, 1969.
(Título original: Le droit à La ville).

_____. A produção do espaço. Paris: Armand Colin, 1974.

_____. De lo rural a lo urbano. 3. ed. Barcelona: Ediciones Península, 1975.
Tradução de Du rural à l'urbain.

_____. A revolução urbana. Trad. Sérgio Martins. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.

_____. Ao redor do ponto crítico. In: LEFEBVRE, H. O direito à cidade. São Paulo: Centauro, 2001.

LUZ, France. O fenômeno urbano numa zona pioneira: Maringá.
Maringá: Gráfica Municipal de Maringá, 1997. (Dissertação de Mestrado – USP, 1980)

MAACK, Reinhard. Geografia física do Estado do Paraná. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1981.

Maringá Espaço e Tempo. Ensaio de geografia Urbana / Dalton Áureo Moro,
organizador. - Maringá; programa de Pós-Graduação em geografia – UEM, 2003.

MARTINS, J.S. Expropriação e violência; a questão política no campo. 25. ed. São Paulo: Hucitec, 1982, 181 p.

MEIHY, J.C.S.B. Manual de História Oral. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1998. 86 p.

MORO, Dalton Áureo. Aspectos geográficos da modernização agrícola, no norte do Paraná. In: Boletim de Geografia. Ano 13 – número 1 – 1995.

_____. Desenvolvimento econômico e dinâmico espacial da população no Paraná contemporâneo. In: Boletim de Geografia da Universidade Estadual de Maringá, Ano 16 – Número 1 – 1998.

MTE - RAIS. Quinta do Sol - Número de estabelecimentos e Empregos segundo as Atividades Econômicas, 2007. NOTA - Posição em 31 de Dezembro.

PADIS, Pedro Calil. Formação de uma economia periférica: o caso do Paraná. São Paulo: Hucitec, 1981.

ROLIM, C.F.C. O Paraná Urbano e o Paraná Agrobusiness: As dificuldades de Formação de um Projeto Político. Revista Paranaense de desenvolvimento. Curitiba: IPARDES. N 86, set/dez 1995, p. 49-99.

SANTOS, M. A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção. 2ª Edição. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____. As cidades locais no Terceiro Mundo: o caso da América latina. In: Santos, M. espaço e Sociedade. Petrópolis: Vozes, 1979.

_____. Urbanização Brasileira. São Paulo, HUCITEC, 1979.

_____. O espaço do cidadão. São Paulo: Nobel, 1987.

_____. A urbanização brasileira. São Paulo: Hucitec, 1993.

_____. A natureza do espaço habitado, técnica e tempo, razão e emoção. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

_____. A Natureza do Espaço; Técnica e Tempo, Razão e Emoção/Milton Santos. – 4. Ed. 2. reimp. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. – (Coleção Milton Santos; 1)

SCARLATO – FRANCISCO, C. População e Urbanização Brasileira. In: ROSS, J. L. S. Geografia do Brasil.-5.ed.rev.e ampl.- São Paulo ; editora da Universidade de São Paulo, 2005.- (Didática 3).

SPÓSITO, Maria Encarnação Beltrão; WHITACKER, Arthur Magon. Cidade e Campo: relações e contradições entre o urbano e o rural. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

TRINTIN, J. G. A economia paranaense: 1985-1998. Tese (Doutorado). São Paulo, Campinas. 2001. UNICAMP – IE.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. História do Paraná. 10. Ed. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2002.

FONTES ORAIS

CORDEIRO, Adelino Alves.

FILHO, João Romero.

MARCOS, Florival Peres.

NETTO, Paulo Martins.

PINTO, Otávio Miranda.

SILVA, Raimundo da.

VITORINO, Sebastião.

APÊNDICE

APÊNDICE A – Roteiro de entrevistas apresentado aos pioneiros relacionados no trabalho.

Roteiro de Questionamentos nas entrevistas:

- 1) Em que ano e município nasceu?
- 2) Vivia na zona rural ou na zona urbana do município de naturalidade?
- 3) Se na zona rural, que tipos de culturas cultivavam para a sobrevivência?
- 4) Se na zona urbana, que tipo de trabalho
- 5) Quais motivos os levaram a deixar a terra natal e procurar o Estado do Paraná?
- 6) Como ficaram sabendo da chance de melhoria de vida no estado do Paraná (Norte do Paraná)?
- 7) Quando chegou e, em qual município?
- 8) Quando chegou a Quinta do Sol, como era o local?
- 9) Qual a procedência das famílias que encontraram quando da chegada, em maior número (nordestinos, paulistas, mineiros ou outros)?
- 10) Quanto ao trabalho, em que tipo de serviço foi trabalhar na nova terra?
- 11) Que tipo de lembrança tem da verdadeira origem do nome da cidade de Quinta do Sol?
- 12) Que tipo de produto era cultivado quando chegaram à nova terra?
- 13) Como era a vida sua e dos moradores do novo município de Quinta do Sol?
- 14) Quais os costumes e hábitos foram se criando e desenvolvendo pelos novos moradores?
- 15) Na política, a partir da emancipação (1964), qual lembrança tem das autoridades primeiras de Quinta do Sol?
- 16) Quanto à cultura da Hortelã, qual lembrança tem da chegada da mesma nas fazendas do município e até quando esse produto foi cultivado? Para onde ia o produto pós-colheita? Que tipo de transporte era utilizado?
- 17) O que motivou o declínio da Hortelã e o rápido crescimento da cultura do Café em Quinta do Sol?
- 18) Nos anos de Café como produto principal, aumentou o número de trabalhadores? De onde vinham? Fixavam-se na cidade ou no campo?
- 19) Quanto aos costumes e hábitos diários dos quintasolenses houve alguma modificação?
- 20) Na questão da crise do café, como ficou a situação das fazendas produtoras e das pessoas que trabalhavam e dependiam do cultivo desse produto?
- 21) Tem alguma lembrança da quantidade de pessoas que deixaram o campo e foram embora para outras cidades vizinhas?
- 22) Em sua opinião, como esta vendo o desenvolvimento do município após todos esses fatores econômicos, políticos, culturais que atingiram a população residente?
- 23) O que mudou em sua vida a partir do momento em que deixou de ser um morador e trabalhador rural e, se tornou morador urbano?
- 24) A mudança de local de moradia e de trabalho foi melhor na sua condição de vida?
- 25) Que lembranças têm dos tempos em que chegaram se instalaram em Quinta do Sol? Hoje, como está essa condição comparada ao tempo a anterior?